

3 1761 07046280 9

POESIAS LYRICAS

SELECTAS



POESIAS LYRICAS

SELECTAS

DE

Luiz de Camões

PUBLICADAS

PELA

V. de V. M.



COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1876

PQ
9196
L9
1876



AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

VISCONDE DE JERUMENHA



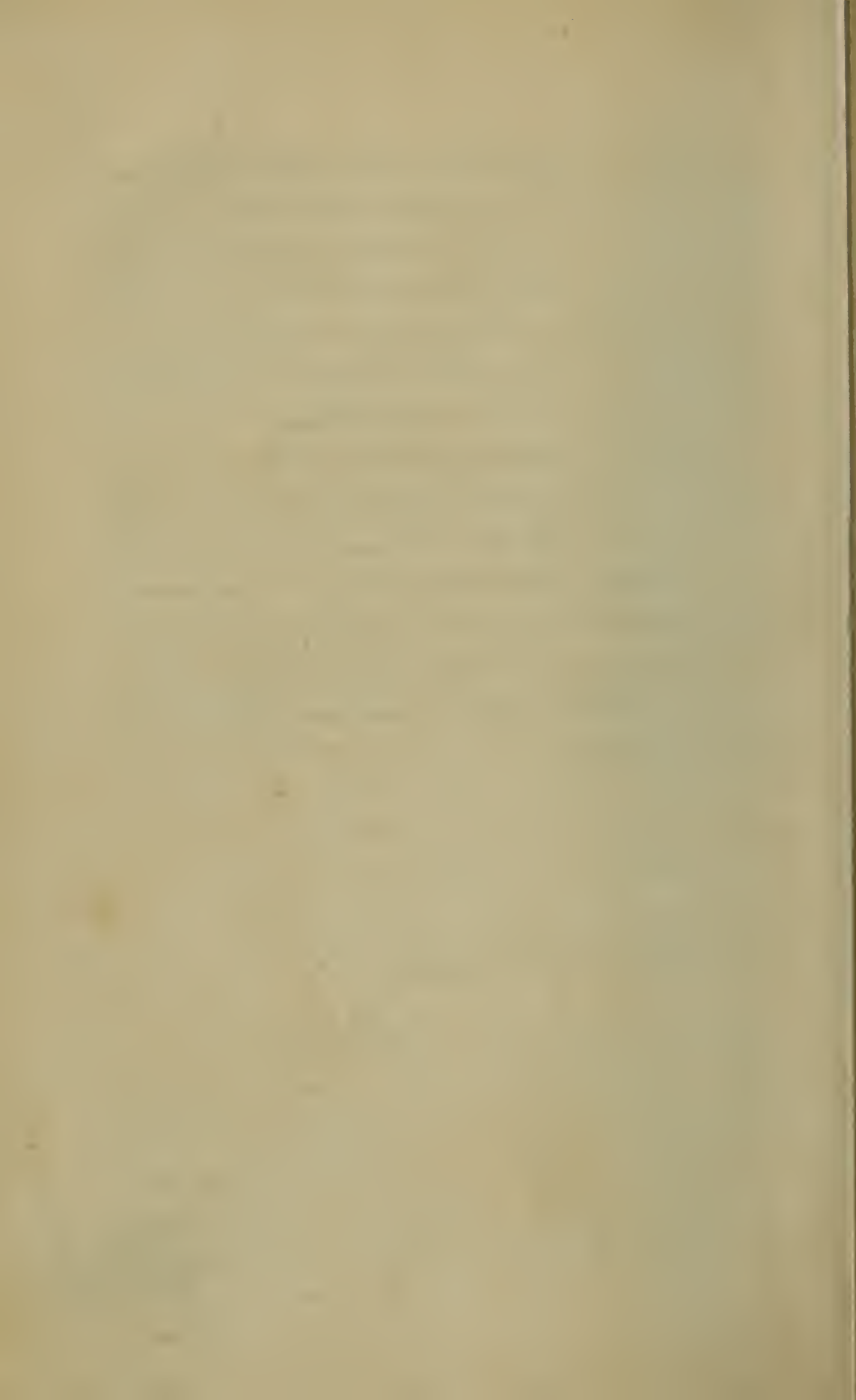
A par de um valioso trabalho, e em quanto uma consciencia honesta investigou muito para muito saber, a fim de proseguir em seu nobre intento; em quanto a mais escrupulosa verdade sujeitou um delicado sentir, um entusiasmo sincero, afastando assim a natural parcialidade; em quanto se formava um livro, que justamente devemos admirar, já pelo elevado assumpto que tracta, já por ser escripto num estylo facil, que agradavelmente convida a ser lido, e ao qual não faltam os adornos e preceitos da arte, nem o sentimento que a alma move e prende; em quanto se escrevia, confessamol-o, a melhor biographia do nosso poeta Camões: alguém, que por todo estudo só imaginava no que lia, que só reflectia e

aguardava no mais claro de seu espirito essas impressões, que se lhe infiltram formando uma especie de oasis, sempre rica de verdura e frescor, neste requeimado turbilhão da existencia! alguém, digamos, a quem pezava ver que seu pensamento havia de passar tão rapido como a vida, lançou sobre umas folhas ainda brancas as côres que, por vivas, lhe feriram mais a vista, e as lembranças que, por dolorosas, lhe cahiram mais no coração. Se ousámos escrever uma noticia, e fazer uma apreciação livre da vida e character de Luiz de Camões, esperamos que a mais profunda admiração sirva de salva-guarda a tamanha ousadia, e nos resgate do atrevimento. Depois tentámos ainda mais: fizemos selecção do mais apurado das poesias lyricas do nosso immortal Poeta, formando d'ellas um só volume, por julgar que assim ficam mais ao alcance de muitas intelligencias, que têm sem duvida a capacidade de as entender, mas não a paciencia necessaria para indagar, por entre milhares de versos, quaes os seduzem e lhes agradam mais.

Se um bom exito favorecer nosso desejo, se a propagação de mais um bom exemplar podesse servir de correctivo contra algumas imperfeições de linguagem e abusos de fórma: se a leitura d'aquellas paginas, bem devéras portuguezas, podesse adquirir, para imaginações muito novas ainda, um gosto mais

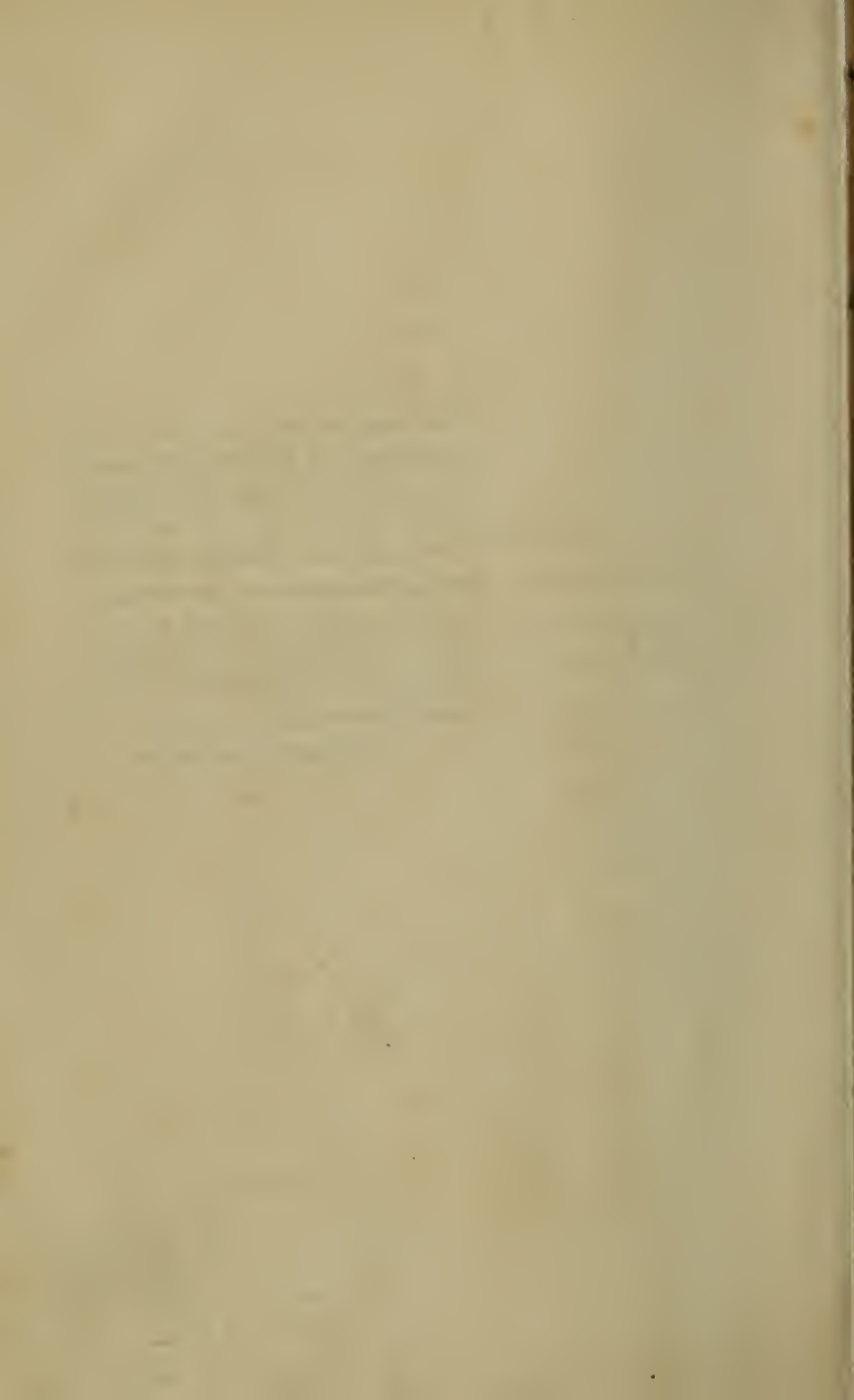
severo que presidisse ás suas obras, tornando-as assim menos ephemeras para quem escreve e mais uteis para os que lêem: teriamos então alcançado muito do que ambicionamos, levando nós, obreiro humilde, tambem uma pedra para a grande obra da civilisação: por alheia não acharemos que nos pese, e por pequena não será menos preciosa.

Lisongeiro é sempre marchar a par de um nome respeitavel, ainda que por differentes veredas: e, sem duvida, do Sr. Visconde de Jerumenha esperamos favor e desculpa, lembrando-se elle que o peregrino, que a distancia o seguia, lançava algumas flores sobre o caminho que ambos trilhavam para chegar ao mesmo fim, pagando assim o tributo por nosso pensamento requestado.



Moi aussi, en jetant les yeux sur la terre entière, si je ne voyais plus un seul point où je pusse placer une espérance, un seul flot où je pusse aborder sans y trouver mon maître, une seule chance de salut pour ma pensée, un seul élément de vie pour y respirer, un seul pic de rocher pour y être moi-même, je ferais comme l'Océanien. Je m'assiérais sur la rive et je me laisserais mourir.

E. QUINET — *La Création.*



Ao Leitor

Através das vicissitudes da existencia, no meio dos mais dolorosos transes, sentimos quasi sempre alguma esperança que nos soccorre, vemos alguma luz que nos guia, e achamo'-nos ligados ao mundo não só pelos laços da familia, da amizade, mas tambem por essa occulta e invisivel sympathia, que é um dos imans da vida, que mysteriosamente nos attráe, e nos leva a crêr — que as lagrimas sinceras são as perolas que Deus aceita, que um echo responde pelo mundo a nossos lamentos, que as idéas se reproduzem de espaço em espaço, formando essa magica cadeia que liga um pensar a outro pensar, um sentir a outro sentir, e que nos dá a certeza de que ao nosso espirito correspondem outros, silphos bem-fazejos que não vimos, mas que presentimos! D'ahi nos vem esta necessidade da palavra escripta, que vai, qual semente levada pelo Oceano, procurar um

abrigo onde fructifique, quer seja porque um pensamento a decifrou, ou porque um coração lhe deu alento. Assim, nada mais natural e perdoavel do que esta expansão dos que soffrem, já pelos revézes da sorte, ou pelos padecimentos que lhes vão roubando depressa a vida; e não menos por esta natural aspiração da alma, que sempre ao longe tenta procurar o seu infinito!

Na breve noticia que adeante damos da vida de Luiz de Camões, e na selecção que fizemos de suas poesias, desejamos sinceramente que ninguem veja um estudo: e se a critica nos fôr por extremo severa, diremos—os criticos têm razão, porque pouco diz quem pouco sabe; e se com benevolencia fôr acolhida a nossa tentativa litteraria, tanto mais nos li-songeia, que neste pequeno trabalho a inspiração é tudo, a sciencia acanhada.

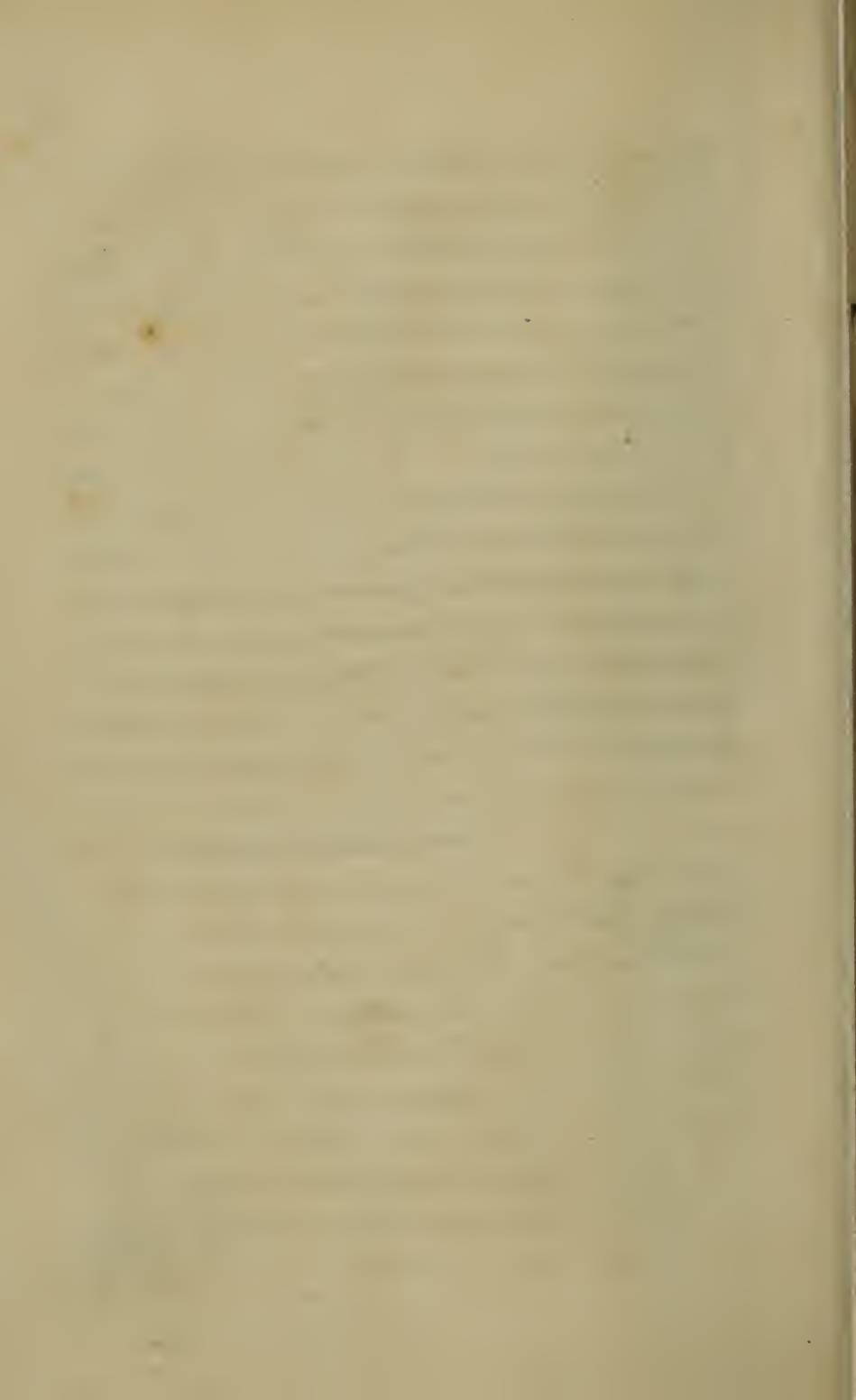
Na nossa primeira viagem á Provincia de Trás-os-Montes, alguém de familia, a quem devemos e retribuimos muita estima e amizade, nos brindou com uma edição das obras de Camões, por Manoel de Faria e Sousa. Por esse tempo nada conheciamos das lyricas do grande Poeta; e, como se nos despertára a curiosidade sobre todas as suas obras, começámos de as lêr com mais attenção do que seguimento; e meramente por um habito, que desde a infancia con-

trahimos, iamós marcando folha a folha, e dia a dia, qualquer poesia que mais apreciavamos.

Depois de terem decorrido muitos annos, e quando justamente se começava a fallar no apparecimento da Obra do sr. Visconde de Jerumenha, occorreu-nos a idéa de fazer uma selecção e de escrever a breve noticia que hoje apparece a publico, e que o mais acerbo padecimento, e os mais profundos golpes, nos tinham feito desleixar e esquecer. E agora, para não imitar de todo o viajante, que, ao cahir do dia, vendo o sol a sumir-se no horizonte, sentado junto á cruz, que no seu caminhar encontra e lhe indica a redempção, erguendo tambem singela prece, aqui deixamos inscripto um nome, que elle por ventura gravaria no pó, e que o mais leve sopro varreria!

Viscondessa de Villa-Maior.

Coimbra, 24 de Julho
de 1875.



Introduccão

I

Vai-se o pensamento calmando, aquietando logo que se deixam os grandes tumultos, as grandes cidades, os grandes fòcos da civilisação — campo vasto, immenso, onde tudo se elabora, onde as intelligencias lutam, soffrem, e sahem victoriosas da incessante fusão do espirito humano, fazendo surgir as grandes maravilhas da arte, as descubertas da sciencia, e por fim mostrando ao mundo os fachos luminosos do progresso. Porém, como diziamos, ao passo que nos desprendemos do turbilhão, e quando já se alarga o circulo de idéas alheias e extranhas, que nos rodeavam, então claramente sentimos renascer uma outra ordem de sensações. Á medida que nos isolamos cresce o sentimento da nossa individualidade; á medida que nos concentramos, surgem mais fortes as nossas impressões. A reflexão torna-se mais intima, a analyse mais descuidada para o homem

que caminha pelo mundo, de espaço em espaço, de terra em terra. Segue-o comtudo a incançavel curiosidade, despertadora da imaginação, transporta-lhe o pensamento que revôa então livremente, encontrando, quasi sem as buscar, mil idéas que o assaltam. Sombras tristes do passado, inquietações no presente, esperança ou duvida no porvir ! E pouco a pouco se lhe vai infiltrando um sentimento que em si abrange todos os outros — sentimento que diz humanidade, que diz fraternidade, que diz familia, que diz amor, que diz maldição n'um grito de vingança, que diz morte n'um grito doloroso, que diz céu, patria, liberdade, n'um grito de entusiasmo e sentimento, que nos faz amar as terras, os lares de nossos irmãos, ainda os mais remotos e afastados ; sentimento grandioso e sublime quando o generalisamos e que fica sempre sublime e grande, ainda circumscripto á nossa nacionalidade !

Assim temos para nós que o melhor modo de estudar a historia de um povo, de um paiz, de um rei, de uma epocha, que a melhor maneira, digamos, de personificar a historia, de conhecer os grandes vultos que a enobreceram, é, e será sempre, o estudo dos monumentos, e o conhecimento dos sitios, das localidades aonde se practicaram acções notaveis. Os crimes, as cobardias tendem a esconder-se : e a posteridade, pelo dó e vergonha dos que

foram, vai destruindo pouco a pouco os instrumentos do mal, e lançando fóra de si o que na memoria de todo quizera apagar. Porém os livros e as tradições succedem-se : com espanto lemos e ouvimos o que foi cruel, vil e abjecto; mas, d'essa maneira, o mal nos passa rapido pela vista, resvala pelo pensamento, que vai sacudindo, como inportunas, essas horrendas visões; não succede assim ao que a providencia guardou : semelhante ao astro, que, inda depois de apagado, deixa após si um rasto luminoso, a memoria das grandes glorias, dos grandes sacrificios, e os grandes e sublimes infortunios não se ofusca nem envilhece com os seculos, e de contrario nos parece que a fama da virtude é chamma, que, no mais durar, se apura e brilha. Deus diz á pedra : não te desfaças em pó até que outro padrão se alevante ; — diz á pintura : não te apagues em quanto não brilharem outras côres ; — diz ao cedro : sustenta-te para que o mundo te contemple.

II

O nosso paiz, ainda hoje um pouco excepcional na Europa, conservava ha vinte annos, apezar das guerras que o tinham dilacerado, ou talvez mesmo em virtude d'ellas, uma originalidade, um cunho de an-

tiguidade, que surprehendia quem pela vez primeira transpuzesse os muros da capital. Embora a impressão recebida fosse agradavel para uns, curiosa para outros, não é menos verdade que a mudança era notavel e a transição rapida. Tudo conservava seus vestigios, aqueductos, pontes e vias romanas: torres e castellos mouriscos, situados pelas alturas e servindo de guarda e ornamento elegante a cada cidade e a cada villa: innumeraveis mosteiros mostrando epochas de crenças vivas e até de fanatismo: edificios historicos, padrões levantados em epochas felizes ás nossas glorias: palacios, casas abandonadas, cujas ruinas attestavam as guerras que ultimamente haviam desunido as familias, queimado e devastado os lares. Tudò jazia quieto abi por esse Portugal, aonde silencioso vivia um povo, que, pobre e humilde guardava as reliquias do seu paiz, esperando pelas benções do porvir.

III

76

No anno de 18... caminhavamos pois pela estrada de Coimbra, e ao terceiro dia de jornada, por uma madrugada do mez de março, iamos chegando á capella de S. Jorge. Á esquerda nos ficava Alcobaca e Aljubarrota, que as inflexões do terreno encobriam. Mal nos vai talvez o ter de revelar agora o que tão

intimamente sentimos; porém, quem ha isento de gratidão para os sitios ou objectos, que lhe causaram como uma revelação do seu proprio sentir? A hora em que despertou para nós mais uma idéa ou um sentimento, é hora que devemos abençoar, porque á intelligencia deu mais uma garantia, ou ao coração mais uma ternura para amar. S. Jorge, os campos de Aljubarrota, a legenda da setta que D. João Primeiro atirara, o voto que fizera de edificar o mosteiro, onde fosse parar aquella setta, que, pelo abrigo que buscou, mais parecia pomba do que ferro; aquelles nomes, confessamos, foram para nós faisca electrica.

Desde alli até á Batalha descemos com o espirito involto em um sentimento, de mistura, guerreiro e religioso. Já surgindo o sol, quando chegámos a Sancta Maria da Victoria, que se nos mostrou n'aquelle momento como sendo pagina sagrada que realça a historia portugueza.

Não queremos aqui traduzir e explicar as bellezas de architectura que compõem aquelle majestoso edificio: notaveis escriptores o têm feito, mostrando a arte com vantagem alheia, e revelando assim seu proprio merecimento. Porém o valle verdejava e estendia-se até a vista se perder: o povo sahia da missa d'alva, e os ares estavam atoados com os alegres sons de uma musica militar: entrámos na

egreja com o coração cheio e alterado de sensações, e assim fomos seguindo de surpresa em surpresa, de admiração em admiração. Ao tocar na espada de D. João Primeiro, ao contemplar o altar de Aljubarrota, sentimo-nos mais portuguez do que nunca. Parecia que as cinzas de nossos avós nos turvavam a vista, e nos ouvidos se assimilavam gritos de guerra e sons de clarins, e ouviamos o proprio rei accudindo e exclamando :

Defendei vossas terras : que a esperança
Da Liberdade está na vossa lança.

D'aquelle instante repetimos o nome do poeta que immortalisou sua patria, e na memoria nos ficou gravado para jámais se apartar. E, como se a Providencia nos quizesse favorecer, em Coimbra recebemos as mesmas impressões, porém mais intimas e suaves. Era no tempo em que o lilaz em flor espargue seus perfumes : esta flor de côr melancolica, que a cada passo se mostrava, a belleza da paizagem a recordação continua dos amores de Ignez, faziam balbuciar junto aos cedros *lagrimas*, junto ao penedo *saudade*, e tudo repetia Camões.

Seguiremos esse grande vulto passo a passo, tentando dar breve mas egual noticia do coração do homem e da vida do poeta.

IV

Camões nasceu em Lisboa no anno de 1524. Foram seus paes Simão Vaz de Camões, e Anna de Sá e Macedo. Era de ascendencia illustre; seu quarto avô foi Vasco Peres de Camões, que em tempo de el-rei D. Henrique de Castella passou da Galliza a Portugal: n'este reino casou com uma filha de Gonçalo Tenreiro, general das armadas de Portugal e mestre da Ordem de Christo. Digamol-o com magua, Camões deixou a posteridade ignorando inteiramente seus laços de familia. Aos chronistas coube o fallarem do luzimento e grandeza de seus antepassados, e D. José de Sousa Botelho, por mais caridoso, lhe elogia seus paes. Pois que! poeta; nem uma voz para esses que te deram o ser, a quem devias teu nome, teu saber, teu nobre character, teu elevado espirito? Embora se procure, nem uma palavra de gratidão ou de saudade: pae, mãe, são nomes que não têm echo em suas poesias, e tudo responde silencio. Porém era impossivel que esta offença á natureza passasse de aparente, e impossivel cremos que fora não vibrar sentimento tão sublime quão natural e espontaneo, a par de outros sentimentos, por vezes mais raros, de que era dotado o coração do poeta.

Contava Luiz de Camões apenas treze annos quando passou á Universidade de Coimbra. Lançado em tenra idade entre extranhos, fez-se logo defensor de seus proprios brios. Seus estudos causaram surpresa e espanto, e facil e natural lhe foi medir-se com as sciencias e tomal-as como suas. Cedo accietou o desafio do mundo, em que entrava, com poesia para ser um genio, com tendencias para heroe, com firmeza para martyr.

Porém, que destinos secretos tem a Providencia? Em quanto se cultivava aquelle grande ingenho, em quanto o homem moço e alegre esquecia os tristes presagios da infancia, de que fala com dôr tão repassada; em quanto recebia nesses verdes campos do Mondego o composto de impressões fortes e suaves, que depois legou ao mundo no episodio de Ignez, surgia no horizonte a estrella que o devia arrebatrar a si mesmo, levando-o de esperanza em esperanza, de desengano em desengano; e arremessando esse colosso ao Oceano, a fim de que seus cantos tivessem por echos os espaços celestes e por pedestal o mar.

D. Catharina de Athayde é para Camões o symbolo da perfeição, e ousamos dizer que poeta algum na antiguidade elevou o culto do amor a tão brilhante esphera. Nos retratos, que Luiz de Camões faz de sua dama, se misturam sempre virtudes e graças,

assim em grinalda de flores, belleza e perfumes. E tal foi o respeito e pureza de sua affeição, que hoje ainda aquelle nome é lindo mysterio que vemos brilhar através de um prisma.

Foi em Coimbra que ao immortal poeta appareceu essa visão que para sempre o deslumbrou.

Comparando a canção IV

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo,

e o soneto que começa:

O culto divinal se celebrava, etc.,

não se duvida em reconhecer esta verdade. A indole do soneto é mais mysteriosa; comtudo cremos que no recinto divino teve maior desinvolvimento a affeição já esboçada no coração do poeta, e a belleza, contemplada assim por entre o trémulo brilho das luzes do sanctuario, lhe fazia fluctuar a imaginação entre a mulher e o anjo. E foi tão certa em Camões a vibração d'esta idéa fixa, que, no decurso de sua agitada vida, não achou tréguas a tão acerbo mal.

No revolver de sanguinolentas guerras, no meio de alterosas procellas, já soldado ferido, já naufrago, offerecendo o peito ás ondas, cumprindo desterros,

de mais em mais crueis por afastados, quer nos amenos campos de Santarem, onde a esperança ainda lhe podia sorrir, quer já no desengano sob o formoso luar dos tropicos, embalando sua dôr com o melancolico canto dos malaioes, embora pisando terras, que por alheias pareciam rejeital-o, embora soffrendo insultos e affrontas, o mesmo nome, a mesma imagem o seguia e se reflectia em sua alma formosa e pura; seu norte era sempre estrella.

V

Findos os seus estudos, voltou Luiz de Camões a Lisboa, e, depois de residir um anno na côrte, proseguindo sempre em seu infeliz amor, foi mandado sahir para Santarem. Alli o exilio não lhe seria ainda muito penoso, porque talvez tivesse juncto a si familia e amigos; e não menos grato lhe devia ser tambem achar-se rodeado de uma natureza tão rica em paizagens. Ao longe campinas esmaltadas, odoriferos pomares subindo pelas encostas, aguas aniladas reflectindo o azul do céu, tudo lhe inspirou aquella saudosa mas suave elegia, na qual nos diz:

O curso das estrellas contemplava
E aquella ordem com que descorria
O céu, e o ar, e a terra onde estava.

Aos vinte annos de idade não ha desengano que caiba no animo do homem, e ainda menos no coração do poeta. Embora a morte lhe roube affeições, renascem outras com egual força: embora lhe tolham a liberdade, seu primeiro instincto, sua maior e mais vehemente necessidade, doma os ferros ou expira na lucta: embora o pranto lhe offusque dourado horizonte, em breve tenta vêr ao longe a nuvem entre azul e verde do seu futuro, e assim busca decifrar no céo a esperança que lhe promettera.

O poeta, que sentia em sua alma tão nobres aspirações, não cedeu deante de falsas e erradas exigencias, e, curvando-se unicamente perante o objecto do seu culto, aguardou com firmeza o castigo que o ameaçava. O mal não tarda, e não tardou este em chegar: na praça de Ceuta foi cumprir segundo e mais longo desterro.

Esperava ainda Camões que seu valor o fizesse realçar e lhe obtivesse mais conceito de seus proprios inimigos; porém todos os esforços eram inuteis. Pelejou contra infieis, soffreu a perda de um dos seus olhos, arriscou mil vezes a vida, tudo foi perdido e baldado. Regressando a Lisboa, ahi encontrou o mesmo rigor, talvez o mesmo desprezo. Vivendo entre homens, que não tinham alcance para presentir tanto merecimento; tolhido na expansão de seu delirante amor; vendo já a felicidade como cousa que lhe não

fôra destinada; depois de combater pelo espaço de alguns annos com os seus mallogrados cuidados, o animo varonil de Camões sahiu victorioso d'esta extranha guerra, que o homem faz ás paixões que o envolvem, como o *simoun* no deserto, para com ellas submergir tambem sua virtude.

Demasiado não é o curto espaço de uma existencia para legar ao mundo as obras que atravessam os seculos, impondo-se tanta duração como aquelles vão vencendo; e muito fragil é o vaso onde reside o espirito humano, para que em si possa conter toda a inspiração de um grande genio: por isso cremos que do berço á sepultura a harmonia que tudo rege dá ao homem, assim como á planta, egual desenvolvimento: flor, perfumes, fructos, tudo se succede, se liga e prende por laços que a vista não alcança, mas que a intelligencia póde abranger. Acreditamos, pois, como certa a opinião de alguns escriptores, quando dizem que Luiz de Camões, indo para a India, levava já traçado o plano do seu poema: e assim o poeta, desterrando-se agora voluntariamente, obedecia áquella voz interior, que todo o homem sente vibrar em si e que mais clara se ouve e escuta nos grandes conflictos da existencia; voz quasi sempre severa e rude; voz por vezes branda, e que parece implorar; voz sempre sancta e libertadora: mal vai a quem a não seguir.

O poeta ouviu, pois, este aviso da Providencia; mas, ainda com mágua, no ultimo e doloroso adeus, repetia estas palavras, já proferidas outr'ora por Scipião — *ingrata patria ossa mea non possidebis* — não antevendo que o céo conservasse a vida a quem tão pouco apreço d'ella fazia.

VI

No anno de 1553, partindo para a India Fernão Alvares Cabral, governando quatro náus, embarcou-se Luiz de Camões na *São Bento*, em que ia o almirante: dispersadas e afastadas todas por um temporal horrivel, esta náu foi a unica que naquelle anno chegou ao seu destino. O vice-rei D. Affonso de Noronha, que desde largo tempo tinha determinado guerrear o rei de Pimenta, aproveitou o ensejo, juntando á sua esquadra, com o fim de a referçar, a náu commandada por Fernão Alvares Cabral. O valoroso poeta seguiu os seus companheiros, e com elles partilhou os perigos da guerra, porque dois mezes de repouso tinham bastado a soldados de tão firme vontade.

Regressando a Goa, alli compoz a elegia em que refere quanto soffrera por agua e terra (a): é admi-

(a) O poeta Simonides falando.

ravel a singeleza da parte narrativa, e a grandeza da descripção. Camões punha as imagens, as comparações grandiosas no que fosse alheio, e parecia esquecer de ornar o que lhe era proprio, como sendo offensa á natural elevação. Não lhe soffria o animo inquieto um prolongado descanço, e, vendo que o capitão-mór Manuel de Vasconcellos apparelhava outra armada, quiz logo o poeta tomar nella parte. Em 1555 partiram a demandar o estreito de Méca, com o fim de perseguir o corsario Safar; porém, esquivando-se este ao castigo que tão justamente merecia, e tendo já passado o tempo propicio da monção, voltaram os portuguezes juncto a Mascate, e alli passaram a estação invernosa.

Sentindo mais pesada e insoffrida a sua amarga saudade, escreveu Camões, naquellas paragens, uma maravilhosa canção, inspirada pela mais profunda dôr, mas sempre livre dos effeitos que trazem soberbos juizos; diz o poeta:

Sómente o céo severo,
 As estrellas, e o fado sempre féro,
 Com o meu perpetuo damno se recream;
 Mostrando-se potentes, e indignados
 Contra um corpo terreno,
 Bicho da terra vil, e tão pequeno.

Na India escreveu Luiz de Camões grande cópia

de suas poesias, e a fóra as odes, que são por extremo delicadas, e nas quaes se deixa ver a melancolia matizada ainda de alegre verdor, consideramos que naquelle longo exilio attingiu o poeta a sua maior grandeza, reflexo de outras que seus olhos viram, que sua alma sentia e que em seu pensamento se debuxaram. Todavia, Camões nem sempre é egual a si proprio; e como, e quem jámais o podia ser?

Se a inspiração do poeta nasce dos factos que o rodeiam, se o seu sentir se illumina, se abate, se desespera com os diversos lances, que a sorte lhe tece, como podia então existir uniformidade nos seus cantos? No seu carpir de rôla magoada nos legou milhares de versos, queixa sentida, mas por vezes monótona. Comtudo foi poeta lyrico dos primeiros da epocha; fervoroso admirador de Virgilio, irmão nato dos poetas italianos, filho do mesmo sol que a frontelhes banhava em ondas de viva luz; pintor fiel da natureza, grande na descripção e fino no colorido.

A gruta de Macau, *soidão querida*, foi o logar onde Camões compoz seu poema epico, e neste é sempre mais egualmente feliz. A epopéa pertence a outras epochas, a outros seculos: por isso Camões pôde, desassombrado, medir-se, rivalisar com os grandes nomes da antiguidade, sem que depois nenhum outro lhe podesse offuscar o valor. Embora sua lyra cantasse num idioma pouco sabido, os bardos pelo universo

ainda repetem seus louvores. Portugal, pequeno na Europa, mas sentinella avançada sobre o Oceano, devia necessariamente ser o berço d'esses heroes que descobriram para o mundo novos mares, novas terras, novos céos. E as aguias, tomando alto vôo, cahiram sobre suas presas, derrubaram-as, salpicando a terra de um e outro sangue; e a morte a todos envolveu e tudo confundiu. Depois de esforçada viagem, depois de esforçados combates, pouco a pouco, de anno em anno, tudo ficaria quasi sepultado no esquecimento, se um poeta, outra aguia mais forte, lhes não valesse, tomando sobre as azas o peso da sua fama e gloria.

Notamos no poema dos *Lusiadas* tres partes distinctas: narração de feitos, louvor de heroes, descrições de occorrencias extraordinarias. Na primeira parte é Camões singelo na idéa, mas firme em seu dizer e proposito. No elogiar assoberbou-se na phrase, engrandeceu por tal modo os nomes que tocava com sua magica penna, que d'elles apartou para sempre a possibilidade do esquecimento. Na pintura dos quadros, emfim, assombram suas idéas. Qual será o pensamento tão altivo, que não recúe e pisme ao apparecimento do Adamastor? Que espirito tão subtil haverá que fuja a enamorar-se da deusa que tão lindamente intercede pelos portuguezes, e quer graciosa coroa-os de louros? Aos fataes amores de Ignez deu

o poeta sobrenatural ternura, que fez divino o que só era terrestre, e, purificado por tão alto e compadecido estylo, só vemos alli a chamma do amor brilhante e pura. Pelo fim tragico gela-se o coração, mas os olhos choram e assim o alliviam.

VII

O governador Francisco Barreto, querendo afastar Camões por um acto de vingança, e mandando-o servir um emprego em Macau, foi todavia a mão da Providencia que encaminhou o poeta a cumprir sua alta missão. Alli descansou das fadigas da guerra; alli lhe sorriu mais a fortuna, dando algumas tréguas a seus importunos revézes; alli seu espirito se tornou mais placido, sua saudade menos acerba; alli triumphou sua vasta intelligencia, e por algum tempo impoz silencio ao tumulto das paixões; alli por fim terminou seu poema epico, brazão das glorias portuguezas. Mas não terminaram ainda os infortunios do poeta: mais um passo, mais uma prova para experimentar tão grande valor. Um character cheio de altivez, nascido de uma grande independencia de idéas, não sujeita pela força, e superior a todo o receio, devia necessariamente grangear a Camões muitos louvores e sympathias entre pessoas das mesmas

condições Moraes; mas, ao tempo que se formavam estes nobres enlaces nasciam ao lado torpes invejas, filhas quasi sempre da mediocridade de alguns e da cubiça de outros.

Luiz de Camões, tendo noticia de que havia entrado no governo da India o vice-rei D. Constantino de Bragança, resolveu voltar a Goa. De tão illustre pessoa e de seu successor, D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, recebeu grandes mercês e favores; comtudo não foram estes tão valiosos, que o impedissem de ser preso, e o livrassem de vexames, acreditando-se geralmente que todo o castigo envolve uma culpa. Para nós nada ha de positivo e preciso sobre tal assumpto; por isso caminhamos de consciencia segura e sem ouvir nem querer distinguir um brado mal soante por entre factos que achamos regidos pela mais perfeita harmonia.

Na viagem, que seguia de Macau para Goa, naufragou, perto do rio Mecon, o navio em que ia Camões. Não era bastante ter visto o mar tornar-se em horrendas serras, formando cumes que são enganos e valles que são abysmos! O poeta, que se assombrava pela grandeza d'estes phenomenos da natureza, não resfriou de animo quando essas mesmas aguas o tomaram para com ellas lutar. Bradou ao céo, implorando a vida para si, e para a sua patria uma memoria eterna; e assim foi concedido: salvou-se

Camões e com elle os *Lusiadas*, unico thesouro que das ondas quiz livrar.

É opinião seguida que depois d'este naufragio compoz o poeta aquellas admiraveis redondilhas, nas quaes vemos sua queixa fazer certa mudança: nellas se encontra um espirito profundamente religioso, que tenta desatar a alma das terrestres prisões, uma consciencia arrependida não tanto de sua culpa como de seu desperdicio, um grande desalento infiltrado em toda a poesia; mas nada nos faz crer que aquelles versos fossem escriptos nesta ou noutra paragem, senão que têm cunho de quem triste vivia e só em tristezas se empregava.

VIII

Pouco nos consta dos ultimos annos que Luiz de Camões residiu na India; porém todos os biographos combinam em dizer que, achando-se o poeta em pobreza extrema, o embargaram esses mesmos a quem pedia auxilio. Era devedor a Miguel Rodrigues Fios Seccos, que por um tempo o teve preso em Goa, e só pela muita protecção do vice-rei pôde ser solto. Já por desleixo de quem a existencia pouco estimava, já por sahir de algum modo de tamanho apuro, que não soffre quieto quem em si conhece elemen-

tos para lutar e valor para vencer, resolveu-se Camões a seguir Pedro Barreto, que para Sofála partia com o posto de capitão, e lhe fazia convite para nesta viagem o acompanhar. Mas que extranha sorte era a de um homem que depois de um mal via sempre outro peor, e que mesmo com a constancia na adversidade não podia applacar sua avêssa fortuna!

Em Sofála experimentou horrivel tractamento, de tal modo que, aportando alli umas naus da India, que vinham para o reino, tentou separar-se de quem o acobardava, diligenciando logo sahir em uma d'ellas; mas alguem lhe havia contado o pão de cada dia, e por este preço lhe tolhia a liberdade. E que anciedade não seria a do seu coração, temendo ver partir as naus e largar aquellas velas, como quem lhe desprendia sua ultima esperanza? Aqui torna-se a nossa missão mais consoladora, tendo de trasladar uma vez ainda os nomes de alguns dos cavalheiros que generosamente, em lance tão cruel, resgataram a Luiz de Camões: nomes que nunca lemos sem emoção, e que transcrevemos com reconhecimento. Foram estes — Heitor da Silveira, Antonio Cabral, Luiz da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, D. Pedro da Guerra, D. João Pereira, Ayres de Sousa de Santarem, Manuel de Mello, Gaspar de Brito, Fernão Gomes da Graça, Lourenço Vaz Pegado e Diogo do Couto.

E será a patria em que nascemos melhor sepultura, e será mais descansado o somno eterno que nella dormimos? *Mysterio*, diz o rumorejar dos cyrestes; *mysterio*, diz o clarão da lua nas campas; *mysterio*, diz a saudade immensa da grande voz da natureza!

Porém, fundado na razão ou no sentimento, não é menos verdade que este desejo de acabar onde foi o nosso berço é um sentimento commum a todos que, ausentes, choram a patria, e que se torna mais vehemente num coração onde trasborda a poesia: por isso em Camões foi tão constante essa pungente dôr, e esse iman que á patria o attrahia!

Em abril do anno de 1570 dava fundo na bahia de Cascaes a nau *Sancta Clara*, vinda da carreira da India, e trazendo a seu bordo o poeta dos *Lusíadas*. Mas, para que se cumprisse a mais lastimosa sorte que Deus creára, viu Luiz de Camões a morte mais uma vez dilacerar-lhe a alma, e embargar seu contentamento! Em vista já d'esse esplendido Tejo, d'essa sempre graciosa serra de Cintra, morria Heitor da Silveira, amigo de Camões: «e, como elle, pobre, poeta e guerreiro, e com tão ruim agouro se avisinhava da patria» (a). E entrava em Lisboa, onde a maior desventura o esperava; mas cumpria o seu

(a) Visconde de Jerumenha.

destino, legando á posteridade mais um trophéo, a Portugal um nome que o ennobrecia, e emfim impondo aos vindouros a admiração, esse pedestal que melhor sustem a fama que um outro de bronze ou marmore.

Corria porém o seculo, e o mundo como que se abalava com a sua grandeza! E tal era o impulso dado pela sciencia, pelas artes, pelos descobrimentos de novos mares, mundos e gentes, que nunca se viram factos eguaes e um egual assombro!

O poema mesmo de Camões procede d'aquelle raio de luz que Deus fez cahir sobre o mundo das trevas, e que no meio da mais completa confusão, do mais completo despotismo, das mais nefandas guerras, da mais nefanda perseguição feita ao espirito humano, o fazia surgir por entre *as chammas* e brilhar de todos os brilhos, para até hoje nos seguir o rasto luminoso de tanta memoria illustre!

Comtudo não apreciamos o auctor dos *Lusiadas* como um pensador profundo, e de contrario vemos nelle um heroe, um genio, mas não um sabio descortinador do futuro: nem mesmo as obras do poeta tendem, como tantas outras, a rasgar esse véo, através do qual se vê surgir a lei que rege os factos, e que por varios e escabrosos caminhos conduz a humanidade ao seu progresso moral.

Camões foi o homem da sua epocha, e, sem ir

além, deu-lhe um braço immortal, e com elle immortalisou seu nome. A sua idéa politica era quasi limitada á patria, e em torno d'ella agrupava umas outras idéas, que todas se concentravam no justo desejo de exterminar, ou pelo menos expulsar da Europa esse imperio turco, que ainda hoje é estorvo, senão vergonha, de uma politica irresoluta, fraca e errada. Porém, ainda restricto á sua nacionalidade, que vehemencia de sentimento não tinha o nosso Poeta! Aquella alma, toda abrazada de enthusiasmo, foi na sua ultima hora dilacerada pela terrivel catastrophe, que lhe fez ver, já á beira do tumulo, a sua patria escrava e jazendo a seu lado. Ó sonhadores de imperios, de mandos, de poderios, que atais com laços acanhados esses direitos, que julgais eternos, e que não passam de ephemeros! porque o mundo os tem visto sempre quebrar e destruir, quando um poder immenso quer abranger e sujeitar os povos que Deus creara livres e diversos.

A epocha do regresso de Camões á patria era pois grande pelos commettimentos de uns e pelas loucuras e crimes de outros, que até no mal ha grandeza, tal é o erro do juizo humano! Philippe II, essa figura sinistra, cheia de astucia, de ambição e poder, agrilhoava então a Hespanha sob o mais fero despotismo. Em Inglaterra reinava Elisabeth, rainha

sanguinaria e de falsa virtude; mas que, tendo a fortuna de dirigir uma nação, que começava a constituir-se e engrandecer, para depois da mais atroz guerra civil, e de seculos de discordia, sahir livre e poderosa, não do alheio, mas no que lhe era proprio, e mostrar hoje ao mundo o raro exemplo de um povo que tudo respeita e tudo alcança,— ficou sendo entre os seus um grande vulto, ainda que este seja odioso na analyse para o historiador severo e justo. Carlos ix reinava em França: espirito fraco, que o remorso dilacerou, e que tinha por genio fatal o mais negro character que veio ao mundo em sua mãe Catharina de Medicis. A Allemanha ardia em guerras religiosas, ou naquellas que os interesses de principes e povos cobriam com esse falso manto e nome. No Vaticano Gregorio XIII festejava o *massacre* dos Huguenotes, practicado em dia de S. Bartholomeu; não commentamos o facto, que a historia absolve talvez pelas tendencias da epocha, mas que as almas justas hão de vir a apreciar um dia, quando Deus permittir que a *luz se foça* em todos os entendimentos. Assim da Europa toda sahia um immenso clamor; e no meio das maiores violencias, e do choque de todos os poderes, surgia, para não mais se apagar, a lei que hoje nos rege — de liberdade e justiça.

A historia dos povos é tambem *monte erguido* e

aspero de subir, e nada ha mais triste do que o seu estudo! E só a fé no progresso, na civilisação, na perfectibilidade humana, podem dar animo a quem fizer, não só a narração dos factos, mas sim a sua apreciação conscienciosa.

No emtanto Portugal caminhava para o seu destino e fim, guiado pelo governo de um rei moço e generoso, mas impellido pela mais tenaz phantasia a procurar uma sonhada gloria n'uma guerra, na qual se aventurava cego, caminhando ao accaso, e encontrando por fim só a morte em premio da sua temeridade!

Comtudo D. Sebastião ficará sendo para os portuguezes um vulto sympathico, porque a bravura do principe guerreiro, que tinha por divisa «Um bel morrer tutta la vita onora» ha de resgatar por ventura a temeridade do monarcha. E não é muito que a legenda involvesse no mesmo sudario a patria e o rei, e que a fé de os ver resurgir um dia fizesse acreditar que a sombra do joven e infeliz mancebo andava errante por entre os palmares da Africa, para um dia vir trazer a corôa a Portugal, e com ella a sua autonomia.

A perda da independencia portugueza avisinha-va-se pois, e era como que agourada pelos elementos e por terriveis calamidades!

Na noite de 13 de outubro de 1572 cahiu sobre

o Tejo um furioso vendaval, que dispersou a armada real, apparelhada contra os turcos, e todos os navios surtos no Tejo. As náus da armada em grande numero vinham dar ás praias, que se viam cheias de mortos e destroços!

No anno de 1573 houve tambem grandes tormentas e espantosas cheias. No seguinte anno veio a esterilidade ao reino, e, affluindo muita gente da Beira a Lisboa, desenvolveram-se graves doenças e uma geral miseria.

Aos 7 de junho tremia a terra com violencia, e a todos infundia pavor!

Em março de 1540 falleceu a infanta D. Maria, princeza muito illustrada, protectora das sciencias, e muito estimada dos portuguezes.

No anno de 1576 morreu o duque de Guimarães, condestavel do reino, unico esteio da corôa de Portugal.

E emfim no anno de 1578 morreu a rainha D. Catharina, que do seu leito de morte clamava; «não passe el-rei á Africa.» Mas a sorte cumpriu-se, e no fatal dia 4 de agosto agonisava o joven monarcha no campo de Arzilla. No emtanto Camões arrastava a sua desgraça, que de tanto se compunha!

Com quanto D. Sebastião tivesse dado ao cantor dos Lusíadas a pensão de 15,000 réis, era esta apou-

cada e pouco generosa, como o reconhecem alguns biographos de Camões.

A sua penuria crescia a par das enfermidades do corpo, e dos dolorosos trances da alma; e foi n'este estado de maior desventura que de certo compoz dois sonetos, nos quaes se nota pela primeira vez a desesperança em todo o seu horror!

Camões devia ter sabido na India que D. Catharina de Athayde fallecera no anno de 1556, e já n'alguns de seus versos allude com certeza a esta triste nova.

Mas que ermo não seria agora para o poeta aquella terra, que já não habitava quem tanto amara? Oh! a morte não vem uma vez como por erro se cuida! A morte vem mil vezes ceifar deante de nossos olhos a vida de que viviamos; arrancar do fundo da alma a esperança; espalhar todas as nossas mallogradas alegrias; dispersal-as ao vento, para que em nossos passos só encontremos cinzas para pisar.

Foi de certo n'esta terrivel situação de espirito, que se achou o poeta, ao ver aproximar o seu fim, e este não tardou em vir; porque aos 10 de julho de 1580 morria Luiz de Camões, escrevendo dias antes a D. Francisco de Almeida uma carta, na qual dizia: «Emfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que, não só me contentei de morrer nella, mas com ella.» Os exer-

bitos de Castella aproximavam-se da fronteira portugueza !

A Camões faltava o que n'este seculo nos é dado a todos sentir, e guardar em nosso fôro intimo como reliquia sagrada — a fé no porvir da humanidade !

E esta crença, junta á esperanza de um repouso eterno, dá a todo o justo que se abeira ao tumulo a serenidade precisa para vencer e passar o solemne momento, no qual se desprende a nossa alma immortal !



SONETOS

(ESCOLHIDOS)



XIV

Todo o animal da calma repousava,
Só Liso o ardor d'ella não sentia ;
Que o repouso do fogo em que elle ardia,
Consistia na Nympha que buscava.

Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dizia :
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro posto estava.

Cansado já de andar por a espessura,
No tronco de uma faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza :

Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminino, que de natura
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

XIX

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente ;
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dor, que me ficou
Da mágoa, sem remedio de perder-te ;

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

.....

XXIV

Aquella triste e léda madrugada,
Chea toda de mágoa, e de piedade,
Em quanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena, e marchetada,
Sahia, dando á terra claridade,
Viu apartar-se de uma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ella só viu as lagrimas em fio,
Que de uns e de outros olhos derivadas,
Junctando-se, formaram largo rio.

Ella ouviu as palavras magoadas,
Que pudéram tornar o fogo frio,
E dar descanso ás almas condemnadas.

XXVIII

Está-se a primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa, e honesta ;
Nas bellas faces, e na bocca, e testa,
Cecens, rosas, e cravos debuxando.

De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto pôde manifesta ;
Que o monte, o campo, o rio, e a floresta,
Se estão de vós, Senhora, namorando.

Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fructo d'estas flores,
Perderão toda a graça os vossos olhos ;

Porque pouco aproveita, linda dama,
Que semeasse o amor em vós amores,
Se vossa condição produz abrolhos.

XXIX

Sete annos de Pastor Jacob servia
Labão, pai de Rachel, Serrana bella,
Mas não servia ao pai, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la :
Porém o pai, usando de cautela,
Em logar de Rachel lhe deu a Lia.

Vendo o triste Pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua Pastora,
Como se a não tivera merecida ;

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo : Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

.....

XXX

Está o lascivo, e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando ;
O verso sem medida, alegre, e brando,
Despedindo no rustico raminho.

O cruel caçador, que do caminho
Se vem callado, e manso desviando,
Com prompta vista a setta endireitando,
Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.

D'esta arte o coração, que livre andava,
(Postoque já de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido :

Porque o frécheiro cego me esperava
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

XXXIV

Quando o Sol encoberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta, e duvidosa,
Ao longo de uma praia deleitosa,
Vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi os cabellos concertando ;
Alli co'a mão na face, tão formosa ;
Aqui fallando alegre, alli cuidosa ;
Agora estando quêda, agora andando.

Aqui esteve sentada, alli me viu,
Erguendo aquelles olhos, tão isentos ;
Commovida aqui um pouco, alli segura.

Aqui se entristeceu, alli se riu ;
E, em fim, nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vã, que sempre dura.

XXXV

Um mover de olhos, brando, e piedoso,
Sem ver de que; um riso brando, e honesto
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso:

Um despejo quieto, e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo, e gracioso:

Um encolhido ousar; uma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente soffrimento:

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.



XL

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claros, e frescas aguas de crystal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos:

Sylvestres montes, asperos penedos,
Compostos de concerto desigual:
Sabei que sem licença de meu mal
Já não podeis fazer meus olhos lédos.

E pois já me não vêdes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem aguas que correndo alegres vem.

Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

LIII

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava,
Que o Pastor na memoria a debuxava,
Por poder sustentar-se d'este engano.

Por uma praia do Indico Oceano
Sobre o curvo cajado se encostava,
E os olhos por as aguas alongava,
Que pouco se doíam de seu dano.

Pois com tamanha mágoa, e saudade,
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro,
Por testemunhas tómo ceo, e estrellas.

Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Levai tambem as lagrimas que chóro,
Pois assi me levais a causa d'ellas.

LXXVII

O Culto divinal se celebrava
No Templo donde toda creatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.

Amor alli, que o tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais segura,
Com uma rara, e Angelica figura
A vista da razão me salteava.

Eu crendo que o logar me defendia,
De seu livre costume não sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia ;

Deixei-me captivar ; mas hoje vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

LXXVIII

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso ;
Entre rubjis, e perlas, doce riso,
Debaixo de ouro, e neve, côr de rosa :

Presença moderada, e graciosa,
Onde ensinando estão despejo, e siso,
Que se póde por arte, e por aviso,
Como por natureza, ser formosa :

Falla de que ou já vida, ou morte pende,
Rara, e suave ; em fim, Senhora, vossa ;
Repouso na alegria comedido :

Estas as armas são com que me rende,
E me captiva amor ; mas não que possa
Despojar-me da gloria de rendido.

LXXXI

Amor é um fogo que arde sem se ver ;
É ferida que dóe, e não se sente ;
É um contentamento descontente ;
É dôr que desatina sem doer ;

É um não querer mais que bem querer ;
É solitario andar por entre a gente ;
É um não contentar-se de contente ;
É cuidar que se ganha em se perder :

É um estar-se preso por vontade ;
É servir a quem vence o vencedor ;
É um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pôde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo amor ?

LXXXIII

Que levas, cruel morte? Um claro dia.
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem to faz levar? Quem o entendia.

Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou sua luz? Anoitecendo.
Lusitania que diz? Fica dizendo.
Que diz? Não mereci a grão Maria.

Mataste a quem a viu? Já morto estava.
Que discorre o amor? Fallar não ousa.
E quem o faz callar? Minha vontade.

Na corte que ficou? Saudade brava.
Que fica lá que ver? Nenhuma cousa.
Que gloria lhe faltou? Esta beldade.

.....

LXXXIV

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sobre as rosas esparzidos
Fazeis que a sua graça se accrescente :

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios incendidos,
Se de cá me levais a alma, e sentidos,
Que fôra, se eu de vós não fôra ausente ?

Honesto riso, que entre a mór fineza
De perlas, e coraes, nasce, e apparece ;
Oh quem seus doces echos já lhe ouvisse !

Se imaginando só tanta belleza,
De si com nova gloria a alma se esquece,
Que fará quando a vir ? Ah quem a visse !

CIV

Esses cabellos louros, e escolhidos,
Que o ser ao aureo Sol estão tirando :
Esse ar immenso, adonde naufragando
Estão continuamente os meus sentidos :

Esses furtados olhos tão fingidos,
Que minha vida, e morte, estão causando :
Essa divina graça, que em fallando,
Finge os meus pensamentos não ser cridos :

Esse compasso certo, essa medida,
Que faz dobrar no corpo a gentileza :
A divindade em terra, tão subida ;

Mostrem já piedade, e não crueza,
Que são laços que amor tece na vida.
Sendo em mi soffrimento, em vós dureza.



CXII

Que doudo pensamento é o que sigo ?
Após que vão cuidado vou correndo
Sem ventura de mi ! Que não me entendo :
Nem o que callo sei, nem o que dïgo.

Pelejo com quem tracta paz comigo ;
De quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pertendo ?
Quem do meu proprio mal me faz amigo ?

Porque, se nasci livre, me captivo ?
E pois o quero ser, porque o não quero ?
Como me engano mais com desenganos ?

Se já desesperei, que mais espero ?
E se inda espero mais, porque não vivo ?
E se vivo, que accuso mortaes danos ?

CXXXIII

Doces, e claras aguas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida, e perfida esperança,
Longo tempo após si me trouxe cego.

De vós me aparto, si; porém não nego,
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo mais me achego.

Bem poderá a fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova, e extranha,
Offerecida ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, vòs, e em vós se banha.

~~~~~



## GLXVIII

Ai, amiga cruel! Que apartamento  
É este que fazeis da patria terra?  
Ai! Quem do amado ninho vos desterra,  
Gloria dos olhos, bem do pensamento?

His tentar da fortuna o movimento,  
E dos ventos crueis a dura guerra?  
Ver brenhas de ondas? Feito o mar em serra,  
Levantada de um vento, e de outro vento?

Mas já que vós partis sem vos partirdes,  
Parta comvosco o céo tanta ventura,  
Que se avantaje áquella que esperardes.

E só d'esta verdade ide segura,  
Que fazeis mais saudades com vos irdes,  
Do que levais desejos por chegardes.

## CLXIX

Campo nas Syrtes d'este mar da vida,  
Apoz naufragios seus táboa segura :  
Claras bonanças em tormenta escura,  
Habitação da paz, de amor guarida :

A ti fujo : e se vence tal fugida,  
E quem mudou logar mudou ventura,  
Cantemos a victoria ; e na espessura  
Triumphe a honra da ambição vencida.

Em flor, e fructo de verão, e outono,  
Utilmente murmuram claras aguas :  
Alegre me acha aqui, me deixa o dia.

Amantes rouxinoes rompem-me o sono  
Que ata o descanso : aqui sepulto mágoas  
Que já foram sepulchros de alegria.

~~~~~

CLXX

Ah, minha Dinamene ! Assi deixaste
Quem nunca deixar póde de querer-te ?
Que já, Nympha gentil, não possa ver-te ?
Que tão veloz a vida desprezaste ?

Como por tempo eterno te apartaste
De quem tão longe andava de perder-te ?
Puderam essas aguas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste ?

Nem sómente fallar-te a dura morte
Me deixou, que apressada o negro manto
Lançar sobre os teus olhos consentiste.

Oh mar ! Oh céo ! Oh minha escura sorte !
Qual vida perderei que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triste ?

CLXXIII

O céo, a terra, o vento socegado,
As ondas que se estendem pela arêa,
Os peixes que no mar o somno enfrea,
O nocturno silencio repousado :

O Pescador Aonio, que deitado
Onde co' o vento a agua se menea,
Chorando, o nome amado em vão nomea,
Que não póde ser mais que nomeado.

Ondas (dizia), antes que amor me mate,
Tornai-me a minha Nympha, que tão cedo
Me fizestes á morte estar sujeita.

Ninguem responde ; o mar de longe bate ;
Move-se brandamente o arvoredado ;
Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

~~~~~

## CLXXVII

Quando os olhos emprégo no passado,  
De quanto passei me acho arrependido ;  
Vejo que tudo foi tempo perdido ;  
Que todo emprego foi mal empregado.

Sempre no mais damnoso mais cuidado ;  
Tudo o que mais cumpria mal cumprido ;  
De desenganos menos advertido  
Fui, quando de esperanças mais frustrado.

Os castellos que erguia o pensamento,  
No ponto que mais altos os erguia,  
Por esse chão os via em um momento.

Que erradas contas faz a phantasia !  
Pois tudo pára em morte, tudo em vento.  
Triste o que espera ! Triste o que confia !



## CLXXIX

Os meus alegres, venturosos dias,  
Passaram como raio brevemente ;  
Movem-se os tristes mais pezadamante  
Apoz das fugitivas alegrias.

Ah, falsas pertensões ! Vãs phantasias !  
Que me podeis já dar que me contente ?  
Já de meu triste peito a chamma ardente  
O tempo reduzio a cinzas frias.

Nellas revolvo agora erros passados,  
Que outro fructo não deu a mocidade  
A quem vergonha, e dor minha alma deve.

Revolvo mais de toda a mais idade,  
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,  
Para que leve tudo o tempo leve.

.....



## CLXXX

Horas breves de meu contentamento,  
Nunca me pareceu quando vos tinha,  
Que vos visse mudadas tão asinha  
Em tão compridos annos de tormento.

As altas torres, que fundei no vento,  
Levou, em fim, o vento que as sostinha :  
Do mal que me ficou a culpa é minha,  
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece ;  
Tudo possivel faz, tudo assegura ;  
Mas logo no melhor desaparece.

Estranho mal ! Estranha desventura !  
Por um pequeno bem, que desfallece,  
Um bem aventurar, que sempre dura !

---

## CLXXXVI

Os olhos onde o casto amor ardia,  
Lédo de se ver nelles abrazado ;  
O rosto onde com lustre desusado  
Purpurea rosa sobre neve ardia ;

O cabelo que inveja ao Sol fazia,  
Porque fazia o seu menos dourado ;  
A branca mão, o corpo bem talhado,  
Tudo aqui se reduz a terra fria.

Perfeita formosura em tenra idade,  
Qual flor que anticipada foi colhida,  
Murchada está da mão da morte dura.

Como não morre amor de piedade ?  
Não d'ella, que se foi á clara vida ;  
Mas de si, que ficou em noute escura.

---

## CCLIV

Em uma lapa, toda tenebrosa,  
Adonde bate o mar com furia brava,  
Sobre uma mão o rosto, vi que estava  
Uma Nympha gentil, mas cuidadosa.

Igualmente, que linda, lastimosa,  
Aljofar dos seus olhos distillava:  
O mar os seus furores applicava  
Com ver cousa tão triste, e tão formosa.

Alguma vez na horrivel penedia  
Os bellos olhos punha com brandura,  
Bastante a desfazer sua dureza.

Com angelica voz, assi dizia:  
Ah, que falta mais vezes a ventura,  
Onde sobeja mais a natureza!



## CCLVII

Qual tem a borboleta por costume,  
Que elevada na luz da acesa vella,  
Dando vai voltas mil, até que nella  
Se queima agora, agora se consume :

Tal eu correndo vou ao vivo lume  
De esses olhos gentis, Aonia bella ;  
E abraço-me, por mais que com cautela  
Livrar-me a parte racional presume.

Conheço o muito a que se atreve a vista ;  
O quanto se levanta o pensamento ;  
O como vou morrendo claramente.

Porém não quer amor que lhe resista,  
Nem a minha alma o quer, que em tal tormento,  
Qual em gloria maior está contente.

## CCLVIII

Lembranças de meu bem, doces lembranças,  
Que tão vivas estais nesta alma minha,  
Não queirais mais de mi, se os bens que tinha  
Em poder vêdes todos de mudanças.

Ai, cego amor ! Ai, mortas esperanças,  
De que eu em outro tempo me mantinha !  
Agora deixareis quem vos sostinha,  
Acabarão co'a vida as confianças.

Co'a vida acabarão, pois a ventura  
Me roubou n'um momento aquella gloria,  
Que quando tão grande é, tão pouco dura.

Oh se apoz o prazer fôra a memoria !  
Ao menos estivera a alma segura  
De ganhar-se com ella mais victoria.

~~~~~



CANÇÕES

(ESCOLHIDAS)



CANÇÃO III

Já a rôxa manhã clara
As portas do Oriente vinha abrindo,
Dos montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.
O Sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
Traz ella pressuroso
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respiram nas hervas fresco orvalho,
Se estende claro, alegre, e luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando;
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.
A manhã bella, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena.
Oh delectosa pena!
Oh effeito de amor alto, e potente!
Pois permite, e consente,
Que ou donde quer que eu ande, ou donde esteja,
O seraphico gesto sempre veja,
Por quem de viver triste sou contente.
Mas tu, Aurora pura,

De tanto bem dá graças á ventura,
 Pois as foi pôr em ti tão excellentes,
 Que representes tanta formosura.

A luz suave, e leda,
 A meus olhos me mostra, por quem mouro;
 Com os cabellos de ouro,
 Que nenhum ouro eguala, se os remeda.
 Esta a luz é que arreda
 A negra escuridão do sentimento,
 Ao doce pensamento:
 Os orvalhos das flores delicadas
 São nos meus olhos lagrimas cansadas,
 Que eu chóro co'o prazer de meu tormento.
 Os passaros que cantam,
 Meus espiritos são, que a voz levantam,
 Manifestando o gesto peregrino,
 Com tão divino som, que o Mundo espantam..

Assi como acontece
 A quem a chara vida está perdendo,
 Que em quanto vai morrendo,
 Alguma visão sancta lhe apparece;
 A mim em quem fallece
 A vida, que sois vós, minha Senhora,
 A esta alma que em vós mora
 (Em quanto da prisão se está apartando)
 Vos estais junctamente apresentando
 Em fórma de formosa, e rôxa Aurora.
 Oh ditosa partida!
 Oh gloria soberana, alta, e subida!
 Se m'ó não impedir o meu desejo,
 Porque o que vejo, em fim, me torna a vida.

Porém a natureza
 Que nesta pura vista se mantinha,
 Me falta tão asinha,
 Como o Sol faltar soe á redondeza.
 Se houverdes que é fraqueza
 Morrer em tão penoso, e triste estado,
 Amor será culpado,
 Ou vós, onde elle vive tão isento,
 Que causastes tão largo apartamento,
 Porque perdesse a vida co' o cuidado.
 Que se viver não posso,
 Homem formado só de carne, e osso;
 Esta vida que perco, amor m'a deu;
 Que não sou meu: se morro, o damno é vosso.

Canção de cysne, feita em hora extrema,
 Na dura pedra fria
 Na memoria, te deixo em companhia
 Do leteiro da minha sepultura:
 Que a sombra escura já me impede o dia.

CANÇÃO IV

Vão as serenas aguas
 Do Mondego descendo,
 E mansamente até o mar não param:
 Por onde as minhas mágoas
 Pouco a pouco crescendo,

Para nunca acabar se começaram.
Alli se me mostraram
Neste logar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve, e de ouro;
Riso brando, e suave; olhar sereno;
Um gesto delicado,
Que sempre na alma me estará pintado.

Nesta florida terra,
Leda, fresca, e serena,
Ledo, e contente para mi vivia;
Em paz com minha guerra,
Glorioso co'a pena
Que de tão bellos olhos procedia.
De um dia em outro dia,
O esperar me enganava.
Tempo longo passei:
Com a vida folguei,
Só porque em bem tamanho se empregava.
Mas que me presta já,
Que tão formosos olhos não os ha?

Oh quem me alli dissera,
Que de amor tão profundo
O fim pudesse ver eu algum'hora!
E quem cuidar pudera
Que houvesse ahi no Mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que desde agora,
Já perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em um momento,

Sem me poder ficar mais que a lembrança,
Que sempre estará firme
Até no derradeiro despedir-me.

Mas a mór alegria
Que de aqui levar posso,
E com que defender-me triste espero;
É porque nunca sentia,
No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto eu vos quero.
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condemna:
Que mais sentirei vosso sentimento
Que o que a minha alma sente.
Morra eu, Senhora, e vós ficai contente.

Tu, Canção, estarás
Agora acompanhando
Por estes campos estas claras aguas:
E por mi ficarás
Com choro suspirando;
Porque ao Mundo, dizendo tantas mágoas,
Como uma larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

~~~~~

## CANÇÃO VI

Com força desusada  
Aquece o fogo eterno  
Uma Ilha nas partes do Oriente,  
De estranhos habitada,  
Aonde o duro Inverno  
Os campos reverdece alegremente.  
A Lusitana gente  
Por armas sanguinosas  
Tem d'ella o senhorio.  
Cercada está de um rio  
De maritimas aguas saudosas.  
De hervas que aqui nascem,  
Os gados junctamente, e os olhos pascem.  
Aqui minha ventura  
Quiz que uma grande parte  
Da vida, que eu não tinha, se passasse;  
Para que a sepultura  
Nas mãos do fero Marte  
De sangue, e de lembranças matizasse.  
Se amor determinasse  
Que a troco d'esta vida,  
De mi qualquer memoria  
Ficasse como historia,  
Que de uns formosos olhos fosse lida,  
A vida, e a alegria,  
Por tão doce memoria trocaria.

Mas este fingimento,  
Por minha dura sorte,  
Com falsas esperanças me convida.  
Não cuide o pensamento  
Que póde achar na morte,  
O que não póde achar tão longa vida.  
Está já tão perdida  
A minha confiança,  
Que de desesperado,  
Em ver meu triste estado,  
Tambem da morte perco a esperança.  
Mas oh, que se algum dia  
Desesperar pudesse, viveria!

De quanto tenho visto,  
Já agora não me espanto,  
Que até desesperar se me defende.  
Outrem foi causa d'isto,  
Pois eu nunca fui tanto  
Que causasse este fogo que me incende.  
Se cuidam que me offende  
Temor de esquecimento,  
Oxalá meu perigo  
Me fora tão amigo,  
Que algum temor deixára ao pensamento.  
Quem viu tamanho enleio?  
Que houvesse ahi esperança sem receio!

Quem tem que perder possa,  
Só póde recear.  
Mas triste quem não póde já perder!  
Senhora, a culpa é vossa,  
Que para me matar

Bastará um' hora só de vos não ver.  
Puzestes-me em poder  
De falsas esperanças,  
E do que mais me espanto,  
Que nunca vali tanto,  
Que visse tanto bem como esquivanças.  
Valia tão pequena  
Não pôde merecer tão doce pena.

Houve-se amor comigo  
Tão brando ou pouco irado,  
Quanto agora em meus males se conhece.  
Que não ha mór castigo  
Para quem tem errado,  
Que negar-lhe o castigo que merece.  
Da sorte que acontece  
Ao misero doente,  
Da cura despedido,  
Que o Medico advertido,  
Tudo quanto deseja lhe consente;  
O amor me consentia  
Esperanças, desejo, e ousadia.

E agora venho a dar  
Conta do bem passado,  
A esta triste vida, e longa ausencia.  
Quem pôde imaginar  
Que houvesse em mi peccado  
Digno de uma tão grave penitencia?  
Olhai que é consciencia  
Por tão pequeno erro,  
Senhora, tanta pena.  
Não vedes que é onzena?

Mas se tão longo, e misero desterro  
 Vos dá contentamento,  
 Nunca me cabe nelle o meu tormento.

Rio formoso, e claro,  
 E vós, ó arvoredos,  
 Que os justos vencedores coroaís;  
 E ao cultor avaro,  
 Continuamente ledos,  
 De um tronco só, diversos fructos dais;  
 Assi nunca sintais  
 Do tempo injúria alguma,  
 Que em vós achem abrigo  
 As mágoas que aqui digo,  
 Em quanto der o Sol virtude á Lua;  
 Porque de gente em gente  
 Saibam que já não mata a vida ausente.  
 Canção, neste desterro vivirás,  
 Voz núa, e descoberta,  
 Até que o tempo em ecco te converta.



### CANÇÃO X

Juncto de um secco, duro, esteril monte,  
 Inutil, e despido, calvo, e informe,  
 Da natureza em tudo aborrecido;  
 Onde nem ave vò, ou fera dorme,  
 Nem corre claro rio, ou ferve fonte,

Nem verde ramo faz doce ruido;  
Cujo nome, do vulgo introduzido,  
É Feliz, por antiphrasi infelice;  
O qual a natureza  
Situou juncto á parte,  
Aonde um braço de alto mar reparte  
A Abassia da Arabica aspereza,  
Em que fundada já foi Berenice,  
Ficando á parte, donde  
O Sol, que nella ferve, se lhe esconde;  
O cabo se descobre, com que a costa  
Africana, que do Austro vem correndo,  
Limite faz, Arómata chamado:  
Arómata outro tempo; que volvendo  
A roda, a ruda lingua mal composta  
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.  
Aqui, no mar, que quer apressurado  
Entrar por a ganganta d'este braço,  
Me trouxe um tempo, e teve,  
Minha fera ventura.  
Aqui nesta remota, aspera, e dura  
Parte do Mundo, quiz que a vida breve  
Tambem de si deixasse um breve espaço:  
Porque ficasse a vida  
Por o mundo em pedaços repartida.  
Aqui me achei gastando uns tristes dias,  
Tristes, forçados, maos, e solitarios,  
De trabalho, de dor, de ira cheios:  
Não tendo, não, sómente por contrarios  
A vida, o Sol ardente, as aguas frias,  
Os ares grossos, férvidos, e feios,



Mas os meus pensamentos, que são meios  
Para enganar a propria natureza,  
Tambem vi contra mi;  
Trazendo-me á memoria  
Alguma já passada, e breve gloria,  
Que eu já no Mundo vi quando vivi;  
Por me dobrar dos males a aspereza;  
Por mostrar-me que havia  
No Mundo muitas horas de alegria.

Aqui estive eu com estes pensamentos  
Gastando tempo, e vida; os quaes tão alto  
Me subiam nas azas, que cahia  
(Oh, vede se seria leve o salto!)  
De sonhados, e vãos contentamentos,  
Em desesperação de ver um dia.  
O imaginar aqui se convertia  
Em improvisos choros, e em suspiros,  
Que rompiam os ares.  
Aqui a alma captiva,  
Chagada toda, estava em carne viva,  
De dores rodeada, e de pezares;  
Desamparada, e descoberta aos tiros  
Da soberba fortuna;  
Soberba, inexoravel, e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,  
Nem esperança alguma, onde a cabeça  
Um pouco reclinasse, por descanso:  
Tudo dor lhe era, e causa que padeça,  
Mas que pereça não; porque passasse  
O que quiz o destino nunca manso.  
Oh que este irado mar gemendo amanso!



Estes ventos da voz importunados  
 Parece que se enfream:  
 Sómente o Ceo severo,  
 As estrellas, e o fado sempre fero,  
 Com meu perpétuo damno se recream;  
 Mostrando-se potentes, e indignados  
 Contra um corpo terreno,  
 Bicho da terra, vil, e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse  
 Saber inda por certo que algum'hora  
 Lembrava a uns claros olhos que já vi;  
 E se esta triste voz rompendo fóra,  
 As orelhas angelicas tocasse  
 De aquella em cuja vista já vivi;  
 A qual tornando um pouco sobre si,  
 Revolvendo na mente pressurosa  
 Os tempos já passados  
 De meus doces errores,  
 De meus suaves males, e furores,  
 Por ella padecidos, e buscados;  
 E (posto que já tarde) piedosa,  
 Um pouco lhe pezasse,  
 E lá entre si por dura se julgasse.

Isto só que soubesse me seria  
 Descanso para a vida que me fica;  
 Com isto affagaria o soffrimento.  
 Ah Senhora! ah Senhora! E que tão rica  
 Estais, que cá tão longe de alegria  
 Me sustentais com doce fingimento!  
 Logo que vos figura o pensamento,  
 Foge todo o trabalho, e toda a pena.

Só com vossas lembranças  
Me acho seguro, e forte  
Contra o rosto feroz da féra morte;  
E logo se me juntam esperanças  
Com que a fronte, tornada mais serena,  
Torna os tormentos graves  
Em saudades brandas, e suaves.

Aqui com ellas fico perguntando  
Aos ventos amorosos, que respiram  
Da parte donde estais, por vós Senhora;  
Ás aves que alli voam, se vos viram,  
Que fazeis, que estaveis praticando;  
Onde, como, com quem, que dia, e qu'hora  
Alli a vida cansada se melhora,  
Toma espiritos novos, com que vença  
A fortuna, e trabalho,  
Só por tornar a ver-vos,  
Só por ir a servir-vos, e querer-vos:  
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:  
Mas o desejo ardente, que detença  
Nunca soffreu, sem tento  
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.

Assi vivo; e se alguém te perguntasse,  
Canção, porque não mouro;  
Podes-lhe responder, que porque mouro.

---

## CANÇÃO XII

Nem rôxa flor de Abril,  
Pintor do campo ameno, e da verdura,  
Colhida entre outras mil,  
Foi nunca assi agradavel á donzella  
Cortez, alegre, e bella,  
De sua mãe cuidado, e gloria pura,  
Como a mi foi a inculta formosura  
Natural, que pudera  
A Saturno render na sua Esphera.

Natural fõnte agreste  
Nãõ lavrada de Artifice excellente,  
Mas por arte celeste  
Derivada de rustico penedo,  
Nãõ fez já mais tão lédo  
Cansado caçador por sésta ardente,  
Quanto o cuidado a mi me fez contente  
D'o ver tão descuidado,  
Que faz sereno a Jupiter irado.

Fructa que sem concerto  
Naturalmente em ramos se pendura,  
Achada por acerto.  
A quem pintada a vê de sangue, e leite,  
Nãõ lhe dará o deleite  
Que essa graça me dá sem compostura,  
Ornamento da mesma formosura;

E o toucado sem arte,  
Que tornára Pastor ao bravo Marte.

A manhã graciosa,  
Que derramando sahe de entre os cabellos,  
A flor, o lirio, a rosa,  
Se ajuda de ornato, ou de artificio,  
Não faz o beneficio  
Que faz a luz dos vossos olhos bellos,  
A quem os vê tão puros, e singelos;  
E esse innocente riso,  
Por quem Apollo o Tejo torna Amphriso.

Outeiros coroados  
Das arvores que fazem a espessura  
Com os ramos copados,  
Alegre, que mão destra os não cultiva,  
Graça tão excessiva  
Não tem na sua natural verdura,  
Quanta na de esses olhos, clara, e pura,  
Deposita a esperança,  
Com que amor gosto, a mãe tormento alcança.

Dos simples passarinhos  
A musica sem arte concertada,  
De entre os verdes raminhos,  
Tão suave não é, tão deleitosa,  
A quem na selva umbrosa  
Com mente ouvindo-a está toda elevada,  
Quanto a mi essa falla doce agrada,  
E o natural aviso,  
Que roubam a Mercurio sceptro, e siso.

De frescos rios agua,  
Que clara entre arvoredos se deriva,

Cahindo de alta fragoa,  
Esmaltando de pérolas no prado  
O verde delicado,  
Com brando som aos olhos fugitiva,  
Não nos alegra quanto a graça esquiva  
De essa luz soberana,  
Que faz cortez a rustica Diana.

A tal luz (ó Canção, que ousaste vel-a!)  
Vendo estás já prostrado  
Saturno triste, Jupiter irado,  
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella;  
E Mercurio, e Diana, e toda Estrella.



## CANÇÃO XVI

Por meio de umas serras mui fragosas,  
Cercadas de sylvestres arvoredos,  
Retumbando por asperos penedos,  
Correm perennes aguas deleitosas.  
Na ribeira de Buina, assi chamada,  
Celebrada,  
Porque em prados  
Esmaltados  
Com frescura  
De verdura,  
Assi se mostra amena, assi graciosa,  
Que excede a qualquer outra mais formosa.

As correntes se vem que acceleradas  
As hervas regalando, e as boninas,  
Se vão a entrar nas aguas Neptuninas,  
Por diversas ribeiras derivadas.  
Com mil brancas conchinhas a aurea aréa  
Bem se arréa;

Voam aves;

Mil suaves

Passarinhos

Nos raminhos

Acordemente estão sempre cantando,

Com doce accento os ares abrandando.

O doce rouxinol num ramo canta,

E de outro o pintasirgo lhe responde:

A perdiz de entre a mata, em que se esconde,

O caçador sentindo, se levanta:

Voando vai ligeira mais que o vento;

Outro assento

Vai buscando,

Porém quando

Vai fugindo,

Retinindo,

Traz ella mais veloz a sétta corre,

De que, ferida, logo cahe, e morre.

Aqui Progne de um ramo em outro ramo,

Co'o peito ensanguentado anda voando:

Cibato para o ninho indo buscando

A léda codorniz vem ao reclamo

Do sagaz caçador, que a rede estende,

E pretende

Com engano



Fazer dano  
Á coitada,  
Que enganada  
De uns esparzidos grãos de louro trigo,  
Nas mãos vai a cahir de seu imigo.

Aqui soa a calhandra na parreira;  
A rola geme; palra o estorninho;  
Sahe a candida pomba do seu ninho;  
O tordo pousa em cima da oliveira:  
Vão as doces abelhas sussurrando,  
E apanhando  
O rocio  
Fresco, e frio,  
Por o prado  
De herva ornado,  
Com que o aureo licor fazem, que deu  
Á humana gente a industria de Aristeu.

Aqui as uvas luzidas penduradas  
Das pampinosas vides resplandecem:  
As frondiferas arvores se offrecem  
Com differentes fructos carregadas:  
Os peixes na agua clara andam saltando,  
Levantando  
As pedrinhas,  
E as conchinhas  
Rubicundas,  
Que as jucundas  
Ondas comsigo trazem, crepitando  
Por a praia alva com ruido brando.

Aqui por entre as serras se levantam  
Animaes Calidoneos, e os veados,



Na fugida inda mal assegurados,  
 Porque do som dos proprios pés se espantam.  
 Sahe o coelho, a lebre sahe manhosa

Da frondosa  
 Breve mata,  
 Donde a cata

Cão ligeiro;  
 Mas primeiro

Que ella ao contrario fervido se entregue,  
 Às vezes deixa em branco a quem a segue.

Luzem as brancas, e purpureas flores,  
 Com que o brando Favonio a terra esmalta:

O formoso jacintho alli não falta,  
 Lembrado dos antigos seus amores;  
 Inda na flor se mostram esculpidos

Os gemidos:

Aqui Flora  
 Sempre mora,

E com rosas  
 Mais formosas,

Com lirios, e boninas mil fragrantés,  
 Alegra os seus amores circumstantes.

Aqui Narciso em liquido crystal  
 Se namora de sua formosura:  
 Nelle as pendentes ramas da espessura  
 Debuxando-se estão ao natural.

Adonis, com que a linda Cytheréa  
 Se recrea,  
 Bem florido,  
 Convertido  
 Na bonina,

Que Erycina

Por imagem deixou de qual seria

Aquelle por quem ella se perdia.

Logar alegre, fresco, accommodado

Para se deleitar qualquer amante,

A quem com sua ponta penetrante

O cego amor tivesse derribado:

E para memorar ao som das aguas

Suas magoas

Amorosas,

As cheirosas

Flores vendo,

Escolhendo,

Para fazer preciosas mil capellas,

E dar por grão penhor a Nymphas bellas.

Eu d'ellas, por penhor de meus amores,

Uma capella á minha deosa dava:

Que lhe queria bem, bem lhe mostrava

O bem-mequeres entre tantas flores:

Porém, como se fora mal-mequeres,

Os poderes

Da crueldade

Na beldade

Bem mostrou;

Desprezou

A dadiva de flores; não por minha,

Mas porque muitas mais ella em si tinha..



# ODES

(ESCOLHIDAS)



## ODE I

Detem um pouco, Musa, o largo pranto  
Que amor te abre do peito;  
E vestida de rico, e lédo manto,  
Demos honra, e respeito,  
Aquella, cujo objeito  
Todo o Mundo allumia,  
Trocando a noite escura em claro dia.

Ó Delia, que a pezar da nevoa grossa,  
Co' os teus raios de prata,  
A noite escura fazes que não possa  
Encontrar o que trata,  
E o que na alma retrata  
Amor por teu divino  
Raio, porque endoudeço, e desatino.

Tu, que de formosissimas estrellas  
Corôas, e rodêas  
Tua candida frente, e faces bellas;  
E os campos formosêas  
Co' as rosas que semêas,  
Co' as boninas que gera  
O teu celeste humor na Primavera:

Pois, Delia, do teu Ceo vendo estás quantos  
Furtos de puridades,  
Suspiros, mágoas, ais, musicas, prantos,  
As conformes vontades,

Umás por saudades,  
Outras por crús indícios  
Fazem das proprias vidas sacrificios:  
    Já veio Endymião por estes montes  
O Ceo suspenso olhando:  
E teu nome, co' os olhos feitos fontes,  
Em vão sempre chamando,  
Pedindo (suspirando)  
Mercês á tua beldade,  
Sem que ache em ti um'hora piedade.

    Por ti feito Pastor de branco gado  
Nas selvas solitarias,  
Só de seu pensamento acompanhado,  
Conversa as alimarias,  
De todo amor contrárias,  
Mas não como ti duras,  
Onde lamenta, e chora desventuras.

    Para ti guarda o sitio fresco d'Ilio  
Suas sombras formosas:  
Para ti no Erymantho o lindo Epilio  
As mais purpureas rosas;  
E as drogas mais cheirosas  
D'este nosso Oriente  
Guarda a felice Arabia mais contente.

    De qual panthera, ou tigre, ou leopardo,  
As asperas entranhas  
Não temeram teu fero, e agudo dardo,  
Quando por as montanhas  
Mais remotas, e estranhas,  
Ligeira atravessavas,  
Tão formosa que a amor de amor matavas.

De castas virgens sempre os altos gritos,  
Clara Lucina, ouviste,  
Renovando-lhe as forças e os espiritos:  
Mas os de aquelle triste,  
Já nunca consentiste  
Ouvil-os um momento,  
Para ser menos grave o seu tormento.

Não fujas, não, de mi. Ah! Não te escondas  
De um tão fiel amante.  
Olha como suspiram estas ondas,  
E como o velho Atlante  
O seu collo arrogante  
Move piedosamente  
Ouvindo a minha voz fraca, e doente.  
Triste de mi! Que alcanço por queixar-me,  
Por minhas queixas digo  
A quem já ergueu a mão para matar-me  
Como a cruel imigo?  
Mas eu meu fado sigo,  
Que a isto me destina,  
E que isto só pretende, e só me ensina.

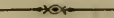
Oh quanto ha já que o Ceo me desengana!  
Mas eu sempre porfio  
Cada vez mais na minha teima insana.  
Tendo livre alvedrio  
Não fujo o desvario;  
Porque este em que me vejo  
Engana co' a esperança meu desejo.

Oh quanto melhor fora que dormissem  
Um somno perennal  
Estes meus olhos tristes, e não vissem



A causa de seu mal:  
 Fugir, a um tempo tal,  
 Mais que de antes proterva,  
 Mais cruel que ursa, mais fugaz que cerva!  
 Ai de mi, que me abraço em fogo vivo,  
 Com mil mortes ao lado,  
 E quando morro mais, então mais vivo!  
 Porque tem ordenado  
 Mais infelice estado,  
 Que quando me convida  
 A morte para a morte tenha vida.

Secreta noite amiga, a que obedeço;  
 Estas rosas (por quanto  
 Meus queixumes me ouviste) te offereço;  
 E este fresco amaranto,  
 Humido inda do pranto,  
 E lagrimas da esposa  
 Do cioso Titan, branca, e formosa.



## ODE II

Tão suave, tão fresca, e tão formosa,  
 Nunca no Ceo sahiu  
 A Aurora no principio do Verão,  
 Ás flores dando a graça costumada,  
 Como a formosa mansa fera, quando  
 Um pensamento vivo me inspirou,  
 Por quem me desconheço.

Bonina pudibunda, ou fresca rosa,  
Nunca no campo abriu,  
Quando os raios do Sol no Touro estão,  
De cores differentes esmaltada,  
Como esta flor, que os olhos inclinando,  
O soffrimento triste costumou  
Á pena que padeço.

Ligeira, bella Nympha, linda, irosa,  
Não creio que seguiu  
Satyro, cujo brando coração  
De amores commovesse fera irada,  
Que assi fosse fugindo, e desprezando  
Este tormento, donde amor mostrou  
Tão próspero começo.

Nunca, emfim, cousa bella e rigorosa  
Natura produziu,  
Qu'iguale aquella fórma e condição,  
Que as dores em que vivo estima em nada.  
Mas com tão doce gesto, irado e brando,  
O sentimento, e a vida m'enlevou,  
Que a pena lhe agradeço.

Bem cuidei d'exaltar em verso, ou prosa,  
Aquillo que a alma viu  
Entre a doce dureza e mansidão.  
Primores de belleza desusada;  
Mas quando quiz voar ao Ceo cantando,  
Entendimento e engenho me cegou  
Luz de tão alto preço.

Naquella alta pureza deleitosa  
Que ao Mundo se encobriu;  
E nos olhos Angelicos, que são

Senhores d'esta vida destinada;  
 E naquelles cabellos, que soltando  
 Ao manso vento, a vida me enredou,  
 Me alegre e me entristeço.

Saudade, e suspeita perigosa,  
 Que Amor constituiu  
 Por castigo d'aquelles que se vão:  
 Temores, penas d'alma desprezada,  
 Fera esquivaça que me vai tirando  
 O mantimento que me sustentou,  
 A tudo me offereço.  
 Amor isento a uns olhos me entregou,  
 Nos quaes a Deos conheço.

---

ODE V

Nunca manhã suave  
 Estendendo seus raios por o Mundo,  
 Depois de noite grave,  
 Tempestuosa, negra, em mar profundo  
 Alegrou tanto a náó, que já no fundo  
 Se viu em mares grossos,  
 Como a luz clara a mi dos olhos vossos.  
 Aquella formosura,  
 Que só no virar d'elles resplandece;  
 E com que a sombra escura  
 Clara se faz, e o campo reverdece;  
 Quando o meu pensamento se entristece,

Ella, e sua viveza,  
Me desfazem a nuvem da tristeza.

O meu peito, onde estais,  
É para tanto bem pequeno vaso:  
Quando acaso virais  
Os olhos, que de mi não fazem caso,  
Todo, gentil Senhora, então me abraso  
Na luz que me consume,  
Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tivera,  
Que a tão formosos olhos entregára,  
Todas quantas pudera  
Por as pestanas d'elles pendurára;  
E enlevadas na vista pura, e clara,  
(Postoque d'isso indinas)  
Se andaram sempre vendo nas meninas.

E vós, que descuidada  
Agora vivereis de taes querelas,  
De almas minhas cercada,  
Não pudesseis tirar os olhos d'ellas;  
Não póde ser que, vendo a vossa entr'ellas,  
A dor que lhe mostrassem,  
Tantas, uma alma só não abrandassem.

Mas, pois, o peito ardente  
Uma só póde ter, formosa Dama,  
Basta que esta sómente,  
Como se fossem mil e mil, vos ama;  
Para que a dor de sua ardente flamma  
Comvosco tanto possa,  
Que não queirais ver cinza um'alma vossa.

---

## ODE VI

Póde um desejo immenso  
Arder no peito tanto,  
Que á branda, e á viva alma, o fogo intenso,  
Lhe gaste as nodoas do terreno manto;  
E purifique em tanta alteza o espirito  
Com os olhos immortaes,  
Que faz que lêa mais do que vê escrito.

Que a flamma, que se accende  
Alto, tanto allumia,  
Que se o nobre desejo ao bem se estende,  
Que nunca viu, o sente claro dia;  
E lá vê do que busca o natural,  
A graça, a viva côr,  
Noutra especie melhor que a cõrporal.

Pois vós, ó claro exemplo  
De viva formosura,  
Que de tão longe cá noto, e contemplo  
Nalma, que este desejo sobe, e apura;  
Não creais que não vejo aquella imagem  
Que as gentes nunca vêem,  
Se de humanos não tem muita vantagemem.

Que se os olhos ausentes  
Não vêem a compassada  
Proporção, que das côres excellentes  
De pureza, e vergonha é variada;

Da qual a Poesia que cantou  
Até qui só pinturas,  
Com mortaes formosuras igualou:  
Se não vêem os cabellos  
Que o vulgo chama de ouro;  
E se não vêem os claros olhos bellos,  
De quem cantam que são do Sol thesouro;  
E se não vêem do rosto as excellencias,  
A quem dirão que deve  
Rosa, e crystal, e neve as apparencias?

Vem logo a graça pura,  
A luz alta, e severa,  
Que é raio da divina formosura,  
Que na alma imprime, e fóra reverbera;  
Assi como crystal do Sol ferido,  
Que por fóra derrama  
A recebida flamma esclarecido.

E vem a gravidade,  
Com a viva alegria,  
Que misturada tem de qualidade,  
Que uma da outra nunca se desvia;  
Nem deixa de ser uma receada  
Por léda, e por suave,  
Nem outra por ser grave muito amada.

E vem do honesto siso  
Os altos resplandores  
Temperados co' o doce, e ledó riso,  
A cujo abrir abrem no campo as flores  
As palavras discretas, e suaves,  
Das quaes o movimento  
Fará deter o vento, e as altas aves.



Dos olhos o virar  
Que torna tudo raso,  
Do qual não sabe o engenho divisar  
Se foi por artificio, ou feito acaso:  
Da presença os meneos, e a postura,  
O andar, e o mover-se,  
Donde póde aprender-se formosura.

Aquelle não sei que,  
Que aspira não sei como;  
Que invisível sahindo, a vista o vê,  
Mas para o comprehender não lhe acha tomo;  
E que toda a Toscana Poesia,  
Que mais Phebo restaura,  
Em Beatriz, nem Laura nunca via:

Em vós a nossa idade,  
Senhora, o póde ver,  
Se engenho, se sciencia, e habilidade.  
Iguaes a vossa formosura der,  
Qual a vi no meu longo apartamento,  
Qual em ausencia a vejo.  
Taes azas dá o desejo ao pensamento.

Pois se o desejo afina  
Uma alma accesa tanto,  
Que por vós use as partes da divina;  
Por vós levantarei não visto canto,  
Que o Betis me ouça, e o Tibre me levante:  
Que o nosso claro Tejo,  
Envolto um pouco o vejo, e dissonante.

O campo não o esmaltam  
Flores, mas só abrolhos  
O fazem feio; e cuido que lhe faltam



Ouvidos para mi, para vós olhos:  
 Mas faça o que quizer o vil costume,  
 Que o Sol, que em vós está,  
 Na escuridão dará mais claro lume.



## ODE IX

Fogem as neves frias  
 Dos altos montes quando reverdecem  
 As arvores sombrias;  
 As verdes hervas crecem,  
 E o prado ameno de mil côres tecem.

Zephyro brando espira;  
 Suas séttas amor afia agora;  
 Progne triste suspira,  
 E Philomela chora;  
 O Ceo da fresca terra se namora.

Já a linda Cytheréa  
 Vem, do coro das Nymphas rodeada;  
 A branca Pasitéa  
 Despida, e delicada,  
 Com as duas irmãs acompanhada.

Em quanto as officinas  
 Dos Cyclopas Vulcano está queimando,  
 Vão colhendo boninas  
 As Nymphas, e cantando;  
 A terra co'o ligeiro pé tocando.

Desce do aspero monte  
Diana, já cansada da espessura,  
Buscando a clara fonte,  
Onde por sorte dura  
Perdeu Actéo a natural figura.

Assi se vai passando  
A verde Primavera, e o secco Estio:  
O Outomno vem entrando;  
E logo o Inverno frio,  
Que tambem passará por certo fio.

Ir-se-ha embranquecendo  
Com a frigida neve o secco monte;  
E Jupiter chovendo  
Turbará a clara fonte,  
Temerá o marinheiro o Oriente.

Porque, em fim, tudo passa;  
Não sabe o tempo ter firmeza em nada:  
E a nossa vida escassa  
Foge tão apressada,  
Que quando se começa é acabada.

Que se fez dos Troianos  
Heitor temido, Enéas piedoso?  
Consumiram-te os annos,  
Ó Cresso tão famoso,  
Sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento  
Crias que estava em ter thesouro ufano!  
Oh falso pensamento,  
Que á custa de teu damno  
Do Sabio Solon creste o desenganol  
O bem que aqui se alcança,

Não dura por possante, nem por forte:  
Que a bemaventurança  
Duravel, de outra sorte  
Se ha de alcançar na vida para a morte.

Porque, em fim, nada basta  
Contra o terrivel fim da noite eterna;  
Nem póde a deosa casta  
Tornar á luz superna  
Hippolyto da escura sombra averna.

Nem Theseo esforçado,  
Ou com manha, ou com força valerosa,  
Livrar póde o ousado  
Perithoo da espantosa  
Prisão Lethéa escura, e tenebrosa.

---

## ODE XI

Naquelle tempo brando  
Em que se vê do Mundo a formosura,  
Que Tethys descansando  
De seu trabalho está, formosa, e pura,  
Cansava amor o peito  
Do mancebo Peleo, de um duro affeito.

Com impeto forçoso  
Lhe havia já fugido a bella Nympha,  
Quando no tempo aquoso  
Noto irado revolve a clara lympha,

Serras no mar erguendo,  
Que os cumes das da terra vão lambendo.

Esperava o mancebo,  
Com a profunda dor que na alma sente,  
Um dia em que já Phebo  
Começava a mostrar-se ao Mundo ardente,  
Soltando as tranças de ouro  
Em que Clicie de amor faz seu thesouro.

Era no mez que Apollo  
Entre os irmãos celestes passa o tempo:  
O vento enfrêa Eolo,  
Para que o deleitoso passatempo  
Seja quieto, e mudo;  
Que a tudo amor obriga, e vence tudo.

O luminoso dia  
Os amorosos corpos despertava  
Á cega idolatria  
Que ao peito mais contenta, e mais aggrava;  
Onde o cego menino  
Faz que os humanos creiam que é divino:

Quando a formosa Nympha,  
Com todo o ajuntamento venerando,  
Na *crystallina lympha*  
O corpo *crystallino* está lavando;  
O qual nas aguas vendo,  
Nelle, alegre de o ver, se está revendo.

O peito diamantino,  
Em cuja branca teta amor se cria;  
O gesto peregrino,  
Cuja presença torna a noite em dia;  
A graciosa bocca

Que a amor com seus amores mais provoca.

Os rubins graciosos;  
As pérolas que escondem vivas rosas  
Dos jardins deleitosos,  
Que o Ceo plantou em faces tão formosas;  
O transparente collo,  
Que ciunes a Daphne faz de Apollo.

O subtil mantimento  
Dos olhos, cuja vista a amor cegou;  
A amor, que com tormento  
Glorioso, nunca d'elles se apartou,  
Pois elles de continuo  
Nas meninas o trazem por menino.

Os fios derramados  
De aquelle ouro que o peito mais cubiça,  
Donde amor enredados  
Os corações humanos traz, e atiça;  
E donde com desejo  
Mais ardente começa a ser sobejo.

O mancebo Peleo,  
Que de Neptuno estava aconselhado,  
Vendo na terra o Ceo  
Em tão bella figura trasladado,  
Mudo um pouco ficou,  
Porque amor logo a falla lhe tirou.

Emfim, querendo ver  
Quem tanto mal de longe lhe fazia,  
A vista foi perder,  
Porque de puro amor, amor não via:  
Viu-se assi cego, e mudo,  
Por a força de amor que póde tudo.

Agora se apparelha  
Para a batalha, agora remettendo;  
Agora se aconselha,  
Agora vai, agora está tremendo,  
Quando já de Cupido  
Com nova sétta o peito viu ferido.  
Remette o moço logo  
Para onde estava a chaga sem socego,  
E co'o sobejo fogo  
Quanto mais perto estava, então mais cego:  
E cego, e co'um suspiro,  
Na formosa donzella emprega o tiro.  
Vingado assi Peleo,  
Nasceu d'este amoroso ajuntamento  
O forte Larisseo,  
Destruição do Phrygio pensamento,  
Que por não ser ferido  
Foi nas aguas Estygias submergido.



## ODE XII

Já a calma nos deixou  
Sem flores as ribeiras deleitosas:  
Já de todo seccou  
Candidos lirios, rubicundas rosas:  
Fogem do grave ardor os passarinhos  
Para o sombrio amparo de seus ninhos.



Meneia os altos freixos  
A branda viração de quando em quando;  
E de entre varios seixos  
O liquido crystal sahe murmurando;  
As gottas que das alvas pedras saltam,  
O prado, como pérolas, esmaltam.

Da caça já cansada  
Busca a casta Titanica a espessura;  
Onde á sombra inclinada  
Logre o doce repouso da verdura;  
E sobre o seu cabello ondado e louro  
Deixe cahir o bosque o seu thesouro.

O Ceo desimpedido  
Mostrava o lume eterno das estrellas;  
E de flores vestido  
O campo, brancas, rôxas, e amarellas,  
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,  
O prado, o arvoredado, o rio, a fonte.

Porém como o menino,  
Que a Jupiter por a aguia foi levado,  
No cêrco crystallino  
Fôr do amante de Clície visitado;  
O bosque chorará, chorará a fonte,  
O rio, o arvoredado, o prado, o monte.

O mar, que agora brando  
É das Nereides candidas cortado,  
Logo se irá mostrando  
Todo em crespas escumas empolado:  
O suberbo furor do negro vento  
Fará por toda parte movimento.

Lei é da natureza

Mudar-se d'esta sorte o tempo leve:

Succeder á belleza

Da primavera o fructo; a elle a neve;

E tornar outra vez por certo fio

Outomno, Inverno, Primavera, Estio.

Tudo, emfim, faz mudança

Quanto o claro Sol vê, quanto allumia;

Não se acha segurança

Em tudo quanto alegra o bello dia:

Mudam-se as condições, muda-se a idade,

A bonança, os estados, e a vontade.

Sómente a minha imiga

A dura condição nunca mudou;

Para que o Mundo diga

Que nella lei tão certa se quebrou:

Em não ver-me ella só sempre está firme,

Ou por fugir d'Amor, ou por fugir-me.

Mas já soffrivel fôra

Qu'em matar-me ella só mostre firmeza,

Se não achára agora

Tambem em mi mudada a natureza;

Pois sempre o coração tenho turbado,

Sempre d'escuras nuvens rodeado.

Sempre exprimento os fios

Qu'em contino receio Amor me manda;

Sempre os dous caudaes rios,

Qu'em meus olhos abriu quem nos seus anda,

Correm, sem chegar nunca o Verão brando,

Que tamanha aspereza vá mudando.

O sol sereno e puro,

Que no formoso rosto resplandece,

Envolto em manto escuro  
Do triste esquecimento, não parece;  
Deixando em triste noite a triste vida,  
Que nunca de luz nova é soccorrida.

Porém seja o que for,  
Mude-se por meu damno a natureza;  
Perca a inconstancia Amor;  
A Fortuna inconstante ache firmeza;  
Tudo mudavel seja contra mi,  
Mas eu firme estarei no qu'emprendi.





# ELEGIAS

(ESCOLHIDAS)





## ELEGIA I

O Poeta Simonides fallando  
Co'o Capitão Themistocles um dia,  
Em cousas de sciencia praticando;  
Um'arte singular lhe promettia,  
Qu'então compunha, com que lh'ensinasse  
A lembrar-se de tudo o que fazia;  
Onde tão subtis regras lhe mostrasse,  
Que nunca lhe passassem da memoria  
Em nenhum tempo as cousas que passasse.  
Bem merecia, certo, fama, e gloria  
Quem dava regra contra o esquecimento,  
Que sepulta qualquer antigua historia.  
Mas o Capitão claro, cujo intento  
Bem differente estava, porque havia  
Do passado as lembranças por tormento:  
Oh illustre Simonides! (dizia)  
Pois tanto em teu engenho te confias,  
Que mostras á memoria nova via;  
Se me desses um'arte, qu'em meus dias  
Me não lembrasse nada do passado,  
Oh quanto melhor obra me farias!  
Se este excellente dito ponderado  
Fosse por quem se visse estar ausente,  
Em longas esperanças degradado;

Oh como bradaria justamente,  
 Simonides, inventa novas artes;  
 Não midas o passado co'o presente!

Que se é forçado andar por varias partes  
 Buscando á vida algum descanso honesto,  
 Que tu, Fortuna injusta, mal repartes;

E se o duro trabalho, é manifesto  
 Que por grave que seja, ha de passar-se  
 Com animoso espirito e ledo gesto;

De que serve ás pessoas o lembrar-se  
 Do que se passou já, pois tudo passa,  
 Senão d'entristecer-se e magoar-se?

Se em outro corpo um'alma se traspassa,  
 Não como quiz Pythagoras na morte,  
 Mas como quer Amor na vida escassa;

E se este Amor no Mundo está de sorte,  
 Que na virtude só um lindo objecto  
 Tem um corpo, sem alma, vivo e forte;

Onde este objecto falta, que é defecto  
 Tamanho para a vida, que já nella  
 Me está chamando á pena a dura Alecto;

Porque me não criára a minha Estrella  
 Selvatico no Mundo, e habitante  
 Na dura Scythia, e no mais duro d'ella?

Ou no Caucaso horrendo fraco infante,  
 Criado ao peito de uma tigre Hircana,  
 Homem fora formado de diamante?

Porque a cerviz ferina, e inhumana,  
 Não submettêra ao jugo, e dura lei,  
 De aquelle que dá vida quando engana.

Ou em pago das aguas que estilei,

As que passei do mar, foram do Lethe,  
Para que me esquecêra o que passei.

Porque o bem que a esperança vã promette,  
Ou a morte o estorva, ou a mudança,  
Que é mal que um'alma em lagrimas derrete.

Já, Senhor, cahirá como a lembrança  
No mal do bem passado é triste, e dura,  
Pois nasce aonde morre a esperança.

E se quizer saber como se apura  
Em almas saudosas, não se enfade  
De ler tão longa, e misera escriptura.

Soltava Eolo a rede, e liberdade,  
Ao manso Favonio brandamente,  
E eu a tinha já solta á saudade.

Neptuno tinha posto o seu tridente;  
A proa a branca escuma dividia,  
Com a gente maritima contente.

O Coro das Nereidas nos seguia;  
Os ventos, namorada Galatéa,  
Comsigo socegados os movia.

Das argenteas conchinhas Panopéa  
Andava por o mar fazendo molhos,  
Melanto, Dinamene, com Ligea.

Eu trazendo lembranças por antolhos,  
Trazia os olhos na agua socegada,  
E a agua sem socego nos meus olhos.

A bemaventurança já passada,  
Diante de mi tinha tão presente,  
Como se não mudasse o tempo nada.

E com o gesto immoto, e descontente,  
Co'um suspiro profundo, e mal ouvido,

Por não mostrar meu mal a toda a gente;  
 Dizia: Oh claras Nymphas! Se o sentido  
 Em puro amor tivestes, e inda agora  
 Da memoria o não tendes esquecido;  
 Se por ventura fordes algum'hora  
 Adonde entra o grão Tejo a dar tributo  
 A Tethys, que vós tendes por Senhora;  
 Ou já por ver o verde prado enxuto,  
 Ou já por colher ouro rutilante,  
 Das Tagicas aréas rico fructo;  
 Nellas, em verso erotico, e elegante,  
 Escrevei co'uma concha o que em mi vistes,  
 Póde ser que algum peito se quebrante.  
 E contando de mi memorias tristes,  
 Os Pastores do Tejo, que me ouviam,  
 Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.  
 Ellas, que já no gesto me entendiam,  
 Nos meneos das ondas me mostravam  
 Que em quanto lhes pedia consentiam.  
 Estas lembranças que me acompanhavam  
 Por a tranquillidade da bonança,  
 Nem na tormenta triste me deixavam.  
 Porque chegando ao Cabo da Esperança,  
 Começo da saudade, que renova,  
 Lembrando a longa, e aspera mudança:  
 Debaixo estando já da Estrella nova,  
 Que no novo Hemispherio resplandece,  
 Dando do segundo axe certa prova;  
 Eis a noite com nuvens se escurece;  
 Do ar subitamente foge o dia;  
 E todo o largo Oceano se embravece.

A máchina do Mundo parecia,  
Que em tormentas se vinha desfazendo;  
Em serras todo o mar se convertia.

Lutando Boreas fero, e Noto horrendo,  
Sonoras tempestades levantavam,  
Das náos as velas concavas rompendo.

As cordas co'o ruído assoviavam;  
Os marinheiros, já desesperados,  
Com gritos para o Ceo o ar coalhavam.

Os raios por Vulcano fabricados,  
Vibrava o fero, e aspero Tonante,  
Tremendo os Polos ambos de assombrados.

Amor alli, mostrando-se possante,  
E que por algum medo não fugia,  
Mas quanto mais trabalho mais constante;

Vendo a morte presente, em mi dizia:  
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,  
Nada do que passei me lembraria.

Emfim, nunca houve cousa que mudasse  
O firme amor intrinseco de aquelle,  
Em quem alguma vez de siso entrasse.

Uma cousa, Senhor, por certa asselle,  
Que nunca amor se afina, nem se apura,  
Em quanto está presente a causa d'elle.

D'esta arte me chegou minha ventura  
A esta desejada, e longa terra,  
De todo pobre honrado sepultura.

Vi quanta vaidade em nós se encerra,  
E nos proprios quão pouca, contra quem  
Foi logo necessario termos guerra.

Uma Ilha que o Rei de Porcéa tem,



E que o Rei da Pimenta lhe tomára,  
Fomos tomar-lh'a, e succedeu-nos bem.

Com uma grossa armada, que juntára  
O Viso-Rei, de Goa nos partimos,  
Com toda a gente de armas que se achára.

E com pouco trabalho destruimos  
A gente no curvo arco exercitada;  
Com morte, com incendios os punimos.

Era a Ilha com aguas alagada,  
De modo que se andava em almadias;  
Emfim, outra Veneza trasladada.

Nella nos detivemos sós dous dias,  
Que foram para alguns os derradeiros.  
Pois passaram de Estyge as ondas frias.

Que estes são os remédios verdadeiros  
Que para a vida estão aparelhados  
Aos que a querem ter por cavalleiros.

Oh Lavradores bemaventurados!  
Se conhecessem seu contentamento,  
Como vivem no campo socegados!

Dá-lhes a justa terra o mantimento;  
Dá-lhes a fonte clara da agua pura,  
Mungem nas ovelhas cento a cento.

Não vem o mar irado, a noite escura,  
Por ir buscar a pedra do Oriente;  
Não temem o furor da guerra dura.

Vive um com suas arvores contente,  
Sem lhe quebrar o somno repousado  
A grão cobiça de ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,  
E da formosa côr de Assyria tinto,

E dos torsaes Attalicos lavrado:

Se não tem as delicias de Corinto,  
E se de Pario os marmores lhe faltam,  
O pyropo, a esmeralda, e o jacinto:

Se suas casas, de ouro não se esmaltam,  
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores  
Onde os cabritos seus comendo saltam.

Alli lhe mostra o campo várias côres;  
Vêm-se os ramos pender co'o fructo ameno;  
Alli se afina o canto dos Pastores.

Alli cantára Tityro, e Sileno:  
Emfim, por estas partes caminhou  
A sã justiça para o Ceo sereno.

Ditoso seja aquelle que alcançou  
Poder viver na doce companhia  
Das mansas ovelhinhas que criou.

Este, bem facilmente alcançaria  
As causas naturaes de toda cousa;  
Como se gera a chuva, e neve fria:

Os trabalhos do Sol, que não repousa;  
E porque nos dá a Lua a luz alhêa,  
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:

E como tão depressa o Ceo rodêa;  
E como um só os outros traz comsigo;  
E se é benigna ou dura Cytherêa.

Bem mal pôde entender isto que digo,  
Quem ha de andar seguindo o fero Marte,  
Que sempre os olhos traz em seu perigo.

Porém seja, Senhor, de qualquer arte,  
Pois posto que a fortuna possa tanto,  
Que tão longe de todo o bem me aparte;



Não poderá apartar meu duro canto  
D'esta obrigação sua, em quanto a morte:  
Me não entregue ao duro Radamanto;  
Se para tristes ha tão leda sorte.

## ELEGIA II

Aquella que de amor descomedido  
Por formoso moço se perdeu,  
Que só por si de amores foi perdido:  
Depois que a deusa em pedra a converteu,  
De seu humano gesto verdadeiro,  
A ultima voz só lhe concedeu.

Assi meu mal do proprio ser primeiro,  
Outra cousa nenhuma me consente,  
Que este canto que escrevo derradeiro.

E se uma pouca vida estando ausente  
Me deixa amor, é porque o pensamento  
Sinta a perda do bem de estar presente.

Senhor, se vos espanta o soffrimento  
Que tenho em tanto mal para escrevel-o,  
Furto este breve espaço a meu tormento.

Porque quem tem poder para soffrel-o,  
Sem se acabar a vida, co'o cuidado,  
Tambem terá poder para dizel-o.

Nem eu escrevo um mal já acostumado;  
Mas na alma triste, e saudosa,

A saudade escreve, e eu traslado.

Ando gastando a vida trabalhosa,  
E esparzindo a continua soidade  
Ao longo de uma praia soidosa.

Vejo do mar a instabilidade,  
Como com seu ruido impetuoso  
Retumba na maior concavidade.

De furibundas ondas poderoso,  
Na terra, a seu pesar, está tomando  
Logar em que se estenda cavernoso.

Ella, como mais fraca, lhe está dando  
As concavas entranhas, onde esteja  
Sempre com som profundo suspirando.

A todas estas cousas tenho inveja  
Tamanha, que não sei determinar-me,  
Por mais determinado que me veja.

Se quero em tanto mal desesperar-me,  
Não posso, porque amor e saudade,  
Nem licença me dão para matar-me.

Ás vezes cuido em mi, se a novidade,  
E estranheza das cousas, co'a mudança,  
Poderiam mudar uma vontade.

E com isto figuro na lembrança  
A nova terra, o novo trato humano,  
A estrangeira progenie, a estranha usança.

Subo-me ao monte que Hercules Thebano  
Do altissimo Calpe dividiu,  
Dando caminho ao mar Mediterraneo.

De alli estou tanteando aonde viu  
O pomar das Hesperides matando  
A serpe que a seu passo resistiu.

Estou-me em outra parte figurando  
O poderoso Antheo, que derribado  
Mais força se lhe vinha accrescentando.

Porém do Herculeo braço subjugado,  
No ar deixando a vida, não podendo  
Dos soccorros da mãe ser ajudado.

Mas nem com isto, emfim, qu'estou dizendo,  
Nem com as armas tão continuadas,  
D'amorosas lembranças me defendo.

Todas as cousas vejo demudadas,  
Porque o tempo ligeiro não consente  
Qu'estejam de firmeza acompanhadas.

Vi já que a Primavera, de contente,  
Em variadas côres revestia  
O monte, o campo, o valle, alegremente.

Vi já das altas aves a harmonia,  
Que até duros penedos convidava  
A algum suave modo d'alegria.

Vi já que tudo, emfim, me contentava,  
E que, de muito cheio de firmeza,  
Um mal por mil prazeres não trocava.

Tal me tem a mudança e estranheza,  
Que se vou por os prados, a verdura  
Parece que se sécca de tristeza.

Mas isto é já costume da ventura;  
Porque aos olhos que vivem descontentes,  
Descontente o prazer se lhes figura.

Oh graves e insofriveis accidentes  
Da Fortuna e d'Amor! que penitencia  
Tão grave dais aos peitos innocentes!

Não basta examinar-me a paciencia

Com temores e falsas esperanças,  
Sem que tambem me tente o mal de ausencia?

Trazeis um brando espirito em mudanças,  
Para que nunca possa ser mudado  
De lagrimas, suspiros, e lembranças.

E s'estiver ao mal acostumado,  
Tambem no mal não consentis firmeza,  
Para que nunca viva descansado.

Já quieto m'achava co'a tristeza;  
E alli não me faltava um brando engano,  
Que tirasse desejos da fraqueza.

Mas vendo-me enganado estar ufano,  
Deu á roda a Fortuna; e deu comigo  
Onde de novo choro o novo dano.

Já deve de bastar o que aqui digo,  
Para dar a entender o mais que calo  
A quem já viu tão aspero perigo.

E se nos brandos peitos faz abalo  
Um peito magoado, e descontente,  
Que obriga a quem o ouve a consolal-o;

Não quero mais senão que largamente,  
Senhor, me mandeis novas d'essa terra,  
Que alguma d'ellas me fará contente.

Porque se o duro fado me desterra  
Tanto tempo do bem, que o fraco espirito  
Desampare a prisão onde se encerra;

Ao som das negras aguas de Cocito,  
Ao pé dos carregados arvoredos,  
Cantarei o que na alma tenho escripto.

E por entre estes horridos penedos,  
A quem negou Natura o claro dia,

Entre tormentos asperos, e medos;  
 Com a tremula voz, cansada, e fria,  
 Celebrarei o gesto claro, e puro,  
 Que nunca perderei da phantasia.

O Musico de Thracia já seguro  
 De perder sua Eurydice, tangendo  
 Me ajudará ferindo o ar escuro.

As namoradas sombras, revolvendo  
 Memorias do passado, me ouvirão;  
 E com seu choro o rio irá crescendo.

Em Salmonéo as penas faltarão,  
 E das filhas de Belo juntamente  
 De lagrimas os vasos se encherão.

Que se amor não se perde em vida ausente,  
 Menos se perderá por morte escura:  
 Porque, emfim, a alma vive eternamente;  
 E amor é effeito da alma, e sempre dura.

---

### ELEGIA III

O Sulmonense Ovidio desterrado  
 Na aspereza do Ponto, imaginando  
 Ver-se de seus Penates apartado:

Sua chara mulher desamparando,  
 Seus doces filhos, seu contentamento;  
 De sua Patria os olhos apartando:

Não podendo encobrir o sentimento,



Aos montes já, já aos rios se queixava  
De seu escuro, e triste nascimento.

O curso das Estrellas contemplava,  
E aquella ordem com que discorria  
O Ceo, e o ar, e a terra adonde estava.

Os peixes por o mar nadando via,  
As feras por o monte, procedendo  
Como seu natural lhes permittia.

De suas fontes via estar nascendo  
Os saudosos rios de crystal,  
Á sua natureza obedecendo.

Assi só de seu proprio natural  
Apartado se via em terra estranha,  
A cuja triste dôr não acha igual.

Só sua doce Musa o acompanha,  
Nos soidosos versos que escrevia,  
E nos lamentos com que o campo banha.

D'esta arte me figura a phantasia  
A vida com quem morro, desterrado  
Do bem que em outro tempo possuia.

Aqui contemplo o gosto já passado,  
Que nunca passará por a memoria  
De quem o traz na mente debuxado.

Aqui vejo caduca, e debil gloria  
Desenganar meu erro co'a mudança  
Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança  
Quão pouca culpa tenho: me entristece  
Ver sem razão a pena que me alcança.

Que a pena que com causa se padece,  
A causa tira o sentimento d'ella;



Mas muito dóe a que se não merece.

Quando a rôxa manhã, dourada, e bella,  
Abre as portas ao Sol, e cahe o orvalho,  
E torna a seus queixumes Philomela;

Este cuidado que co'o somno atalho,  
Em sonhos me parece, que o que a gente  
Por seu descanso tem me dá trabalho.

E depois de acordado cegamente,  
(Ou, por melhor dizer, desacordado,  
Que pouco acordo logra um descontente)

De aqui me vou, com passo carregado,  
A um outeiro erguido, e alli me assento,  
Saltando toda a redea a meu cuidado.

Depois de farto já de meu tormento,  
Estendo estes meus olhos saudosos  
Á parte donde tinha o pensamento.

Não vejo senão montes pedregosos;  
E sem graça, e sem flor, os campos vejo,  
Que já floridos vira, e graciosos.

Vejo o puro, suave, e rico Tejo,  
Com as concavas barcas, que nadando  
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.

Umás com brando vento navegando,  
Outras com leves remos brandamente  
As crystallinas aguas apartando.

De alli fallo com a agua que não sente,  
Com cujo sentimento esta alma sahe  
Em lagrimas desfeita claramente.

Ó fugitivas ondas, esperai;  
Que pois me não levais em companhia,  
Ao menos estas lagrimas levai.

Até que venha aquelle alegre dia  
Que eu vá onde vós ides, livre, e ledo.  
Mas tanto tempo, quem o passaria?

Não póde tanto bem chegar tão cedo:  
Porque primeiro a vida acabará,  
Que se acabe tão aspero degredo.

Mas essa triste morte que virá,  
Se em tão contrario estado me acabasse,  
Esta alma assi impaciente adonde irá?

Que se ás portas Tartaricas chegasse,  
Temo que tanto mal por a memoria  
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.

Que se a Tantalos, e Ticio for notoria  
A pena com que vai, e que a atormenta,  
A pena que lá tem terão por gloria.

Essa imaginação, emfim, me augmenta  
Mil mágoas no sentido, porque a vida  
De imaginações tristes se contenta.

Que pois de todo vive consumida,  
Porque o mal que possui se resuma,  
Imagina na gloria possuida.

Até que a noite eterna me consuma,  
Ou veja aquelle dia desejado  
Em que a fortuna faça o que costuma;

Se nella ha hi mudar-se um triste estado.

## ELEGIA V

Aquelle mover de olhos excellente,  
Aquelle vivo espirito inflammado  
Do crystallino rosto transparente:

Aquelle rosto immoto, e repousado,  
Que estando na alma propriamente escrito,  
Não póde ser em verso trasladado:

Aquelle parecer, que é infinito  
Para se comprehender de engenho humano,  
O qual offendo em quanto tenho dito:

Tanto a inflammarm-me vem de um doce engano,  
E tanto a engrandecer-me a phantasia,  
Que não vi maior gloria que meu damno.

Oh bemaventurado seja o dia  
Em que tomei tão doce pensamento,  
Que de todos os outros me desvia!

E bemaventurado o soffrimento  
Que soube ser capaz de tanta pena,  
Vendo que o foi da causa o entendimento.

Faça-me quem me mata, o mal que ordena,  
Trate-me com enganões, desamores;  
Que então me salva quando me condena.

E se de tão suaves desfavores,  
Penando vive um'alma consumida,  
Oh que doce penar! Que doces dores!

E se uma condição endurecida,

Tambem me nega a morte por meu damno,  
 Oh que doce morrer! Que doce vida!

.....

Se, enfim, os meus espiritos, de pequenos,  
 A merecer não chegam seu tormento,  
 Que quero eu mais, que o mais não seja menos?

A causa, pois, me esforça o soffrimento;  
 Porque, a pezar do mal que me resiste,  
 De todos os trabalhos me contento;  
 Que a razão faz a pena alegre, ou triste.



## ELEGIA VI

Entre rusticas serras, e fragosas,  
 Compostas de asperissimos rochedos,  
 De salitradas lapas cavernosas;

Onde gretando os humidos penedos  
 Orvalhados de neve branca, e fria,  
 Brotando estão de si mil arvoredos;

Uma floresta fez verde e sombria,  
 A natureza experta, que rodêa  
 Como elevado muro a serrania.

Neste formoso sitio se recrea  
 O lascivo Cupido entre as boninas,  
 Que sempre um brando Zephyro menêa.

Da candida cecem, das clavellinas,  
 Da salva, mangerona, e das mosquetas,

Das rubicundas flores hyacinthinas;  
Muitas capellas tece, que de setas  
Lhe servem contra peitos de donzellas,  
A quem de inveja traz sempre inquietas.

Não são de uma só côr as flores bellas,  
Que umas esmalta verde, outras rosado,  
Entre as azues crescendo as amarellas.

Dos agrestes loureiros rodeado  
Faz o valle uma sombra deleitosa,  
Quando apparece o Sol mais levantado.

E por cima da relva bem graciosa,  
As gottas de crystal quasi imitando  
Estão do aljofar puro a luz formosa.

As crystallinas fontes, que brotando  
Por entre alvos seixinhos se derivam,  
Das arvores os troncos vão banhando.

Entre as limpidas aguas, que inda esquivam  
O formoso Pastor que se perdeu  
Preso das falsas mostras que o captivam;

Cresce a por cuja causa se esqueceu  
A linda Cytheréa de Vulcano,  
Quando presa de amor se lhe rendeu.

Na brancura do rosto soberano,  
Inda as cruéis feridas apparecem  
Do javalí cerdoso, e deshumano.

As rosas que de sangue resplandecem  
Nas candidas boninas marchetadas,  
Qual rôxo esmalte á vista bem se offerecem.

Do matutino orvalho rociadas  
As flores rutilantes, e cheirosas,  
Estão como por cima prateadas.



Os humidos botões abrindo as rosas,  
 Que os agudos espinhos vão cercando,  
 No prado se vêm rindo deliciosas.

A mellifera abelha sussurrando  
 Por cima das boninas, que rodêa,  
 Está co'o som das aguas concertando.

Do trémulo regato a branda arêa  
 De jacinthos se cobre, e de vieiras,  
 Que encrespam da corrente a branca vêa.

Os alamos se abraçam co'as videiras  
 De sorte que se enxerga escassamente  
 Se são os cachos seus, se das parreiras,

E pendendo por cima da corrente,  
 Outro formoso bosque debuxando  
 Estão no fundo d'ella brandamente.

Ouve-se o rouxinol aqui lembrando  
 Do perfido cunhado a crueldade,  
 Mágoas em melodias transformando.

A solitaria rola com soidade  
 Desfaz o rouco peito já cansada  
 De que não move a morte a piedade.

A domestica Progne anda banhada  
 No sangue de seus filhos, em vingança  
 Da triste Philomela profanada.

De competir co'o melro não descança  
 O gárrulo calhandro, que enrouquece  
 Por não perder callado a confiança.

Em quanto o pobre ninho ajuncta, e tece  
 O sonoro canario, modulando  
 Engana a grave pena que padece.

Alguns versos se escuta derramando



O vário pintasirgo, tão saudaveis,  
Que produzem memorias de amor brando.

Por os direitos troncos ha notaveis  
Epigrammas; alguns de antigua historia,  
Que contra o duro tempo são duraveis.

Uns de cruel tormento, outros de gloria,  
Conforme á liberdade do que escreve,  
Estranhos casos mostram á memoria.

O que neste logar contente esteve,  
Contente declarou seu pensamento,  
E os prazeres tambem que nelle teve.

Mas outros declarando o sentimento  
Que dos olhos distilla tristes aguas  
Deixaram mil lembranças de tormento.

Abrazando-se alguns em vivas frágoas,  
Escreveram, do bosque em muitas partes,  
Gostos de amor agora, agora mágoas.

Porque, cruel menino, o premio partes,  
A quem serás tyranno se lh'o negas;  
E injusto, e desigual, se lh'o repartes?

Porque enganas as almas que tão cegas  
Arrastas após ti, de error captivas?  
Porque a crueis rigores as entregas?

Para que contra um peito assi te esquivas,  
Que humilde se sujeita a teu cuidado,  
Com enganos de sombras fugitivas?

Levas como a menino um pobre a nado,  
Numa apparencia falsa embevecido,  
Quando co'os braços corta o mar inchado.

Querendo-se tornar, vê-se perdido,  
Já grita que se afoga, e tu zombando

Da praia entre os penedos escondido.

O triste, que conhece ir-se afogando,  
No meio da arriscada zombaria,  
Por divino soccorro está clamando.

Mas eu de que me espanto, se dizia  
Um Sabio, que de enganos se temesse  
O que tomasse a um cego tal por guia?

Nunca nelle a firmeza permanece;  
Se nos dá gosto algum, muda-se logo;  
Já chora, já se ri, já se enfurece.

Anda co'os corações sempre em um jogo;  
Umaz vezes os faz de pedra fria,  
Outras os faz de neve, outras de fogo.

Tornando ao bosque meu, que descrevia,  
Depois de ter contado da frescura  
Que nelle tão pomposa apparecia;

Referir quero agora uma aventura  
Que nelle ao vão Narciso aconteceu,  
Digna de se chorar com mágoa pura.

Castigo foi que o moço mereceu  
Por se mostrar esquivo com aquella  
Que em viva pedra Juno converteu.

Ardia em fogo da alma a vã donzella,  
Soffrendo um duro peito; que a Narciso  
Quando ella mais se abraza, mais congela.

E quando a fraca Nympa mais de siso  
Mostrava um signal certo de firmeza,  
Então se provocava o moço a riso.

Já de uma profundissima tristeza  
A descora o rigor que a consumia.  
Como diz desfavor mal com belleza!

O gelado Pastor folgava, e ria;  
Mas vendo-a de seu gosto andar contente,  
Por não a contentar se entristecia.

É tal o seu rigor que não consente  
Que seja o gosto proprio festejado,  
Antes d'isso se mostra descontente.

Mas o cego Cupido, de affrontado,  
Em vingança da fé que desprezou,  
Fez que fosse de si mesmo enganado.

Casualmente um dia se chegou  
A beber numa fonte crystallina,  
Que de si nova sêde lhe causou.

Vendo a sua figura peregrina,  
Que a fonte dentro em si representava,  
Se perdeu por imagem tão divina.

Como já, de elevado, não cuidava  
Nos enganos que a sombra lhe fazia,  
Vendo o formoso rosto, suspirava.

Por as avaras aguas se mettia,  
E quanto mais molhava os tenros braços,  
Então mais vivamente o fogo ardia.

Vendo-se assi prender em duros laços,  
Ao sentimento obriga a paciencia,  
Dando fóra de si ao vento abraços.

Embevecido todo na apparencia,  
Sem saber do cuidado o que sentia,  
Não fez ao doce engano resistencia.

Ao ver-se longe mais, mais perto via  
O peregrino gesto; e se chegava,  
Então para mais longe lhe fugia.

Vendo, emfim, como em tudo o remedava,

Cahiu no torpe engano que tivera,  
A tempo que de si já preso estava.

A belleza que a tantas morte dera,  
De si mesma se abraza e se captiva.  
Quão longe então de si ver-se quizera!

Ella se abranda propria; ella se esquiva;  
E sendo ella sómente a que se amava,  
Ella se chama ingrata e fugitiva.

A formosura, pois, que namorava,  
Com tal difficuldade era seguida,  
Que estando dentro em si, mui longe estava.

A solitaria Nympha, que escondida  
Já nas cavernas concavas se via,  
Dos males que lhe ouviu foi commovida.

Das namoradas mágoas que dizia  
O namorado moço, ella sómente  
Os ultimos accentos repetia.

Elle vendo-se estar alli presente,  
As crystallinas aguas accusava  
De que ellas o faziam descontente.

Outras vezes á fonte, quando a olhava,  
Já cego, e sem juizo, agradecia  
A figura que dentro lhe mostrava.

Mas vendo que ella em nada se doia  
De seu grave tormento, grita e chora.  
Quanto erra quem de sombras se confia!

Já lhe pede que saía para fóra,  
Ignorando que sempre fóra esteve  
A belleza que nelle proprio mora.

Despois que longo espaço se deteve  
Nestes queixumes seus tão lastimosos,

Que com tão longo ser, julgou por breve;

Co'os olhos bellos si, mas lagrimosos,  
Do valle se despede e da espessura,  
Dando soluços da alma vagarosos.

Entregue na vontade da ventura,  
Ou, por melhor dizer, de seus enganos,  
Ao centro se arrojou da fonte pura.

D'est'arte feneceu em tenros annos  
Narciso, dando exemplo á formosura  
De que tema, se é tal, tambem seus damnos.

Sentimento mostrou da sorte dura  
O namorado Jupiter, mudando  
Ao moço em flor purpurea, que inda dura.

Aquellas claras aguas rodeando,  
Onde por seus amores se perdeu,  
Está depois da morte acompanhando.

Tanto no seu engano procedeu,  
Que não sabe na morte inda apartar-se  
Dos erros que na vida commetteu.

Bem póde o coração desenganar-se,  
Que o fogo d'um querer, nalma inflammado,  
Não costuma na morte resfriar-se.

Porque depois do corpo sepultado,  
Prisão onde s'encerra o fraco espirito,  
Eternamente chora o seu cuidado.

E das escuras aguas de Cocyto  
A rapida corrente refreando,  
Celebra o lindo gesto na alma escripto.

Lá se está co'os favores recreando;  
E se foi desprezado, lá padece,  
As duras esquivanças lamentando.



Nem dos avaros olhos lá s'esquece,  
 Que de formoso verde a terra esmaltam,  
 Por não ver os do triste que endoudece.

Assi que os desfavores nunca faltam,  
 Até depois da morte perseguindo  
 Um triste coração que desbaratam.

Triste de quem em vão lhe vai fugindo!



### ELEGIA X

Que tristes novas, ou que novo damno,  
 Que inopinado mal incerto sôa,  
 Tingindo de temor o vulto humano?

Que vejo? as praias humidas de Goa  
 Ferver com gente attonita e turbada  
 Do rumor que de bocca em bocca vôa!

É morto D. Miguel (ah crua espada!)  
 E parte da lustrosa companhia  
 Que alegre se embarcou na triste Armada:

E de espingarda ardente e lança fria  
 Passado por o torpe e iniquo braço,  
 Que nossas altas famas injuriá.

Não lhe valeu escudo, ou peito d'aço,  
 Não animo d'avós claros herdado,  
 Com que temer se fez por longo espaço.

Não ver-se em redor todo cercado  
 De irados inimigos, que exhalavam



A negra alma do corpo traspassado.

Não as fortes palavras que voavam  
A animar os incertos companheiros,  
Que tímidos as costas lhe mostravam.

Mas já postos, nos termos derradeiros,  
(Rotos por partes mil e traspassados  
Os membros, no valor sómente inteiros)

Os olhos (de furor acompanhados,  
Que inda na morte as vidas amedrentam  
Dos duros inimigos espantados)

Postos no Ceo, parece que apresentam  
A alma pura á suprema Eternidade,  
Por quem os ceos e a terra se sustentam.

E pedindo dos erros, que na idade  
Immatura e innocente já fizera,  
Perdão á pia e justa Majestade,

As rosas apartou da neve fria;  
E, como debil flor, a quem fallece  
O radical humor de que vivia,

Nas mãos do Coro Angelico, que desce,  
Se entrega; e vai lograr a vida eterna,  
Que com morte tão justa se merece.

Vae-te, alma, em paz á gloria sempiterna;  
Vae, que quem por a Lei sacra e divina  
A sólta, áquelle a dá que o Ceo governa.

Mas se de tal valor foi morte dina,  
A ausencia que do gosto nos saltêa,  
A perpétua saudade nos inclina.

Deixa pois tu, formosa Cytherêa,  
Do gentil filho e neto de Cyniras  
O pranto por a morte horrida e fêa.

E tu, dourado Apollo, que suspiras  
Por o crespo Jacintho, moço charo,  
Por quem a clara luz ao mundo tiras;

Vinde e choraes um moço em tudo raro,  
Não de ferino dente vulnerado,  
Nem de risco sujeito a algum reparo:

Mas só de ferro imigo traspassado,  
Que sem dúvida incerta, ou frio medo,  
A vida poz nas mãos de Marte irado.

Tambem tu, moço Idalio, assiste quedo,  
Deixa de dar o venenoso mel  
A beber por os olhos, triste, e lédo:

Pois os formosos olhos de Miguel,  
Já cobertos se vêem do escuro manto  
Da lei geral, a todos mais cruel.

E vós, filhas de Thespis, que com canto  
Podeis bem mitigar a dor immensa  
Dos irmãos generosos, e alto pranto;

Não consintais que façam larga offensa  
Á grande integridade, a que se devem  
Aguas não só do damno recompensa.

Que já diante os olhos me descrevem  
Quando as boccas da fama voadora,  
Ao patrio, e claro Tejo as novas levem;

A profunda tristeza, que em um'hora  
Tal posse tomará dos altos peitos,  
Que d'elles o discurso lance fóra.

Alli de dor os corações sujeitos  
Hão de lançar de si toda a memoria  
De exemplos claros, solidos respeitos.

Mas, porém se igualais a vida á gloria,

O claro Dom Philippe, e pretendeis  
Deixar-nos de acções vossas larga historia;

Eu não vos persuado a que estreiteis  
O coração na estoica disciplina,  
Onde livre d' affectos vos mostreis.

Que mal a natureza determina  
Medo, esperanças, dores, e alegria,  
Como o cynico velho nos ensina.

Immanidade estúpida (dizia  
O Sulmonense canto) e vil rudeza,  
É não sentir affectos que a alma cria.

Porém se o sentir nada for bruteza,  
E se paixão devida se consente,  
Tambem o sentir muito é já fraqueza.

Em vós um soffrer alto s'exprimente,  
Qual nos fortes varões foi conhecido,  
Como em estranha, em lusitana gente.

Bem conheço que o corpo assi perdido,  
Como de illustre tumulo carece,  
Será de brutas feras consumido.

Mas consola-me, emfim, que se parece  
Ao grande bisavô, que por a vida  
Real, a sua á Maura lança offrece.

Em pedaços a gente enfurecida  
O corpo alli lhe deixa; e com mão dura  
Lhe nega a sepultura merecida.

Facil é a perda aqui da sepultura:  
Diogenes prudente, e Theodoro  
Pouco sentem do corpo essa jaectura.

Assi formoso e inteiro, assi decoro  
Adora quem o tem, como o tomou,

Quando se ouvir o extremo som sonoro.

Mas ail qual temor subito occupou  
O vosso claro peito, ó portuguezes?  
Qual pavido temor vos congelou?

Que lançadas, que golpes, que revezes  
Vos fizeram fazer tamanha injuria  
Aos fortes lusitanicos arnezes?

Ou já de capitão sobeja incuria,  
Ou fraqueza? Não: qu'elle sustentava  
Com seu peito dos barbaros a furia.

Ou já do ferreo cano a força brava  
Com estrondos que atroam mar e terra,  
Os corações ardentes congelava?

Ah! quem vos fez que os impetos da guerra  
Não sustentasseis com valor ousado,  
Desprezando o furor que a vida encerra?

A vida por a patria e por o estado  
Pondo vossos avós, a nós deixaram,  
Em terra e mar, exemplo sublimado.

Elles a desprezar nos ensinaram  
Todo temor. Pois como agora os netos  
Subitamente assi degeneraram?

Não podem, certo, não, viver quietos  
Com feia infamia peitos generosos,  
Já em publicos logares, já em secretos.

Mortos d'Esparta os heroes valerosos  
Da fera multidão, fazendo extremos,  
Taes epitaphios tiuham gloriosos:

*Dirás, Hospede, tu, que aqui jazemos  
Passados do inimigo ferro, em quanto  
Ás santas Leis da Patria obedecemos.*

Fugindo os Persas vão com frio espanto,  
 Mas acham as mulheres no caminho,  
 Mostrando-lhes o ventre, em terror tanto.

Pois do damno fugis, vendo-o visinho,  
 Fracos! vinde a esconder-vos (lhes diziam)  
 Outra vez no materno e escuro ninho.

Vêde quaes com mais gloria ficariam,  
 Se aquelles que morreram por o estado,  
 Se estes a quem mulheres injuriam?

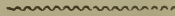
Mas tu, claro Miguel, que já acordado  
 D'este sonho tão breve, estás naquella  
 Torre do Ceo, seguro e repousado;

Onde, com Deos unida a forte e bella  
 Alma, com teus Maiores reluzindo,  
 Trocaste cada chaga em clara estrella;

Co'os pés o crystallino Ceo medindo,  
 Nada d'essas altissimas Esphas,  
 Nem da terrestre aos olhos encobrando;

Agora um curso e outro consideras,  
 Agora a vaidade dos mortaes,  
 Que tu tambem passáras se viveras,

.....



## ELEGIA XI

Se quando contemplamos as secretas  
Causas, por que este mundo se sustenta,  
E o revolver dos Ceos, e dos Planetas;  
E se quando á memoria se presenta  
Este curso do Sol tão bem medido,  
Que um ponto só não mingua, nem se augmenta;  
Aquelle effeito, tarde conhecido,  
Da Lua na mudança tão constante,  
Que minguar e crescer é seu partido;  
Aquella natureza tão possante  
Dos Ceos, que tão conformes e contrarios  
Caminham, sem parar um breve instante;  
Aquelles movimentos ordinarios,  
A que responde o tempo, que não mente,  
Co'os effeitos da terra necessarios;  
Se quando, emfim, revolve subtilmente  
Tantas cousas a leve phantasia,  
Sagaz escrutadora e diligente;  
Bem vê, se da razão se não desvia,  
Aquelle unico Ser, alto e divino,  
Que tudo póde, manda, move, e cria.  
Sem fim e sem principio, um Ser contino;  
Um Padre grande, a quem tudo é possibil,  
Por mais que o difficile humano atino:  
Um saber infinito, incomprehensibil;



Uma verdade que nas cousas anda,  
Que mora no visibil e invisibil.

Esta potencia, emfim, que tudo manda,  
Esta Causa das causas, revestida  
Foi d'esta nossa carne miseranda.

Do amor e da justiça compellida,  
Por os erros da gente, em mãos da gente  
(Como se Deos não fosse) deixa a vida.

Oh Christão descuidado e negligentel  
Pondera-o com discurso repousado;  
E ver-te-has advertido facilmente.

Olha aquelle Deos alto e increado,  
Senhor das cousas todas, que fundou  
O ceo, a terra, o fogo, o mar irado;

Não do confuso chaos, como cuidou  
A falsa Theologia, o povo escuro,  
Que nesta só verdade tanto errou;

Não dos atomos leves d'Epicuro;  
Não do fundo Oceano, como Thales,  
Mas só do pensamento casto e puro.

Olha, animal humano, quanto vales,  
Pois este immenso Deos por ti padece  
Novo estylo de morte, novos males.

Olha que o Sol no Olympo se escurece,  
Não por opposição de outro planeta;  
Mas só porque virtude lhe fallece.

Não vês que a grande machina inquieta  
Do mundo se desfaz toda em tristeza,  
E não por causa natural secreta?

Não vês como se perde a natureza?  
O ar se turba? o mar batendo geme,

Desfazendo das pedras a dureza?

Não vês que cahe o monte, a terra treme?  
E que lá na remota e grande Athenas  
O docto Areopagita exclama e teme?

Oh summo Deos! tu mesmo te condemnas,  
Por o mal em que eu só sou culpado,  
A tamanhas affrontas, tantas penas?

Por mi, Senhor, no Mundo reputado  
Por falso, e violador da sacra Lei?  
A fama a ti se põe do meu peccado?

Eu, Senhor, sou ladrão, tu justo Rei.  
Pois como entre ladrões eu não padeço?  
A pena a ti se dá do que eu errei?

Eu servo sem valor, tu immenso preço,  
Em preço vil te pões, por me tirares  
Do captiveiro eterno que mereço?

Eu por perder-te, e tu por me ganhares  
Te dás aos soltos homens, que te vendem,  
Só para os homens presos resgatares?

A ti, que as almas sóltas, a ti prendem?  
A ti summo Juiz, ante Juizes  
Te accusam por o error dos que te offendem?

Chamam-te malfeitor; não contradizes:  
Sendo tu dos Prophetas a certeza,  
Dizem que quem te fere prophetizes.

Riem-se de ti; tu choras a crueza  
Que sobre elles virá: a gente dura.  
Por quem tu vens ao Mundo, te despreza.

O teu rosto, de cuja formosura  
Se veste o ceo e o Sol resplandecente,  
Diante quem pasmada está a Natura,

Com cruas bofetadas da vil gente,  
De precioso sangue está banhado,  
Cuspido, atropellado cruelmente.

Aquelle corpo tenro e delicado,  
Sobre todos os Santos sacrosanto,  
A açoutes rigorosos desangrado;

Depois coberto mal d'um pobre manto,  
Que se pegava ás carnes magoadas  
Para dobrar-lhe as dores outro tanto.

Magoavam-n'o as chagas não curadas,  
Um tormento causando-lhe excessivo  
Ao despir por as mãos crueis e iradas.

As venerandas barbas de Deos vivo  
De resplendor ornadas, se arrancavam  
Para desempenhar a Adão captivo.

Com cordas por as ruas o levavam,  
Levando sobre os hombros o trophéo  
Da victoria que as almas alcançavam.

Ó tu, que passas, homem Cyrenéo,  
Ajuda um pouco a este Homem verdadeiro,  
Que agora, como humano, enfraqueceu.

Olha que o corpo afflicto do marteiro,  
E dos longos jejuns debilitado,  
Não póde já co'o peso do madeiro.

Oh não enfraqueçais, Deos incarnado!  
Essas quédas, que tanto vos magoam,  
Supportae Cavalleiro sublimado.

Aquellas altas vozes, que lá soam,  
Dos Padres são, que o Limbo tem escuro,  
E já de louro e palma vos coroam.

Todos vos bradam que subais o muro

Da cidade infernal, e que arvoreis  
Em cima essa bandeira mui seguro.

Oh Santos Padres! não vos apresseis;  
Pois muito mais a Deos, que a vós, custaram  
Essas duras prisões em que jazeis.

Aquellas mãos que o Mundo edificaram,  
Aquelles pés que pisam as estrellas,  
Com durissimos pregos se encravaram.

Mas qual será o humano que as querelas  
Da angustiada Virgem contemplasse,  
Sem se mover a dor e mágoa d'ellas?

E que dos olhos seus não distillasse  
Tanta copia de lagrimas ardentes,  
Que carreiras no rosto sinalasse?

Oh quem lhe víra os olhos refulgentes  
Convertendo-se em fontes, e regando  
Aquellas faces bellas e excellentes!

Quem a ouvira com vozes ir tocando  
As estrellas, a quem responde o Ceo,  
Co'os accentos dos Anjos retumbando!

Quem víra quando o puro rosto ergueu  
A ver o Filho, que na Cruz pendia,  
Donde a nossa saude descendeu!

Que mágoas tão chorosas que girial  
Que palavras tão miseras e tristes  
Para o Ceo, para a gente espalharia!

Pois que seria, Virgem, quando vistes  
Com fel nojoso, e com vinagre amaro  
Matar a sêde ao Filho que paristes?

Não era este o licor suave e claro,  
Que para o confortar então darieis

A quem vos era, mais que a vida, charo.

Como, Virgem Senhora, não corrieis  
A dar as puras tetas ao Cordeiro,  
Que padecer na Cruz com sêde vieis?

Não era só, não, esse o verdadeiro  
Póto, que vosso Filho desejava,  
Morrendo por o Mundo em um madeiro;

Mas era a salvação que alli ganhava  
Para o misero Adão, que alli bebia  
Na fonte que do peito lhe manava.

Pois, ó pura e Sanctissima Maria,  
Que, emfim, sentistes esta mágoa quanto  
A grave causa d'ella o requeria;

De essa Fonte sagrada, e peito santo,  
Me alcançae uma gotta, com que lave  
A culpa que me agrava, e pésa tanto.

Do licor salutifero, e suave,  
Me abrangei, com que mate a sêde dura  
D'este Mundo tão cego, torpe, e grave.

Assi, Senhora, toda creatura  
Que vive, e viverá, e que não conhece  
A Lei de vosso Filho a abraça pura;

O falsissimo herege, que carece  
Da graça, e com damnado, e falso espirito  
Perturba a Sancta Igreja, que florece;

O povo pertinaz no antigo rito,  
Que só o desterro seu, que tanto dura,  
Lhe diz que é pena igual ao seu delicto;

O torpe Ismaelita, que mistura  
As Leis, e com preceitos tão viciosos  
Na terra estende a seita falsa, e impura;



Os idolatras mãos, supersticiosos.  
 Varios de opiniões, e de costumes,  
 Levados de conceitos fabulosos;  
 As mais remotas gentes onde o lume  
 Da nossa Fé não chega, nem que tenham  
 Religião alguma se presume;  
 Assi todos, emfim, Senhora, venham  
 A confessar um Deos crucificado,  
 E por nenhum respeito se detenham.  
 E de um, e de outro o vicio já deixado,  
 O seu Nome, co'o vosso neste dia,  
 Seja por todo o Mundo celebrado:  
 E respondam os Ceos: JESUS, MARIA.



## ELEGIA XX

Sáiam d'esta alma triste, e magoada,  
 Palavras magoadas de tristeza,  
 E seja ao Mundo a causa declarada.  
 Sáia do peito a voz, com que a graveza  
 Subjuga, doma, e as gentes move tanto,  
 Por mais, e mais que tenham de dureza.  
 E vós, meus olhos tristes, entretanto  
 Em lagrimas esta alma derretida  
 Chora, que amargo choro é o meu canto.  
 Quanto de mi a causa foi sentida,  
 Seja de vós chorada, e juntamente



Choremos uma morte, e uma vida.

A bondade choremos innocente,  
Cortada em flor, que pela acerba morte  
Nos foi arrebatada dentre a gente;

E aquella immensa dor, e dura sorte  
Da magoada mãe, cuja alma triste  
Tambem cortada foi co' o agudo córte.

Ó espirito gentil, que ao Ceo subiste;  
Porque engeitaste a minha companhia,  
E acompanhar-te eu não consentiste?

Este é o canto heroico, e de alegria,  
Que já em teu louvor apparelhava.  
Como o tornou a morte em Elegia?

Esta é a esperança que nos dava  
De ti, tua tenra, e alegre mocidade,  
De quem tão grandes cousas se esperava?

O Hymeneo, que em mais perfeita idade  
Com honras mil te andava apparelhando  
A mãe, de quem não houveste piedade?

Que agora, como Hecuba, anda bramando,  
Buscando em vão a casa em toda a parte,  
Amado filho meu, por ti bradando.

Quem me vedou os olhos teus cerrar-te,  
Que em tão amarga, e triste despedida  
Pudera esta alma minha acompanhar-te?

Quem te privou da chara, e doce vida,  
Meu filho tão formoso, e mal logrado?  
Dous corações passou uma ferida.

Em terra de desterro, ai filho amado,  
Deixando-me em ti desamparada,  
Quizeste ser de estranhos sepultado.

Se ias para fazer tão grão jornada,  
Não leváras em tua companhia  
Esta misera mãe desconsolada?

Quiçá que algum soccorro te seria;  
Que vendo vir a espada em alto erguida  
Filho, com um grito meu te avisaria.

Ou recebêra o golpe nesta vida,  
Mettendo-me no meio, e tu vivêras;  
Fartára de meu sangue esse homicida.

Ai filho, meu amor, que tu só eras  
Quem com tua vida alegre algum descanso  
A meu viver cansado dar poderas!

E tu serás também quem manso a manso  
Me acabarás a vida que eu queria  
Sem ti ver acabada de um só lanço.

E vós também, mulheres, que soffrestes,  
Ajudae-me a chorar, porque em mal tanto  
Não satisfazem só meus olhos tristes.

Assi com grave dor de canto a canto  
Até nos corações de mór dureza  
Soa uma voz confusa, um amargo pranto.

Ó tu, honra, e primor da natureza,  
Illustre, e formosissima Maria;  
Não trates mal, Senhora, tal belleza.

Pois só custodia és, donde alegria  
Defuncta, e tal chorada em dia amargo  
Resurgirá em outro alegre dia.

Que a ti deu o movedor do Mundo o cargo  
De alegrares a mãe chorosa, e triste,  
Que alegre vivirá por tempo largo.

Postoque a dor do irmão muito sentiste,

Não destruas as lindas tranças bellas,  
Pois o remedio nisso não consiste.

Não trates mal as minhas estrellas  
Dos olhos teus, com lagrimas ardentes,  
Pois tem mais resplendor que todas ellas.

Não offendas as faces refulgentes,  
Obra de Deus, com mão despiedosa,  
Da patria honra, se louvor das gentes.

Mas vae com doce voz, branda, e amorosa,  
Consola a triste mãe, desconsolada,  
Com tua vista alegre, e tão formosa.

Promette-lhe, que em si resuscitada  
Verá sua alegria já perdida,  
De todos tão sentida, e tão chorada.

Pois teu remedio está só em sua vida,  
Que haja de ti materna piedade,  
Não dê tanto logar á dor crescida.

Bem se permite á fraca humanidade  
Por filho tal, e tanto tempo ausente,  
Um moderado pranto, uma saudade.

Mas tão continua dor, que espante a gente,  
E põe em tal extremo a vida amada,  
Nem Mundo o quer, nem Deus não o consente.

Não foi a morte de Heitor sempre chorada  
Da triste mãe, que além de filho amado,  
Era por elle só Troia amparada.

Mas já depois de morto, e arrastado  
Com Grego applauso, vozes, e alarido,  
O corpo houve às mãos desconjunctado.

Perdida a côr, o collo recahido,  
Não parecia Heitor, que d'antes era,

De pó, de sangue, e de suor tingido.

Com seus olhos lavou-lhe a chaga fera,  
Com suas mãos o rosto lhe alimpava,  
Sem alma, e sangue, já de côr de cera.

Mas vendo, enfim, quão pouco aproveitava  
Seu choro, e nem por mais que em vão bradando  
Chamava Heitor, Heitor resuscitava.

De lagrimas os olhos enxugando,  
Desenganada já do filho amado,  
Se foi co' amada filha consolando.

Nem sempre o fero Achilles foi chorado  
De Tethys sua mãe, do branco coro,  
Príncipe Grego tão assignalado.

Tambem pagou á morte o antigo foro,  
E á deusa não valeu ser prevenida,  
Nem suspiros valeram, nem seu choro.

Tambem a este acabou mortal ferida,  
Sendo meio immortal, e filho amado  
Da deusa de Nereo tão querida.

Nas aguas de Acheronte foi banhado,  
Porque em batalhas, como o fero Marte,  
Do ferro não pudesse ser cortado.

Mas a agua não chegou áquella parte,  
Que esquadrinhou a sétta aguda, e forte,  
Que contra ella não val engenho, e arte.

Choraram as Gregas gentes sua morte,  
Os Phocas, e Delphins tambem choraram,  
Chorou do grão Nereo toda a Côrte.

Tantas lagrimas tristes derramaram,  
Tanto chorou a mãe, que muito o amava,  
Que o Xanto, e o Simois accrescentaram.

Mas vendo que o chorar não aproveitava,  
 E que era dor perdida, e desatino,  
 Os seus formosos olhos alimpava.

E com alegre rosto de ar benino  
 O Ceo, a terra, o mar, tudo alegrando,  
 E os Cidadãos do Reino crystallino;  
 Os seus verdes cabellos espalhando  
 Ao vento, de mil Nymphas rodeada,  
 Tornando a vista atraz de quando em quando;  
 De Pausilipe, e Oricia acompanhada,  
 De Doris, Menalipe, e de Melanto,  
 Se foi para Nereo consolada.

Deixae pois já, Senhora, o amargo pranto,  
 A pena, a dor, o mal, que tanto crece,  
 E dai logar ao meu inculto canto.

Com grão difficuldade se offerece  
 A grandes desventuras, taes como esta,  
 A dar-lhe iguaes palavras, quaes merece.

Portanto eu, Senhora, agora nesta  
 Não as hei de buscar por consolar-te,  
 Que aos tristes consolar só a razão presta.

Tambem serão perdidas nesta parte  
 Consolações, que em choro de amargura  
 Força não tem, por mais que tenham d'arte.

Se as lagrimas não vence a razão pura,  
 Fortuna sempre a outras acrescenta;  
 Guarde-te Deos de mór desventura.

Não digo, que a alma esté de mágoa isenta,  
 Porque humano é sentir, mas é fraqueza  
 Não soffrer o que Deus nos apresenta.

Não é este Mundo a nossa natureza;



Estrada si, por onde caminhamos,  
Pretendendo chegar á summa Alteza.

Neste caminho um passo estreito achamos;  
Morte se chama, horrenda, e desabrida,  
Divida que Adão fez, e nós pagamos.

A todos é commum esta partida:  
Quem morre, não morreu, partiu primeiro,  
E o que ha depois da morte é eterna vida.

Todo o animal que nasce está foreiro  
A passar este passo estreito tanto.  
Todos lá havemos de ir por derradeiro.

Deixa, Senhora, deixa o amargo pranto,  
Teu filho está no Ceo resplendecente,  
Já entre os Cidadãos de Côro sancto.

Nossas memorias tristes não as sente,  
Já livre, e de theatro está olhando  
Com olhos immortaes a immortal gente.

Da visão beatifica gozando,  
Sem medo, ou sobresalto de perdel-a  
O Mundo e seus afagos desprezando.

D'alli contempla de uma e de outra estrellla,  
Ou fixa e errante, o curso e movimento,  
Tendo, sem se mover, os pés soboe ella.

Veloz, qual o ligeiro pensamento,  
Passa de polo a polo, e o Ceo conhece  
Que seu caminho faz com passo lento.

E porque o mar continuo mingua e crece,  
Comprende, e a quinta essencia pura e neta,  
E com que luz a Lua resplendece.

Nem o espanta no ar qualquer cometa,  
Os pontos sabe de um e de outro signo,



Por onde faz seu curso o grão Planeta.

Um anjo novo tens, sancto e benino,  
Vive, Senhora, alegre e consolada,  
Que por ti roga ao Padre de contino.

Ó alma pura em alto alevantada,  
Que lá estás nesse Ceo luzente e claro,  
D'esta mortal prisão já desatada.

Ó Senhor meu Dom Tello, amigo charo  
Que do terreno Sol, onde viveste  
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro.

Se ao passar do Lethe não perdeste  
A memoria de mim, que tanto te amo,  
E por intimo amigo me tiveste,

Com attenção escuta o meu reclamo,  
Não desprezes de ouvir lá d'essa altura  
A baixa e rouca voz, com que te chamo.

Que quando concedido da ventura  
Me for o que eu por ti agora peço,  
Não borrará o teu nome a fama escura.

Em tanto as baixas Rhythmas te offereço  
Em penhor da vontade, e amor profundo,  
Até cumprir o que ora aqui professo.

Que então te cantará por todo o Mundo,  
Com linguas mil a fama soberana,  
E occupará teu nome sem segundo

Do patrio Tejo além da Taprobana.



# ECLOGAS

(ESCOLHIDAS)



## ECLOGA I

### INTERLOCUTORES

UMBRANO, FRONDELIO, AONIA

Que grande variedade vão fazendo,  
Frondelio amigo, as horas apressadas!  
Como se vão as cousas convertendo  
Em outras cousas várias, e inesperadas!  
Um dia a outro dia vai trazendo  
Por suas mesmas horas já ordenadas:  
Mas quão conformes são na quantidade,  
Tão diferentes são na calidade.

Eu vi já d'este campo as várias flores  
Ás Estrellas do Ceo fazendo inveja:  
Adornados andar vi os Pastores  
De quanto pelo Mundo se deseja:  
E vi co'o campo competir nas côres  
Os trajes de obra tanta, e tão sobeja,  
Que se a rica materia não faltava,  
A obra de mais rica sobejava.

E vi perder seu preço ás brancas rosas,  
E quasi escurecer-se o claro dia  
Diante de umas mostras perigosas,  
Que Venus mais que nunca engrandecia.  
As Pastoras, emfim, vi tão formosas,

Que o amor de si mesmo se temia:  
Mas mais temia o pensamento falto  
De não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo está tão diferente:  
Que move os corações a grande espanto;  
E parece que Jupiter potente  
Se enfada já de o Mundo durar tanto.  
O Tejo corre turvo, e descontente,  
As aves deixam seu suave canto:  
E o gado, inda que a herva lhe fallece,  
Mais que da falta d'ella se emmagrece.

## FRONDELIO

Umbrano irmão, decreto é da natura,  
Inviolavel, fixo, sempiterno,  
Que a todo o bem succeda desventura,  
E não haja prazer que seja eterno:  
Ao claro dia segue a noite escura,  
Ao suave Verão o duro Inverno;  
E se ha cousa que saiba ter firmeza,  
É sómente esta lei da natureza.

Toda alegria grande, e sumptuosa,  
A porta abrindo vem ao triste estado:  
Se um'hora vejo alegre, e deleitosa,  
Temendo a estou do mal aparelhado.  
Não vês que mora a serpe venenosa  
Entre as flores do fresco, e verde prado?  
Ah não te engane algum contentamento,  
Que mais estavel é que o pensamento!  
E praza a Deos que o triste, e duro fado

De tamanhos desastres se contente;  
 Que sempre um grande mal inopinado  
 É mais do que o espera a incauta gente.  
 Que vejo este carvalho que queimado  
 Tão gravemente foi do raio ardente.  
 Não seja ora prodigio que declare  
 Que o barbaro cultor meus campos are.

## UMBRANO

Em quanto do seguro azambujeiro  
 Nos Pastores de Luso houver cajados,  
 Com o valor antigo, que primeiro  
 Os fez no Mundo tão assignalados;  
 Não temas tu, Frondelio companheiro,  
 Que em algum tempo sejam subjugados,  
 Nem que a cerviz indomita obedeça  
 A outro jogo qualquer que se lhe offreça.

E postoque a soberba se levante  
 De inimigos a torto, e a direito,  
 Não crêas tu que a força repugnante  
 Do fero, e nunca já vencido peito;  
 Que desde quem possui o monte Atlante,  
 Adonde bebe o Hydaspe tem sujeito,  
 O possa nunca ser de força alhêa,  
 Em quanto o Sol, a terra, e o Ceo rodêa.

## FRONDELIO

Umbrano, a temeraria segurança  
 Que em força, ou em razão, não se assegura,



É falsa, e vã, que a grande confiança  
Não é sempre ajudada da ventura.  
Que lá junto das aras da esperança,  
Nemesis moderada, justa, e dura,  
Um freio lhe está pondo, e lei terrível,  
Que os limites não passe de possível.

E se attentares bem os grandes danos  
Que se nos vão mostrando cada dia,  
Porás freio também a esses enganos  
Que te está figurando a ousadia.  
Tu não vês como os lobos Tingitanos,  
Apartados de toda cobardia,  
Matam os cães do gado guardadores,  
E não sómente os cães, mas os Pastores?

Pois o grande curral, seguro, e forte,  
Do alto monte Atlas não ouviste  
Que com sanguinolenta, e fera morte,  
Despovoado foi por caso triste?  
Oh triste caso! Oh desastrada sorte!  
Contra quem força humana não resiste!  
Que allí também da vida foi privado  
O meu Tionio, ainda em flor cortado!

#### UMBRANO

Em lagrimas me banha rosto, e peito,  
De esse caso terrível a memoria,  
Quando vejo quão sabio, e quão perfeito,  
E quão merecedor de longa historia  
Era esse teu Pastor, que sem direito  
Deu ás Parcas a vida transitoria:

Mas não ha hi quem de herva o gado farte,  
Nem de juvenil sangue o fero Marte.

Porém, se te não for muito pesado,  
(Já que esta triste morte me lembraste)  
Canta-me d'esse caso desastrado  
Aquelles brandos versos que cantaste,  
Quando hontem, recolhendo o manso gado,  
De nós outros Pastores te apartaste:  
Que eu tambem que as ovelhas recolhia,  
Não te podia ouvir como queria.

## FRONDELIO

Como queres renove ao pensamento  
Tamanho mal, tamanha desventura?  
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,  
Para os que tristes são, é falsa cura.  
Mas, pois, te move tanto o sentimento  
Da morte de Tionio, triste, e escura,  
Eu porei teu desejo em doce effeito,  
Se a dor me não congela a voz no peito.

## UMBRANO

Canta agora, Pastor, que o gado paze  
Entre as humidas hervas socegado;  
E lá nas altas serras onde naee  
O sacro Tejo á sombra recostado,  
Co'os seus olhos no chão, a mão na face,  
Está para te ouvir aparelhado;  
E com silencio triste estão as Nymphas.

Dos olhos distillando claras lymphas.

O prado, as flores brancas, e vermelhas,

Está suavemente presentando:

As doces, e solicitas abelhas,

Com sussurro agradável vão voando:

As candidas, pacificas ovelhas,

Das hervas esquecidas, inclinando

As cabeças estão ao som divino

Que faz passando o Tejo crystallino.

O vento de entre as arvores respira,

Fazendo companhia ao claro rio:

Nas sombras a ave gárrula suspira,

Sua mágoa espalhando ao vento frio.

Toca, Frondelio, toca a doce lyra,

Que de aquelle verde álamo sombrio

A branda Philomela entristecida

Ao mais saudoso canto te convida.

#### FRONDELIO

Aquelle dia as aguas não gostaram

As mimosas ovelhas; e os cordeiros

O campo encheram de amorosos gritos.

E não se penduraram dos salgueiros

As cabras, de tristeza; mas negaram

O pasto a si, e o leite aos cabritos.

Prodigios infinitos

Mostrava aquelle dia,

Quando a Parca queria

Principio dar ao fero caso triste.

E tu tambem (ó corvo) o descobriste,

Quando da mão direita em voz escura,  
 Voando, repetiste  
 A tyrannica lei da morte dura.

Tionio meu, o Tejo crystallino,  
 E as arvorês que já desamparaste  
 Choram o mal de tua ausencia eterna.  
 Não sei porque tão cedo nos deixaste!  
 Mas foi consentimento do Destino,  
 Por quem o mar e a terra se governa.  
 A noite sempiterna,  
 Que tu tão cedo viste  
 Cruel, acerba, e triste,  
 Sequer de tua idade não te dera  
 Que logrâras a fresca Primavera?  
 Não usára comnosco tal crueza,  
 Que nem nos montes fera,  
 Nem pastor ha no campo sem tristeza.

Os Faunos, certa guarda dos Pastores,  
 Já não seguem as Nymphas na espessura,  
 Nem as Nymphas aos cervos dão trabalho.  
 Tudo, qual vês, é cheio de tristura:  
 Ás abelhas o campo nega as flores,  
 Como ás flores a Aurora nega o orvalho.  
 Eu que cantando espalho  
 Tristezas todo o dia,  
 A frauta que soia  
 Mover as altas arvores tangendo,  
 Se me vai de tristeza enrouquecendo;  
 Que tudo vejo triste neste monte:  
 E tu tambem correndo  
 Manas involta, e triste, ó clara fonte.

As Tagides no rio, e na aspereza  
Do monte as Orcadas, conhecendo  
Quem te obrigou ao duro, e fero Marte;  
Como em geral sentença vão dizendo,  
Que não póde no Mundo haver tristeza  
Em cuja causa amor não tenha parte.  
Porque elle, emfim, d'esta arte,  
Nos olhos saudosos,  
Nos passos vagarosos,  
E no rosto que amor com phantasia  
Da pallida viola lhe tingia,  
A todos de si dava signal certo  
Do fogo que trazia.  
Que nunca soube amor ser encoberto.

Já diante dos olhos lhe voavam  
Imagens, e phantasticas pinturas,  
Exercicios do falso pensamento.  
Já por as solitarias espessuras,  
Entre os penedos sós, que não fallavam,  
Fallava, e descobria seu tormento.  
Em longo esquecimento  
De si todo embebido,  
Andava tão perdido,  
Que quando algum Pastor lhe perguntava  
A causa da tristeza que mostrava;  
Como quem para penas só vivia,  
Sorrindo, lhe tornava:  
Se não vivesse triste, morreria.

Mas como este tormento o signalou,  
E tanto no seu rosto se mostrasse,  
Entendendo-o já bem o Pae sisudo,

Porque do pensamento lh'o tirasse,  
 Longe da causa d'elle o apartou,  
 Porque, emfim, longa ausencia acaba tudo.  
 Oh falso Marte rudo,  
 Das vidas cobiçoso!  
 Que donde o generoso  
 Peito resuscitava em tanta gloria  
 De seus Antecessores a memoria,  
 Alli, fero e cruel, lhe destruiste,  
 Por injusta victoria,  
 Primeiro que o cuidado, a vida triste.

Parece-me, Tionio, que te vejo,  
 Por tingires a lança cobiçoso  
 Naquelle infido sangue Mauritano,  
 No Hispanico ginete bellicoso,  
 Que ardendo tambem vinha no desejo  
 De atropellar por terra ao Tingitano.  
 Oh confiado engano!  
 Oh encurtada vida!  
 Que a virtude opprimida  
 Da multidão forçosa do inimigo  
 Não pôde defender-se do perigo:  
 Porque assi o Destino o permittiu;  
 E assi levou comsigo  
 O mais gentil Pastor que o Tejo viu.

Qual mancebo Euryalo enredado  
 Entre o poder dos Rutulos, fartando  
 As iras da soberba, e dura guerra,  
 Do crystallino rosto a côr mudando,  
 Cujos purpureo sangue derramado  
 Por as alvas espaldas tinge a serra;



Que como flor, que a terra  
 Lhe nega o mantimento,  
 Porque o tempo avarento  
 Tambem o largo humor lhe tem negado,  
 O collo inclina languido, e cansado;  
 Tal te pinto, ó Tionio, dando o espirito  
 A quem t'ó tinha dado;  
 Que este é sómente eterno, e infinito.

Da congelada bocca a alma pura,  
 Co'ó nome juntamente da inimiga  
 E excellente Marfida derramava.  
 E tu, gentil Senhora, não te obriga  
 A pranto sempiterno a morte dura  
 De quem por ti sómente a vida amava?  
 Por ti aos ecos dava  
 Accentos numerosos:  
 Por ti aos bellicosos  
 Exercicios se deu do fero Marte.  
 E tu, ingrata, o amor já noutra parte  
 Porás, como acontece ao fraco intento:  
 Que, emfim, emfim, d'esta arte  
 Se muda o feminino pensamento.

Pastores d'este valle ameno, e frio,  
 Que de Tionio o caso desastrado  
 Quereis nas altas serras que se conte;  
 Um Tumulo, de flores adornado  
 Lhe edificeae ao longo d'este rio,  
 Que a véla enfrêe ao duro navegante:  
 E o lasso caminhante,  
 Vendo tamanha mágoa,  
 Arraze os olhos de agua,

Lendo na pedra dura o verso escrito,  
 Que diga assi: *Memoria sou, que grito*  
*Para dar testemunho em toda parte*  
*Do mais gentil Esprito*  
*Que tiraram do Mundo Amor, e Marte.*

## UMBRANO

Qual o quieto somno aos cansados  
 Debaixo de algum'arvore sombria;  
 Ou qual aos sequiosos encalmados  
 O vento respirante, e a fonte fria;  
 Taes me foram teus versos delicados,  
 Teu numeroso canto, e melodia:  
 E ainda agora o tom suave, e brando,  
 Os ouvidos me fica adormentando.

Em quanto os peixes humidos tiverem  
 As areosas covas d'este rio,  
 E correndo estas aguas conhecerem  
 Do largo mar o antigo Senhorio;  
 E em quanto estas hervinhas pasto derem  
 Ás petulantes cabras, eu te fio  
 Que em virtude dos versos que cantaste  
 Sempre viva o Pastor que tanto amaste.

Mas já que pouco a pouco o Sol nos falta,  
 E dos montes as sombras se accrescentam,  
 De flores mil o claro Ceo se esmalta,  
 Que tão ledas aos olhos se presentam;  
 Levemos por o pé d'esta serra alta  
 Os gados, que já agora se contentam  
 Do que comido têm, Frondelio amigo:  
 Anda, que até o outeiro irei contigo.

## FRONDELIO

Antes por este valle, amigo Umbrano,  
Se te aprouver, levemos as ovelhas:  
Porque se eu por acerto não me engano,  
De lá me sôa um eco nas orelhas.  
O doce accento não parece humano:  
E, se em contrario tu não me aconselhas,  
Eu quero descobrir que cousa seja;  
Que o tom me espanta, e a voz me faz inveja.

## UMBRANO

Comtigo vou, que quanto mais me chego,  
Mais gentil me parece a voz que ouviste;  
Peregrina, excellente; e não te nego  
Que me faz cá no peito a alma triste.  
Vês como tem os ventos em socego?  
Nenhum rumor da serra lhe resiste:  
Nenhum passaro vôa, mas parece  
Que do canto vencido lhe obedece.

Porém, irmão, melhor me parecia  
Que não fossemos lá, que estorvaremos:  
Mas subidos nesta arvore sombria,  
Todo o valle de aqui descobriremos.  
Os curreões, e cajados, todavia,  
Neste comprido tronco penduremos:  
Para subir fica homem mais ligeiro.  
Deixa-me tu, Frondelio, ir primeiro.

## FRONDELIO

Espera assi, dar-te-hei de pé, se queres;  
Subirás sem trabalho, e sem ruido;  
E depois que subido lá estiveres,  
Dar-me-has a mão de cima, que é partido.  
Mas primeiro me dize, se o pudéres  
Ver, donde nasce o canto nunca ouvido;  
Quem lança o doce accento delicado.  
Falla; que já te vejo estar pasmado.

## UMBRANO

Cousas não costumadas na espessura,  
Que nunca vi, Frondelio, vejo agora.  
Formosas Nymphas vejo na verdura,  
Cujo divino gesto o Ceo namora.  
Uma de desusada formosura,  
Que das outras parece ser Senhora,  
Sobre um triste sepulchro, não cessando,  
Está perlas dos olhos distillando.

De todas estas altas semidéas,  
Que em torno estão do corpo sepultado,  
Umas, regando as humidas aréas,  
De flores tem o Tumulo adornado:  
Outras, queimando lagrimas Sabéas,  
Enchem o ar de cheiro sublimado:  
Outras em ricos pannos, mais avante,  
Envolvem brandamente um novo infante.

Uma, que de entre as outras se apartou,  
Com gritos, que a montanha entristeceram,

Diz, que depois que a morte a flor cortou,  
 Que as estrellas sómente mereceram;  
 Este penhor carissimo ficou  
 De aquelle, a cujo imperio obedeceram  
 Douro, Mondego, Tejo, e Guadiana,  
 Até o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que se encontrar este menino  
 A noite intempestiva, amanhecendo,  
 O Tejo agora claro, e crystallino,  
 Tornará a fera Alecto em vulto horrendo:  
 Mas que, a ser conservado do Destino,  
 As benignas estrellas promettendo  
 Lhe estão o largo pasto de Ampelusa,  
 Co'o monte, em que máo ponto viu Medusa.

Este prodigio grande Nympha bella  
 Com abundantès lagrimas recita.  
 Porém, qual a eclipsada clara estrella,  
 Que entre as outras o Ceo primeiro habita,  
 Tai coberta de negro vejo aquella,  
 A quem só na alma toca grão desdita.  
 Dá cá, Frondelio, a mão; e sobe a ver  
 Tudo o mais que eu de dor não sei dizer.

## FRONDELIO

Oh triste morte, esquiva, e mal olhada,  
 Que a tantas formosuras injurias!  
 Áquella deusa bella, e delicada,  
 Sequer algum respeito ter devias.  
 Esta é, por certo, Aonia filha amada  
 De aquelle grão Pastor, que em nossos dias

Danubio enfréa; manda o claro Ibero;  
E espanta o morador do Euxino fero.

Morreu-nos o excellente, e poderoso,  
(Que a isto está sujeita a vida humana)  
Doce Aonio, de Aonia caro Esposo.  
Ah lei dos fados, aspera, e tyrannal  
Mas o som peregrino, e piedoso,  
Com que a formosa Nympha a dor engana,  
Escuta um pouco. Nota, e vê, Umbrano,  
Quão bem que sôa o verso Castelhana.

## AONIA

Alma, y primero amor del alma mia,  
Espiritu dichoso, en cuya vida  
La mia estuvo en quanto Dios queria!

Sombra gentil de su prision salida,  
Que del Mundo a la Patria te bolviste,  
Donde fuiste engendrada, y procedida!

Recibe allá este sacrificio triste,  
Que te offerecen los ojos que te vieron,  
Si la memoria dellos no perdiste.

Que pues los altos Cielos permitieron,  
Que no te acompañasse en tal jornada,  
Y para ornarse solo á ti quisieron;

Nunca permitirán, que acompañada  
De mi no sea esta memoria tuya,  
Que está de tus despojos adornada.

Ni dexáran, por más que el tiempo huya  
De estar en mi com sempiterno llanto,  
Asta que vida y alma se destruya.



Mas tu, gentil Espiritu, entretanto  
Que outros campos y flores vás pisando,  
Y otras zamponñas oyes, y outro canto:  
Agora embevecido estés mirando  
Allá en el Empyreo aquella Idea,  
Que el Mundo enfrena, y rige con su mando:  
Agora te possuya Citheréa  
En el tercero assiento, o porque amaste,  
O porque nueva amante allá te sea:  
Agora el Sol te admire, si miraste  
Como vá por los Signos encendido,  
Las tierras alumbrando, que dexaste:  
Si en ver estos milagros no has perdido  
La memoria de mi, o fue en tu mano  
No passar por las aguas del olvido:  
Buelve un poco los ojos a este llano,  
Verás una, que a ti con triste lloro  
Sobre este marmol sordo llama en vano.  
Pero si entraren en los Signos de oro,  
Lagrimas, y gemidos amorosos,  
Que muevan el supremo y santo Coro;  
La lumbre de tus ojos tan hermosos  
Yo la veré muy presto; y podré verte.  
Que a pesar de los hados enojosos  
Tambien para los tristes ubo muerte.

## ECLOGA II

## INTERLOCUTORES

## ALMENO, E AGRARIO

Ao longo do sereno  
Tejo, suave, e brando,  
Num valle de altas arvores sombrio,  
Estava o triste Almeno,  
Suspiros espalhando  
Ao vento, e doces lagrimas ao rio.  
No derradeiro fio  
O tinha a esperança,  
Que com doces enganos  
Lhe sustentára a vida tantos annos  
Numa amorosa, e branda confiança.  
Que quem tanto queria,  
Parece, que não erra, se confia.

A noite escura dava  
Repouso aos cansados  
Animaes esquecidos da verdura;  
O valle triste estava  
Co'uns ramos carregados,  
Que inda a noite faziam mais escura.  
Offrecia a espessura  
Um temeroso espanto:  
As roucas rãs soavam

Num charco de agua negra, e ajudavam  
Do passaro nocturno o triste canto;  
O Tejo com som grave  
Corria mais medonho que suave.

    Como toda a tristeza  
No silencio consiste,  
Parecia que o valle estava mudo;  
E com esta graveza  
Estava tudo triste,  
Porém o triste Almeno mais que tudo:  
Tomando por escudo  
De sua doce pena,  
Para poder soffrel-a,  
Estar imaginando a causa d'ella:  
Que em tanto mal é cura bem pequena:  
Maior o é o tormento,  
Que toma por allivio um pensamento.

    Ao rio se queixava  
Com lagrimas em fio,  
Com que as ondas cresciam outro tanto:  
Seu doce canto dava  
Tristes aguas ao rio,  
E o rio triste som ao doce canto.  
Ao sonoro pranto,  
Que as aguas enfreava,  
Responde o valle umbroso:  
De tanta voz o accento temeroso  
Na outra parte do rio retumbava,  
Quando da phantasia  
O silencio rompendo, assi dizia:

.....

Por ti o alegre prado  
Me é penoso, e duro,  
Abrolhos me parecem suas flores:  
Por ti do manso gado,  
Como de mi, não curo  
Por não fazer offensa a teus amores.  
Os jogos dos Pastores,  
As lutas entre a rama,  
Nada me faz contente:  
E sou já do que fui tanto differente,  
Que quando por meu nome alguém me chama,  
Pasma, porque conheço,  
Que inda comigo proprio me pareço.

O gado, que apascento,  
São na alma os meus cuidados;  
As flores, que no campo sempre vejo,  
São no meu pensamento  
Teus olhos debuxados,  
Com que estou enganando o meu desejo.  
Do frio, e doce Tejo  
As aguas se tornam  
Ardentes, e salgadas,  
Despois que minhas lagrimas cansadas  
Com seu puro licor se misturaram;  
Como quando mistura  
Hyppanis co'o Exampéo sua agua pura.

Se ahi no Mundo houvesse  
Ouvires-me algum'hora,  
Assentados na praia d'este rio;  
E de arte te dissesse  
O mal, que passo agora,

Que podesse mover-te o peito frio.  
 Oh quanto desvario,  
 Que estou imaginando!  
 Já agora meu tormento  
 Não póde pedir mais ao pensamento,  
 Que este phantasiar, donde penando  
 A vida me reserva.  
 Querer mais de meu mal será soberba.  
     Já a esmaltada Aurora  
 Descobre o negro manto  
 Da sombra, que as montanhas encobria.  
 Descansa, fruta, agora,  
 Pois meu escuro canto  
 Não merece que veja o claro dia.  
 Não canse a phantasia  
 De estar em si pintando  
 O gesto delicado,  
 Em quanto traz ao pasto o manso gado  
 Esse Pastor, que lá só vem fallando.  
 Callar-me-hei sómente;  
 Que o meu mal nem ouvir se me consente.

## AGRARIO

Formosa manhã clara, e deleitosa,  
 Que como fresca rosa na verdura  
 Te mostras bella, e pura, marchetando  
 As Nymphas, espalhando seus cabellos  
 Nos verdes montes bellos; tu só fazes,  
 Quando a sombra desfazes triste, e escura,  
 Formosa a espessura, e a clara fonte,

Formoso o alto monte, e o rochedo,  
Formoso o arvoredado, e deleitoso,  
E, enfim tudo formoso co' o teu rosto,  
De ouro, e rosas composto, e claridade,  
Trazes a saudade ao pensamento,  
Mostrando em um momento o rôxo dia,  
Com a doce harmonia nos cantares  
Dos passaros a pares, que voando  
Seu pasto andam buscando nos raminhos,  
Para os amados ninhos que mantêm.  
Oh grande, e summo bem da natureza!  
Estranha subtileza de pintora,  
Que matiza em um' hora, de mil côres,  
O Ceo, a terra, as flores, monte, e prado!  
Oh tempo já passado! Quão presente  
Te vejo abertamente na vontadel  
Quão grande saudade tenho agora  
Do tempo que a Pastora minha amava,  
E de quanto prezava a minha dor!  
Então tinha o amor maior poder,  
Quando em um só querer nos igualava:  
Porque quando um amava a quem queria,  
Logo echo respondia de affeição  
No brando coração da doce imiga.  
Nesta amorosa liga concertavam  
Os tempos, que passavam com prazeres.  
Mostrava a flava Ceres por as eiras  
Das brancas sementeiras lêdo fruto,  
Pagando seu tributo aos Lavradores:  
E enchia aos Pastores todo o prado  
Pales do manso gado guardadora:



Iam Zéphiro, e Flora passeando,  
Os campos esmaltando de boninas.  
Nas fontes crystallinas triste estava  
Narciso, que inda olhava na agua pura  
Sua linda figura, e delicada:  
Mas Echo namorada de tal gesto,  
Com pranto manifesto, seu tormento  
No derradeiro accento lamentava.  
Alli tambem se achava o sangue tinto  
Do purpureo jacintho; e o destroço  
De Adonis bello moço; morte fea  
Da bella Cytheréa tão chorada;  
Toda a terra esmaltada d'estas rosas.  
Iam Nymphas formosas por os prados;  
E os Faunos namorados apoz ellas,  
Mostrando-lhes capellas de mil côres,  
Ornadas das flores que colhiam:  
As Nymphas lhe fugiam espantadas,  
As faldas levantadas por os montes.  
Via-se a agua das fontes espalhar-se;  
Verumno transformar-se alli se via;  
Pomona, que trazia os doces fruitos:  
Alli Pastores muitos, que tangiam  
Gaitas, que bem se ouviam, e cantando  
Estavam enganando as suas penas,  
Tomando das Sirenas o exercicio.  
Ouvia-se Salicio lamentar-se;  
Da mudança quaivar-se crua, e feia,  
Da dura Galathéa, tão formosa:  
E da morte invejosa Nemoroso  
Ao monte cavernoso se querela,

Que a sua Elisa bella em pouco espaço  
Cortou inda em agrão. Ah dura sorte!  
Oh immatura morte, que a ninguem  
De quantos vida têm já mais perdoas!  
Mas tu, tempo, que voas apressado,  
Um deleitoso estado quão asinha  
Nesta vida mesquinha transfiguras  
Em mil desaventuras, e a lembrança  
Nos deixas por herança do que levas!  
Assi que se nos cevas com prazeres,  
É para nos comeres no melhor.  
Cada vez em peor te vás mudando  
Quanto vens inventando, que hoje approvas,  
Logo amanhã reprovas com instancia.  
Oh perversa inconstancia, e tão profana,  
De toda cousa humana, inferior,  
A quem o cego error sempre anda annexo!  
Mas eu de que me queixo? Ou eu que digo?  
Vive o tempo comigo? Ou elle tem  
Culpa no mal que vem da cega gente?  
Por ventura elle sente, ou elle entende  
Aquillo que defende o ser divino?  
Elle usa de continuo seu officio,  
Que já por exercicio lhe é devido:  
Dá-nos fructo collido na sazão  
Do formoso Verão; e no Inverno;  
Com seu humor eterno congelado  
Do vapor levantado co'a quentura  
Do Sol, a terra dura lhe dá alento,  
Para que o mantimento produzindo  
Estê sempre cumprindo seu costume:

Assi que não consume de si nada,  
Nem muda da passada vida um dedo:  
Antes sempre está quedo no deuido,  
Porque este é seu partido, e sua usança;  
E nelle esta mudança é mais firmeza.  
Mas quem a Lei despreza, e pouco estima,  
De quem de lá de cima está movendo  
O Ceo sublime, e horrendo, o Mundo puro,  
Este muda o seguro, e firme estado  
Do tempo não mudado da verdade.  
Não foi naquella idade de ouro claro;  
O firme tempo charo, e excellente?  
Vivia então a gente moderada;  
Sem ser a terra arada dava pão;  
Sem ser cavado o chão as fructas dava;  
Nem aguas desejava, nem quentura;  
Suppria então natura o necessario.  
Pois quem foi tão contrário a esta vida?  
Saturno, que perdida a luz serena,  
Causou, que em dura pena desterrado,  
Fosse do Ceo lançado, onde vivia;  
Porque os filhos comia, que gerava.  
Por isso se mudava o tempo igual  
Em mais baixo metal: e assi descendo  
Nos veio, emfim, trazendo a este estado.  
Mas eu, desatinado, aonde vou?  
Para onde me levou a phantasia,  
Que estou gastando o dia em vãs palavras?  
Quero ora minhas cabras ir levando  
Ao Tejo claro, e brando; porque achar  
No Mundo que emendar, não é de agora.

Basta que a vida fóra d'elle tenho;  
 Com meu gado me avenho, e estou contente.  
 Porém, se me não mente a vista, eu vejo  
 Nesta praia do Tejo estar deitado  
 Almeno, que elevado em pensamentos,  
 As horas, e os momentos vai gastando:  
 Vou-me a elle chegando, só por ver  
 Se poderei fazer, que o mal que sente,  
 Um pouco se lhe ausente da memoria.

.....



## ECLOGA VII

### INTERLOCUTORES

#### SATYRO I, SATYRO II

As doces cantilenas, que cantavam  
 Os semicpros deoses, amadores  
 Das Napéas, que os montes habitavam;  
 Cantando escreverei: que se os amores  
 A sylvestres deidades maltrataram,  
 Já ficam desculpados os Pastores.

Vós, Senhor D. Antonio, em quem acharam  
 O claro Apollo, e Marte, um ser perfeito,  
 E suas altas mentes assignaram;

Se o meu engenho é rudo, ou imperfeito,  
 Bem sabe onde se salva, pois pretende

Levantar com a causa o baixo effeito.

Em vós minha fraqueza se defende;  
Em vós instilla a fonte do Pegáso,  
O que o meu canto por o Mundo estende.

Vêdes que as altas Musas do Parnaso  
Cantando vos estão na doce lyra,  
Tomando-me das mãos tão alto caso.

Vêdes o louro Apollo, que me tira  
De louvar vossa estirpe, e escurece,  
O que a vosso louvor meu canto aspira.

Ou por me haver inveja me fallece,  
Ou por não ver soar na frauta ruda,  
O que a sonora cithara merece.

Pois sei dizer, Senhor, que a lingua muda,  
Em quanto Progne triste o sentimento  
Da corrompida irmã co'o pranto ajuda;

E em quanto a Galatéa ao manso vento  
Solta os cabellos louros da cabeça,  
E Tityro nas sombras faz assento,

E em quanto flor aos campos não falleça,  
(Se não recebeis isto por affronta)  
Fará que o Douro, e o Ganges vos conheça.

E já que a lingua nisto fica pronta,  
Consenti que a minha Elogia se conte,  
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.

No cume do Parnaso, duro monte,  
De sylvestre arvoredado rodeado,  
Nasce uma crystallina, e clara fonte,  
Donde um manso Ribeiro derivado,  
Por cima de alvas pedras mansamente  
Vai correndo suave, e socegado.

O murmurar das ondas, excellente,  
Os passaros incita, que cantando  
Fazem o verde monte mais contente.

Tão claras vão as aguas caminhando,  
Que no fundo as pedrinhas delicadas  
Se podem, uma e uma estar contando.

Não se verão em de redor pizadas  
De fera, ou de Pastor, que alli chegasse,  
Porque do espesso monte são vedadas.

Herva se não verá, que alli criasse  
O monte ameno, triste, ou venenosa,  
Senão que lá no centro as igualasse.

O rôxo lirio a par da branca rosa,  
A cecem pura, a flor que dos amantes  
A côr tem magoada, e saudosa.

Alli se vêem os myrtos circumstantes,  
Que a crystallina Venus encobriram,  
Escondendo-a dos Faunos petulantes.

Hortelã, mangerona, alli respiram,  
Onde nem frio Inverno, ou quente Estio,  
As murcharam jámais, ou seccas viram.

D'esta arte vai seguindo o curso o rio,  
O monte inhabitado, e o deserto,  
Sempre com verdes arvores sombrio.

Aqui uma linda Nympha, por acerto  
Perdida da fragueira companhia,  
A quem este lugar era encoberto:

Cansada já da caça vindo um dia,  
Quiz descansar á sombra da espessura,  
E tirar nas mãos alvas, da agua fria.

A novidade vendo manifesta



Do sitio, e como as arvores co'o vento  
 As calmas defendiam da alta sésta,  
 Das aves o lascivo movimento,  
 Que em seus módulos versos occupadas  
 As azas dão ao doce pensamento.

Tendo notado tudo, já passadas  
 As horas da grão sésta, se tornou  
 A buscar as irmãs no centro amadas.

Despois que largamente lhes contou  
 Do não visto legar, que perto estava,  
 E tanto por extremo a namorou;

Que ao outro dia fossem, lhes rogava,  
 A lavar-se em aquella fonte amena,  
 Que tão formosas aguas distillava.

Já tinha dado um gyro a luz serena  
 Do grão Pastor de Adméto, e já nascia  
 Aos ditosos amantes nova pena:

Quando as formosas Nymphas em porfia  
 Para o logar do monte caminhavam,  
 Rompendo a manhã rôxa, alegre, e fria.

De uma os louros cabellos se espalhavam  
 Por o formoso collo sem concerto,  
 E com mil nós suaves se enlaçavam.

Outra levando o collo descoberto,  
 Por mais despejo em tranças os atára,  
 Havendo por pezado o desconcerto.

Dinamene, e Ephire, a quem topára  
 Nuas Phebo em um rio, e encobriram  
 Seus delicados corpos na agua clara.

Sirene, e Nise, que das mãos fugiram  
 Do Tégeo Pan; Amanta, e mais Elisa,

Destras nos arcos mais que quantas tiram.

A linda Daliana, com Belisa,  
Ambas vindas do Tejo; que como ellas  
Nenhuma tão formosa as hervas pisa.

Todas estas angelicas donzellas,  
Por o viçoso monte alegres iam,  
Quaes no Ceo largo as nitidas Estrellas.

Mas dous sylvestres deoses, que traziam  
O pensamento em duas occupado,  
A quem de longe, mais que a si queriam:

Não lhes ficava monte, valle, ou prado,  
Nem arvore, por onde quer que andavam,  
Que não soubesse d'elles seu cuidado.

Quantas vezes os rios, que passavam,  
Detiveram seu curso ouvindo os danos,  
Que aos proprios duros montes magoavam!

Quantas vezes amor de tantos annos  
Abrandára qualquer vontade isenta,  
Se em Nymphas corações houvesse humanos!

Mas quem de seu cuidado se contenta,  
Offereça de longe a paciencia,  
Que amor de alegres mágoas se sustenta.

Que o moço Idalio quiz nesta sciencia,  
Que se compadecessem dous contrários  
Diga-o quem tiver d'elle experiencia.

Indo os deoses, emfim, por montes varios,  
Exercitando os olhos saudosos,  
Ao crystallino rio tributarios;

Toparam dos pés alvos, e mimosos,  
As pizadas na terra conhecidas,  
As quaes foram seguindo pressurosos.

Mas encontrando as Nymphas, que despidas  
Na clara fonte estavam, não cuidando  
Que de alguém fossem vistas, ou sentidas;  
Deixaram-se estar quedos, contemplando  
As feições nunca vistas, de maneira,  
Que vissem sem ser vistos, espreitando.

Porém a espessa mata mensageira  
Da cilada dos dous, com o rugido  
Dos raminhos de uma aspera aveleira,  
Manifestando claro o escondido,  
Todas uma alta grita levantaram,  
Que o monte pareceu ser destruído.

Assi despidas logo se lançaram  
Por a espessura tão ligeiramente,  
Que mais que o proprio vento então voaram.

Qual o bando das pombas quando sente  
A rapida aguia, cuja vista pura  
Não obedece ao Sol resplandecente;

Empresta-lhe o temor da morte dura  
Nas azas novo alento; e não parando,  
Veloz rompendo o ar fugir procura:

D'esta arte as deosas timidas, deixando  
De seu despoje os ramos carregados,  
Nuas por entre as sylvas vão voando.

Mas os amantes já desesperados,  
Que para as alcançar, enfim, se viam  
Nada dos pés caprinos ajudados;

Com amorosos brados as seguiam.  
Um só (que o outro ainda não tomava  
Folego algum da pressa que traziam)  
D'esta sorte sentido se queixava.

## SATYRO PRIMEIRO

Ah Nymphas fugitivas,  
Que só por não usar humanidade,  
Os perigos dos matos não temeis!  
Para que sois esquivas?  
Que inda de nós não peço piedade,  
Mas d'essas alvas carnes, que offendeis.  
Ah Nymphas? Não vereis,  
Que Eurydice fugindo d'essa sorte,  
Fugiu do amante, e não da fera morte?  
Tambem assi Eperie foi mordida  
Da vibora escondida.

Olhai a serpe occulta na herva verde.  
Quem o rigor não perde, perde a vida.

Que tigre, ou que leão,  
Que peçonhenta fera venenosa,  
Ou que inimigo, enfim, vos vai seguindo?  
De um brando coração,  
Que preso d'essa vista rigorosa  
De si para vós foge, andais fugindo?  
Olhai, que em gesto lindo  
Não se consente peito tão disforme,  
Senão quereis, que tudo se conforme.  
Postoque bellas na agua vos vejais,  
Á fonte não creais,  
Que vos traz enganadas por vingança  
D'esta nossa esperança, que enganais.

Mas ah! Que não consinto,  
Que nem palavra minha vos offenda,  
Postoque me desculpe a mágoa pura.

Digo, Nymphas, que minto:  
 Pois mal póde haver nunca quem pretenda  
 Negar-vos essa rara formosura.  
 Se amor de tanta dura  
 Por tanto mal tão pouco bem merece,  
 Não estranheis, minha alma se endoudece:  
 Que se doudices falla de improviso,  
 Sem tento, e sem aviso,  
 Queira Deos, que dureza tão crescida  
 Me não prive da vida além do siso.  
     Cousas grandes, e estranhas,  
 Por o Mundo tem feito, e faz natura,  
 Que a quem vos não viu, Nymphas, muito espantam.  
 Nas Libycas montanhas  
 As Scitales são feras, de pintura  
 Tão singular, que só co'a vista encantam.  
 As hienas levantam  
 A voz tão natural á voz humana,  
 Que a quem as ouve, facilmente engana.  
 E vós (ó gentis feras) cujo aspeito  
 O Mundo tem sujeito,  
 Tendes de natureza juntamente  
 A vista, e voz de gente, e fero o peito.  
     Das amorosas leis,  
 Com que liga natura os corações,  
 Andais fugindo (ó Nymphas) na espessura?  
 Como? E não vos correis  
 De haver em vós tão duras condições,  
 Que possam mais que a próvida natura?  
 Se vossa formosura  
 É sobrenatural, não é forçado,

Que assi tenha tambem o peito irado:  
 Antes ao puro amor, em cuja mão  
 Os corações estão,

Por vossa gentileza tão formosa,  
 Lhes deveis amorosa condição.

Amor é um brando affecto,  
 Que Deos no Mundo poz, e a natureza,  
 Para augmentar as cousas que creou.  
 De amor está sujeito,

Tudo quanto possui a redondeza:

Nada sem este affecto se gerou.

Por elle conservou

A causa principal o Mundo amado,  
 Donde o pae famulento foi deitado.

As causas elle as ata, e as conforma  
 Com o Mundo, e reforma

A materia. Quem ha que não o veja?

Quanto meu mal deseja sempre fórma.

Entre as plantas do prado

Não ha machos, e femeas conhecidas,

Que junto uma da outra permanece?

Não estão carregados

Os ulmeiros de vides retorcidas,

Onde o cacho enforcado amadurece?

Não vêdes, que padece

Tanta tristeza *a rola por a morte*

Da sua amada, e *unica consorte?*

Pois lá no Olympo, a quantos captivou

Cupido, e maltratou?

Melhor que eu o dirá a subtil donzella,

Que já na sua téla o debuxou.



Ah caso grande, e grave!  
 Ah peitos de diamante fabricados!  
 E das leis, absolutas, naturaes!  
 Aquelle amor suave;  
 Aquelle poder alto, que forçados  
 Os deoses obedecem, desprezais?  
 Pois quero que saibais,  
 Que contra o fero amor nunca houve escudo.  
 Costume é seu tomar vingança em tudo.  
 Eu vos verei lançar em um momento  
 Suspiros mil ao vento,  
 Lagrimas, triste pranto, e nova dor,  
 Por quem tenha outro amor no pensamento.

Mais quizera dizer  
 O desditoso amante, que ajudado  
 Se via então da mágoa, e da tristeza;  
 Mas foi-lh'o defender  
 O outro companheiro, como irado,  
 Com tão disforme, e aspera dureza.  
 Aquillo que a rudeza  
 De uma sciencia agreste lhe ensinára,  
 Disse, qual se em tal ponto despertára,  
 De horrendo sonho com pezado grito.  
 O mais que alli foi dito,  
 Vós, montes, o direis; e vós, penedos;  
 Que em vossos arvoredos anda escripto.

## SATYRO SEGUNDO

Nem vós nascidas sois de gente humana,  
 Nem foi humano o leite que mamastes,

Mas de alguma disforme fera Hyrcana:  
 Lá no Caucaso horrendo vos criastes:  
 De aqui trouxestes a aspereza insana;  
 De aqui os calidos peitos congelastes.  
 Sois Esphinges nos gestos naturaes,  
 Que de humanas os rostos só mostrais.

Se vós fostes criadas na espessura,  
 Onde não houve cousa que se achasse,  
 Agua, pedra, arbor, flor, ave, alma dura,  
 Que em seu passado tempo não amasse;  
 Nem a quem a affeição suave, e pura,  
 Nessa presente fórma não mudasse;  
 Porque não deixareis tambem memoria  
 De vós em namorada, e longa historia?

Olhai como na Arcadia, soterrando  
 O namorado Alpheo sua agua clara,  
 Lá na ardente Sicilia vai buscando  
 Por debaixo do mar a Nympha chara.  
 Assi tambem vereis passar nadando  
 Atyr, que Galatéa tanto amára,  
 Por onde do Cyclope a grande mágoa  
 Converteu do maneebo o sangue em agua.

Virai os olhos, Nymphas, á Erycina  
 Espessura; vereis alli mudar-se  
 Egeria, e em fonte clara, e crystallina,  
 Por a morte de Numa distillar-se.  
 Olhai, que a triste Byblis vos ensina,  
 Com perder-se de todo, e transformar-se  
 Em lagrimas, que, enfim, puderam tanto,  
 Que accrescentaram sempre o verde manto.

E se entre as claras aguas houve amores,

Os penedos tambem foram perdidos.  
 Olhai os dous conformes amadores  
 Lá no monte Ida em pedra convertidos.  
 Lethéa, por cahir em vãos errores  
 De sua formosura procedidos;  
 Oleno, porque a culpa em si tomava,  
 Por escusar a pena a quem amava.

Tomai exemplo, e vêde em Cypro aquella,  
 Por quem Iphis no laço poz a vida.  
 Tambem vereis em pedra a Nympha bella,  
 Cuja voz foi por Juno consumida:  
 E se queixar-se quer de sua estrella,  
 A voz extrema só lhe é concedida.  
 E tu tambem (ó Daphnis), que trouxeste  
 Primeiro ao monte o doce verso agreste.

Tamanho amor lhe tinha a branda amiga,  
 Que em inimiga, emfim, se foi tornando:  
 Porque outra Nympha estranha já o sogiga,  
 Suas magicas hervas vai buscando.  
 Olhai a quanto a crua dor obriga!  
 Por vingar-se assi irada, transformando  
 O foi em pedra. Oh dura confusão!  
 Depois lhe pezaria; mas em vão.

Olhai (Nymphas) as arvores alçadas,  
 A cuja sombra andais colhendo flores,  
 Como em seu tempo foram namoradas,  
 Do que inda agora o tronco sente as dores.  
 Vereis entre as de fructo matizadas:  
 Como a côr das amoras é de amores:  
 O sangue dos amantes na verdura  
 Testimunha de Tisbe a sepultura.

E lá por a odorifera Sabéa,  
 Não vêdes, que de lagrimas de aquella,  
 Que com seu pae se junta, e se reerêa,  
 Arabia se enriquece, e vive d'ella?  
 Lembrai-vos da verde arvore Penéa,  
 Que foi já noutro tempo Nympha bella;  
 E Cyparisso angelico mancebo;  
 Ambos verdes com lagrimas de Phebo.

De Phrygia vêde o moço delicado,  
 No mais alto arvoredado convertido,  
 Que tantas vezes fere o vento irado,  
 Galardão de seus erros merecido:  
 Pois da alta Berecynthia sendo amado,  
 Por uma Nympha baixa foi perdido:  
 E a deosa, a quem perdeu do pensamento,  
 Quiz que tambem perdesse o entendimento.

O subito furor lhe figurava,  
 Que as arvores, e os montes se cahiam:  
 Já dos pudicos membros se privava,  
 Que os horrores a tanto o constrangiam:  
 Já indignado no monte se lançava:  
 De sua morte as feras se doíam.  
 D'est'arte perdeu Atys na espessura,  
 Depois de tantas perdas, a figura.

Lembre-vos quando as gentes celebravam  
 Em Grecia as grandes festas de Liêo,  
 Onde as formosas Nymphas se juntavam,  
 E os sacros moradores do Licêo.  
 Todos em doce somno se occupavam  
 Por o monte, depois que anoiteceu;  
 Mas o deos do Hellesponto não dormia:

Que um novo amor o somno lhe impedia.

Mas ella, emfim, os braços estendendo,  
 Em ramos se lhe foram transformando;  
 Em raizes os pés se vão torcendo;  
 E o nome Loto só lhe vai ficando.  
 Vêde, Napéas, este caso horrendo,  
 Que vos está de longe ameaçando.  
 Assi tambem d'aquella, a quem seguia  
 O sacro Pan, a fórma se perdia.

Que vos direi de Filis, pois perdida  
 Da saudosa dor com que vivia,  
 A desesperação emfim trazida  
 Do comprido esperar de dia em dia?  
 Por desatar do corpo a triste vida  
 Atava ao collo a cinta que trazia.  
 Mas o tronco sem folha por o monte  
 Rhodope abraça o lento Demophonte.

Nas boninas tambem vereis Jacintho,  
 Por quem Phebo de si se queixa em vão;  
 Vereis o monte Idalio em sangue tinto  
 Do neto de seu pae, da mãe irmão.  
 Chora Venus a dor do moço extincto,  
 Maldiz o Ceo, e a terra, com razão;  
 A terra, porque logo não se abriu;  
 O Ceo, porque tal morte permittiu.

E tu, constante Clície, a quem fallece  
 A fé de teus amores enganosos,  
 No louro amante, que de ti se esquece,  
 Se esquecem os teus olhos saudosos.  
 Nenhum alegre estado permanece;  
 Que são do mundo os gostos mentirosos;

E á tua clara luz, por quem suspiras,  
Ainda agora em herva a folha viras.

Trago-vos estas cousas á lembrança,  
Porque se estranhe mais vossa crueza  
Com ver que a criação e longa usança  
Vos não perverte e muda a natureza.  
Dou as lagrimas minhas em fiança,  
Que em tudo quanto está na redondeza,  
Cousa do amor isenta, se attentais,  
Em quanto vos não virdes, não vejais.

Já disse, que de amor sempre tiveram  
As cousas insensíveis pena e gloria.  
Vêde as sensíveis como se perderam.  
E dir-vos-hei das aves larga hlstoria:  
As penas, que em sua alma se soffreram,  
Nas azas lhe ficaram por memoria;  
E aquelle altivo e leve movimento  
Lhes ficou do voar do pensamento.

O doce rouxinol e a andorinha,  
Donde lhes veio o ir-se transformando,  
Senão do puro amor que o Thracio tinha,  
Que em poupa ainda a amada vai chamando?  
Clama sem culpa a misera avesinha,  
Que na arêa de Phasis habitando,  
Do rio toma o nome; e quando clama,  
Cruel á mãe, ao pae injusto chama.

Vêde a que engeitou Pallas por fallar,  
Que dos amores é maior defeito,  
E aquella, que succede em seu lugar,  
Ambas aves, de amor usado effeito;  
Uma, porque fugia ao deos do mar;



Outra, porque tentára o patrio leito:  
 E Scylla, que a seu pae poz em perigo,  
 Só por ser muito amiga do inimigo.

E Pico, a quem ficaram inda as cores  
 Da purpura Real, que antes vestia.  
 Esaco, que o seguir de seus amores  
 O trouxe a ver tão cedo o extremo dia.  
 Ou vêde os dous tão firmes amadores,  
 Que amor aves tornou na praia fria.  
 Do Rei dos ventos era genro o triste;  
 Mas contra o fado, emfim, nada resiste.

Estava a triste Halcyone, esperando  
 Com longos olhos o marido ausente;  
 Mas os ventos indomitos soprando,  
 Nas aguas o afogaram tristemente.  
 Em sonhos se lhe está representando;  
 Que o coração preságo nunca mente:  
 Só do bem as suspeitas mentirão,  
 Mas as do mal futuro certas são.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaia;  
 Buscando o mar com elles ia e vinha:  
 Quando o corpo sem alma achou na praia;  
 Sem alma o corpo achou, que na alma tinha!  
 Ó Nereidas do Egêo, consolai-a,  
 Pois este pio officio vos convinha.  
 Consolai-a; sahi das vossas aguas;  
 Se consolação ha em grandes mágoas.

Mas oh nescio de mi, que estou fallando  
 Das avesinhas mansas e amorosas!  
 Pois tambem teve amor natural mando  
 Entre as feras montezez venenosas.

O leão e a leoa, como, ou quando  
 Taes fórmas alcançaram temerosas?  
 Sabe-o da deosa Dindymene o templo,  
 E a que a Adonis o dava por exemplo.

Quem fosse a mansa vacca dil-o-ia;  
 Mas o grão Nilo o diga, pois a adora.  
 Que fórma teve Ursa, saber-se-ia  
 Do Pólo Boreal, onde ella mora.  
 O caso d'Acteon tambem diria  
 Em cervo transformado; e melhor fôra  
 Se dos olhos perdera a vista pura,  
 Que em seus galgos achar a sepultura.

Tudo isto Acteon viu na fonte clara,  
 Onde a si de improviso em cervo viu:  
 Que quem assi d'est'arte alli o topára,  
 Que se mudasse em cervo permittiu.  
 Mas, como o triste Principe em si achára  
 A desusada fórma, se partiu.  
 Os seus, desconhecendo-o, vão chamando;  
 E, tendo-o alli presente, o vão buscando.

Co'os olhos e co'o gesto lhes fallava;  
 Que a voz humana já perdida tinha.  
 Qualquer d'elles por elle então chamava,  
 E a multidão dos cães contra elle vinha.  
 Um cervo acude a ver (qualquer gritava)  
 Acteon, donde estás? acude asinha,  
 Que tardar tanto é este? (repetia)  
*É este, é este*, o eco respondia.

Quantas cousas em vão estou fallando  
 (Oh Napéas esquivas!) sem que veja  
 O peito de diamante um pouco brando

De quem meu damno tanto só deseja.  
Pois, por mais que de mi me andais tirando,  
E por mais longa emfim que a vida seja,  
Nunca de mi se verá tamanha dor,  
Que amor a não converta em mais amor.

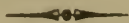
Aqui (formosas Nymphas) vos pintei  
Todo d'amores um jardim suave;  
De aguas, de pedras, de arvores contei,  
De flores, de almas feras, de uma, outra ave.  
Se este amor, que no peito aposentei,  
Que dos contentamentos tem a chave,  
Por dita em tempo algum determinasse  
Que de tão longos damnos vos pezasse:

Quanto mais devagar vos contaria  
De minha larga historia e não alheia?  
E com quanta mais agua regaria,  
Que o rio, de contente, a branca areia?  
Novo contentamento me seria  
Formar de meu cuidado a nova ideia:  
E vós, gostando d'este estado ufano,  
Zombarieis então de vosso engano.

Mas com quem fallo já? que estou gritando,  
Pois não ha nos penedos sentimento?  
Ao vento estou palavras espalhando;  
A quem as digo, corre mais que o vento.  
A voz e a vida a dor me está tirando,  
E o tempo não me tira o pensamento.  
Direi, emfim, ás duras esquivanças  
Que só na morte tenho as esperanças.

Aqui, sentido, o Satyro acabou,  
Com uns soluços que a alma lhe arrancavam:

Os montes insensíveis, que abalou,  
 Nas ultimas respostas o ajudavam.  
 Então Phebo nas aguas se encerrou  
 Co'os animaes que o Mundo alumiam;  
 E co'o luzente gado appareceu  
 A candida Pastora por o Ceo.



## ECLOGA VIII

### PISCATORIA

#### SERENO SÓ

Arde por Galatéa, branca e loura,  
 Sereno pescador pobre, forçado  
 De uma estrella, que quer á mingoa moura.

Os outros pescadores têm lançado  
 No Tejo as redes: elle só fazia  
 Este queixume ao vento descuidado:

Quando virá (formosa Nympha) um dia,  
 Em que te possa dar conta estreita  
 D'esta doudice triste e vã porfia!

Não vês que me foge a alma e que n'engeita,  
 Buscando em um só riso d'essa bocca,  
 Nos teus olhos azues mansa colheita?

Se ao teu espirito alguma mágoa toca,  
 Se de amor fica nelle uma pégada,  
 Que te vai, Galatéa, nesta troca?

Dar-te-hei minh'alma? lá m'a tens roubada:  
 Não t'a demandarei: dá-me por ella  
 Uma só volta d'olhos descuidada.

Se muito te parece, e minha estrella  
 Não consentir ventura tão ditosa,  
 Dou-te as azas do amor perdidas nella.

Que mais te posso dar, Nympha formosa,  
 Inda que o mar de aljofar me cubrira  
 Toda esta praia leda e graciosa?

Amansam-se ondas, quebra o vento a ira:  
 Minha tormenta só nunca socega;  
 O meu peito arde em vão, em vão suspira.

Anda no romper d'alva a nevoa cega  
 Sobre os montes d'Arrabida viçosos,  
 Em quanto o solar raio lhes não chega.

Eu, vendo apparecer outros formosos  
 Raios, que a graça e côr ao Ceo roubaram,  
 Se os olhos cegos vi, vejo saudosos.

Quantas vezes as ondas se encrespam  
 Com meus suspiros! Quantas com meu pranto  
 As fiz parar de mágoa, e me escutaram!

Se na força da dor a voz levanto,  
 E se ao som do remo, que agua vai ferindo,  
 Per ante a Lua meu cuidado canto;

Os maviosos deiphins me estão ouvindo;  
 A noite socegada; o mar calado:  
 Tu só foges de ouvir-me, e te vaes rindo.

Estranhas, por ventura, o mar cercado  
 Da fraca rede; a barca ao vento solta;  
 E um pobre Pescador aqui lançado?

Antes que o Sol no Ceo cerre uma volta

Se pôde melhorar minha ventura,  
Como a outros succede na agua envolta.

Igual preço não é da formosura  
De ouro a arêa, que o rico Tejo espraia,  
Mas um amor, que para sempre dura.

Vejam teus olhos (bella Nympha) a praia;  
Verás teu nome na mimosa arêa,  
Nunca sobre elle o mar com furia sáia!

Vento algum até agora o não saltêa:  
Tres dias ha, que escripto aqui o deixou  
Amor, e o véda a toda força alhéa.

Elle com suas mãos proprio ajudou  
A escolher estas conchas, affirmando  
Que o Sol para ti só as matizou.

Um ramo te colhi de coral brando;  
Antes que o ar lhe dêsse, parecia  
O que de tua bocca estou cuidando.

Ditoso se o soubesse inda algum dia!







REDONDILHAS

(ESCOLHIDAS)



## REDONDILHAS (\*)

---

Sobre os rios, que vão  
Por Babylonia, me achei,  
Onde sentado chorei  
As lembranças de Sião,  
E quanto nella passei.  
Alli o rio corrente  
De meus olhos foi manado;  
E tudo bem comparado,  
Babylonia ao mal presente,  
Sião ao tempo passado.

Alli lembranças contentes  
Na alma se representaram;  
E minhas cousas ausentes  
Se fizeram tão presentes,  
Como se nunca passaram.  
Alli, depois de acordado,  
Co' o rosto banhado em agua,  
D'este sonho imaginado,

(\*) Escreveu o Poeta estas maravilhosas e inimitaveis Redondilhas nas margens do Rio Mecon, depois de ali mesmo haver escapado de um naufragio, no anno de 1560, quando voltava de Macáo a Goa.

Vi que todo o bem passado,  
Não é gosto, mas é mágoa.

E vi, que todos os damnos  
Se causavam das mudanças,  
E as mudanças dos annos;  
Onde vi quantos enganos  
Faz o tempo ás esperanças.  
Alli vi o maior bem,  
Quão pouco espaço que dura,  
O mal quão depressa vem,  
E quão triste estado tem,  
Quem se fia da ventura.

Vi aquillo que mais val,  
Que então se entende melhor,  
Quando mais perdido for:  
Vi o bem succeder mal,  
E o mal muito peor.  
E vi com muito trabalho  
Comprar arrendimento:  
Vi nenhum contentamento,  
E vejo-me a mi, que espalho  
Tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas aguas,  
Com que banho este papel:  
Bem parece ser cruel  
Variedade de mágoas,  
E confusão de Babel.  
Como homem, que por exemplo  
Dos trances, em que se achou,  
Depois que a guerra deixou,  
Pelas paredes do templo

Suas armas pendurou:

Assi, depois que assentei,  
Que tudo o tempo gastava,  
Da tristeza que tomei,  
Nos salgueiros pendurei  
Os orgãos com que cantava.  
Aquelle instrumento lédo,  
Deixei da vida passada;  
Dizendo: Musica amada,  
Deixo-vos neste arvoredo  
Á memoria consagrada.

Frauta minha, que tangendo  
Os montes fazieis vir  
Para onde estaveis, correndo;  
E as aguas, que iam descendo,  
Tornavam logo a subir;  
Jámais vos não ouvirão  
Os tigres que se amansavam,  
E as ovelhas, que pastavam,  
Das hervas se fartarão,  
Que por vos ouvir deixavam.

Já não fareis docemente  
Em rosas tornar abrolhos,  
Na ribeira florecente;  
Nem poreis freio á corrente,  
E mais se for dos meus olhos.  
Não movereis a espessura.  
Nem podereis já trazer  
Atraz vós a fonte pura,  
Pois não pudeste mover  
Desconcertos da ventura.



Ficareis offerecida  
Á fama, que sempre véla,  
Frauta de mi tão querida;  
Porque mudando-se a vida,  
Se mudam os gostos d'ella.  
Acha a tenra mocidade  
Prazeres accommodados;  
E logo a maior idade  
Já sente por pouquidade  
Aquelles gostos passados.

Um gosto, que hoje se alcança,  
Ámanhã já o não vejo:  
Assi nos traz a mudança  
De esperança em esperança,  
E de desejo em desejo.  
Mas em vida tão escassa,  
Que esperança será forte?  
Fraqueza de humana sorte,  
Que quanto da vida passa,  
Está recitando a morte.

Mas deixar nesta espessura  
O canto da mocidade,  
Não cuide a gente futura,  
Que será obra da idade  
O que é força da ventura.  
Que idade, tempo, e espanto,  
De ver quão ligeiro passe,  
Nunqua em mi puderam tanto,  
Que postoque deixo o canto,  
A causa d'elle deixasse.

Mas em tristezas e nojos,

Em gosto, e contentamento,  
 Por Sol, por neve, por vento,  
*Tendrè presente a los ojos*  
*Por quien muero tan contento.*

Orgãos, e frauta deixava,  
 Despojo meu tão querido,  
 No salgueiro, que alli estava,  
 Que para tropheo ficava  
 De quem me tinha vencido.

Mas lembranças da affeição,  
 Que alli captivo me tinha,  
 Me perguntaram então,  
 Que era da musica minha,  
 Que eu cantava em Sião:  
 Que foi d'aquelle cantar,  
 Das gentes tão celebrado,  
 Porque o deixava de usar,  
 Pois sempre ajuda a passar  
 Qualquer trabalho passado.

Canta o caminhante lédo,  
 No caminho trabalhoso,  
 Por entre o espesso arvoredó;  
 E de noite o temeroso  
 Cantando refréa o medo.  
 Canta o preso docemente,  
 Os duros grilhões tocando;  
 Canta o segador contente;  
 E o trabalhador cantando,  
 O trabalho menos sente.

Eu que estas cousas senti  
 N'alma, de mágoas tão cbeia,

Como dirá, respondi,  
Quem alheio está de si,  
Doce canto em terra alheia?  
Como poderá cantar  
Quem em choro banha o peito?  
Porque, se quem trabalhar,  
Canta por menos cansar,  
Eu só descansos engeito.

Que não parece razão,  
Nem seria cousa idonia,  
Por abrandar a paixão  
Que cantasse em Babylonia  
As cantigas de Sião.  
Que quando a muita graveza  
De saudade quebrante  
Esta vital fortaleza,  
Antes morra de tristeza,  
Que por abrandal-a cante.

Que se o fino pensamento  
Só na tristeza consiste,  
Não tenho medo ao tormento:  
Que morrer de puro triste,  
Que maior contentamento?  
Nem na frauta cantarei  
O que passo, e passei já,  
Nem menos o escreverei;  
Porque a penna cansará,  
E eu não descansarei.

Que se vida tão pequena  
Se accrescenta em terra estranha;  
E se amor assi o ordena,

Razão é que canse a penna  
De escrever pena tamanha.  
Porém, se para assentar  
O que sente o coração,  
A penna já me cansar,  
Não canse para voar  
A memória em Sião.

Terra bemaventuroda,  
Se por algum movimento  
Da alma me fores tirada,  
Minha penna seja dada  
A perpetuo esquecimento.  
A pena d'este desterro,  
Que eu mais desejo esculpida  
Em pedra, ou em duro ferro,  
Essa nunca seja ouvida,  
Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quizer  
Em Babylonia sujeito,  
Hierusalem, sem te ver,  
A voz, quando a mover,  
Se me congele no peito;  
A minha lingua se apegue  
Ás fauces, pois te perdi,  
Se em quanto viver assi  
Houver tempo, em que te negue,  
Ou que me esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de gloria,  
Se eu nunca vi tua essencia,  
Como me lembras na ausencia,  
Não me lembras na memoria,

Senão na reminiscencia?  
Que a alma é táboa rasa,  
Que com a escripta doutrina  
Celeste tanto imagina,  
Que vóa da propria casa,  
E sobe á patria divina.

Não é logo a saudade  
Das terras onde nasceu  
A carne, mas é do Ceo,  
D'aquella santa Cidade,  
D'onde esta alma descendeu.  
E aquella humana figura,  
Que cá me póde alterar,  
Não é quem se ha de buscar;  
É raio da formosura,  
Que só se deve de amar.

Que os olhos, e a luz que ateia  
O fogo que cá sujeita,  
Não do Sol, mas da candeia,  
É sombra d'aquella ideia,  
Que em Deos está mais perfeita.  
E os que cá me captivaram,  
São poderçosos affeitos  
Que os corações têm sujeitos;  
Sophistas, que me ensinaram  
Mãos caminhos por direitos.

D'estes o mando tyranno  
Me obriga com desatino  
A cantar ao som do damno  
Cantares de amor profano,  
Por versos de amor divino.

Mas eu, lustrado co' o santo  
Raio na terra de dor,  
De confusões, e de espanto,  
Como hei de cantar o canto,  
Que só se deve ao Senhor?

Tanto póde o beneficio  
Da graça que dá saude,  
Que ordena que a vida mude:  
E o que eu tomei por vicio,  
Me faz gráo para a virtude;  
E faz que este natural  
Amor, que tanto se préza,  
Suba da sombra ao real,  
Da particular belleza  
Para a belleza geral.

Fique logo pendurada  
A fruta com que tangi,  
Ó Hierusalem sagrada,  
E tome a lyra dourada  
Para só cantar de ti.  
Não captivo e forrolhado  
Na Babylonia infernal,  
Mas dos vicios desatado,  
E cá d'esta a ti levado,  
Patria minha natural.

E se eu mais der a cerviz  
A mundanos accidentes,  
Duros, tyrannos, e urgentes,  
Risque-se quanto já fiz  
Do gráo livro dos viventes.  
E tomando já na mão



A lyra santa, e capaz  
De outra mais alta invenção,  
Cale-se esta confusão,  
Cante-se a visão de paz.

Ouçame o Pastor e o Rei,  
Retumbe este accento santo,  
Mova-se no Mundo espanto;  
Que do que já mal cantei  
A palinodia já canto.  
A vós só me quero ir,  
Senhor e grão Capitão  
Da alta torre de Sião,  
Á qual não posso subir,  
Se me vós não dais a mão.

No grão dia singular,  
Que na lyra em douto som  
Hierusalem celebrar,  
Lembrae-vos de castigar  
Os ruins filhos de Edom.  
Aquelles que tintos vão  
No pobre sangue innocente,  
Soberbos co'o poder vão,  
Arrazae-os igualmente:  
Conheçam que humanos são.

E aquelle poder tão duro  
Dos affectos com que venho,  
Que incendem alma e engenho;  
Que já me entraram o muro  
Do livre arbitrio que tenho;  
Estes, que tão furiosos  
Gritando vêm a escalar-me,

Mãos espiritos damnosos,  
Que querem como forçosos  
Do alicerce derribar-me;  
Derribae-os, fiquem sós,  
De forças fracos, imbelles;  
Porque não podemos nós,  
Nem com elles ir a vós,  
Nem sem vós tirar-nos d'elles.  
Não basta minha fraqueza  
Para me dar defensão,  
Se vós, santo Capitão,  
Nesta minha Fortaleza  
Não puzerdes guarnição.

E tu, ó carne, que encantas,  
Filha de Babel tão feia,  
Toda de miseria cheia,  
Que mil vezes te levantas  
Contra quem te senhoreia;  
Beato só póde ser  
Quem co'a ajuda celeste  
Contra ti prevalecer,  
E te vier a fazer  
O mal que lhe tu fizeste:

Quem com disciplina crua  
Se fere mais que uma vez;  
Cuja alma, de vicios nua,  
Faz nodas na carne sua,  
Que já a carne n'alma fez.  
E beato quem tomar  
Seus pensamentos recentes,  
E em nascendo os afogar,

Por não virem a parar  
Em vícios graves e urgentes:

Quem com elles logo der  
Na pedra do furor santo,  
E batendo os desfizer  
Na Pedra, que veio a ser  
Emfim cabeça do canto:  
Quem logo, quando imagina  
Nos vícios da carne má,  
Os pensamentos declina  
Áquella Carne divina,  
Que na Cruz esteve já.

Quem do vil contentamento  
Cá d'este Mundo visibil,  
Quanto ao homem for possibil,  
Passar logo entendimento  
Para o Mundo intelligibil;  
Alli achará alegria  
Em tudo perfeita, e cheia  
De tão suave harmonia,  
Que nem por pouca recreia,  
Nem por sobeja enfastia.

Alli verá tão profundo  
Mysterio na summa Alteza,  
Que, vencida a natureza,  
Os móres faustos do Mundo  
Julgue por maior baixaza.  
Ó tu, divino aposento,  
Minha patria singular,  
Se só com te imaginar,  
Tanto sobe o entendimento,

Que fará se em ti se achar?

Ditoso quem se partir  
Para ti, terra excellente,  
Tão justo, e tão penitente,  
Que depois de a ti subir,  
Lá descanse eternamente!

---

CARTA A UMA DAMA

Querendo escrever um dia  
O mal, que tanto estimei,  
Cuidando no que poria,  
Vi Amor que me dizia:  
Escreve, que eu notarei.  
E como para se ler  
Não era historia pequena  
A que de mi quiz fazer,  
Das azas tirou a penna  
Com que me fez escrever.

E, logo como a tirou,  
Me disse: Aviva os espiritos:  
Que pois em teu favor sou,  
Esta penna, que te dou,  
Fará voar teus escriptos.  
E dando-me a padecer  
Tudo o que quiz que puzesse,  
Pude emfim d'elle dizer,  
Que me deu com que escrevesse

O que me deu a escrever.

Eu, que este engano entendi,  
Disse-lhe: Que escreverei?  
Respondeu, dizendo assi:  
Altos effeitos de ti,  
E d'aquella a quem te dei.  
E já que manifesto  
Todas minhas estranhezas,  
Escreve, pois que te prézas,  
Milagres de um claro gesto,  
E de quem o viu, tristezas.

Ah Senhora, em quem se apura  
A fé de meu pensamento!  
Escutae e estae attento,  
Que com vossa formosura  
Iguala amor meu tormento.  
E, postoque tão remota  
Estejais de me escutar  
Por me não remediar,  
Ouvi, que pois amor nota,  
Milagres são de notar.

Escrevem varios Auctores,  
Que junto da clara fonte  
Do Ganges, os moradores  
Vivem do cheiro das flores  
Que nascem naquelle monte.  
Se os sentidos podem dar  
Mantimento ao viver,  
Não é logo de espantar,  
Se estes vivem de cheirar,  
Que viva eu só de vos ver.

Uma arvore se conhece,  
 Que na geral alegria  
 Ella tanto se entristece,  
 Que, como é noite, florece,  
 E perde as flores de dia.  
 Eu, que em ver-vos sinto o preço  
 Que em vossa vista consiste,  
 Em a vendo me entristeço,  
 Porque sei que não mereço  
 A gloria de ver-me triste.

Um Rei de grande poder  
 Com veneno foi criado,  
 Porque, sendo costumado,  
 Não lhe pudesse empecer,  
 Se depois lhe fosse dado.  
 Eu, que criei de pequena  
 A vista a quanto padece,  
 D'esta sorte me acontece,  
 Que não me faz mal a pena,  
 Senão quando me fallece.

Quem da doença real  
 De longe enfermo se sente,  
 Por segredo natural  
 Fica são vendo sómente  
 Um volatil animal.  
 Do mal, que amor em mi cria.  
 Quando aquella Phenix vejo,  
 São de todo ficaria;  
 Mas fica-me hydropesia,  
 Que quanto mais, mais desejo.

.....



Querendo amor sustentar-se,  
Fez uma vontade esquiva  
De uma estatua namorar-se:  
Depois, por manifestar-se,  
Converteu-a em mulher viva.  
De quem me irei eu queixando,  
Ou quem direi que me engana  
Se vou seguindo, e buscando  
Uma imagem, que de humana  
Em pedra se vá tornando?

De uma fonte se sabia,  
Da qual certo se provava,  
Que quem sobre ella jurava,  
Se falsidade dizia,  
Dos olhos logo cegava.  
Vós, que minha liberdade,  
Senhora, tyrannizais,  
Injustamente mandais,  
Quando vos fallo verdade,  
Que vos não possa ver mais.

Da palma se escreve e canta  
Ser tão dura e tão forçosa,  
Que peso não a quebranta,  
Mas antes, de presumpçosa,  
Com elle mais se levanta.  
Co' o peso do mal que dais,  
A constancia que em mi vejo,  
Não sómente m'a dobrais,  
Mas dobra-se meu desejo,  
Com que então vos quero mais.  
Se alguém os olhos quizer

Às andorinhas quebrar,  
Logo a mãe, sem se deter,  
Uma herva lhe vai buscar  
Que lhes faz outros nascer.  
Eu que os olhos tenho attento  
Nos vossos, que estrellas são,  
Cegam-se os do entendimento;  
Mas nascem-me os da razão  
De folgar com meu tormento.

Lá para onde o Sol sahe,  
Descobrimos, navegando,  
Um novo rio admirando,  
Que o lenho que nelle cahe,  
Em pedra se vai tornando.  
Não se espantem d'isto as gentes;  
Mais razão será que espante  
Um coração tão possante,  
Que com lagrimas ardentes  
Se converte em diamante.

Póde um mudo nadador  
Na linha, e canna influir  
Tão venenoso vigor,  
Que faz mais não se bulir  
O braço do pescador.  
Se começam de beber  
D'este veneno excellente  
Meus olhos, sem se deter,  
Não se sabem mais mover  
A nada que se apresente.

Isto são claros signaes  
Do muito que em mi podeis,


Nem podeis desejar mais,  
Que se ver-vos desejais,  
Em mi claro vos vereis.  
E quereis ver a que fim,  
Em mi tanto bem se poz?  
Porque quiz amor assim,  
Que por vos verdes a vós,  
Tambem me visseis a mim.

Dos males que me ordenais,  
Que inda tenho por pequenos,  
Sabei, se m'os escutais,  
Que já não sei dizer mais,  
Nem vós podeis saber menos.  
Mas já que a tanto tormento  
Não se acha quem resista,  
Eu, Senhora, me contento  
De terdes meu soffrimento  
Por alvo de vossa vista.

Quantos contrarios consente  
Amor, por mais padecer;  
Que aquella vista excellente,  
Que me faz viver contente,  
Me faça tão triste ser.  
Mas dou este entendimento  
Ao mal, que tanto me offende,  
Como na véla se entende,  
Que se se apaga co'o vento,  
Co'o mesmo vento se accende.

Experimentou-se algum'hora,  
D'ave que chamam Camão,  
Que se da casa, onde mora,

Vê adultera Senhora,  
Morre de pura paixão:  
A dor é tão sem medida  
Que remedio lhe não val.  
Mas oh ditoso animal,  
Que póde perder a vida,  
Quando vê tamanho mal!  
- Nos gostos de vos querer  
Estava agora enlevado,  
Senão fora salteado  
Das lembranças de temer  
Ser por outrem desamado.  
Estas suspeitas tão frias,  
Com que o pensamento sonha,  
São assi como as harpias,  
Que as mais doces iguarias  
Vão converter em peçonha.  
Faz-me este mal infinito,  
Não poder jámais dizer,  
Por não vir a corromper  
Os gostos que tenho escripto,  
Co'os males que hei de escrever.  
Não quero que se apregôe  
Mal tanto para encobrir,  
Porque em quanto aqui se ouvir,  
Nenhuma outra cousa soe,  
Que a gloria de vos servir.





# ESTANCIAS

(ESCOLHIDAS)





## ESTANCIAS

---

### I

Quem póde ser no Mundo tão quieto?  
Ou quem terá tão livre o pensamento?  
Quem tão exprimentado, ou tão discreto?  
Tão fóra, emfim, de humano entendimento,  
Que ou com publico effeito, ou com secreto,  
Lhe não revolva, e espante o sentimento,  
Deixando-lhe o juizo quasi incerto,  
Ver, e notar do Mundo o desconcerto?

### II

Quem ha que veja aquelle que vivia  
De latrocínios, mortes, e adulterios,  
Que ao juizo das gentes merecia  
Perpétua pena, immensos vituperios;  
Se a fortuna em contrario o seva, e guia,  
Mostrando, emfim, que tudo são mysterios  
Em alteza de estados triumphante,  
Que por livre que seja não se espante?

## III

Quem ha que veja aquelle que tão clara  
Teve a vida, que em tudo por perfeito  
O proprio Momo ás gentes o julgára,  
Inda quando lhe visse aberto o peito;  
Se a má fortuna, ao bem sómente avara,  
O reprime, e lhe nega seu direito,  
Que lhe não fique o peito congelado,  
Por mais, e mais, que seja experimentado?

## IV

Demócrito dos deoses proferia  
Que eram sós dous; a Pena, e Beneficio.  
Segredo algum será da phantasia,  
De que eu achar não posso claro indicio.  
Que se ambos vêm por não cuidada via  
A quem os não merece, é grande vicio  
Em deoses sem justiça, e sem razão.  
Mas Demócrito o disse, e Paulo não.

## V

Dir-me-heis, que se este estranho desconcerto  
Novamente no Mundo se mostrasse,  
Que por livre que fosse, e mui experto,  
Não era de espantar se me espantasse.  
Mas que se já de Socrates foi certo,  
Que nenhum grande caso lhe mudasse  
O vulto, (ou de prudente, ou de constante)  
Exemplo tome d'elle, e não me espante.

## VI

Parece a razão boa; mas eu digo  
 D'este uso da fortuna tão damnado,  
 Que quanto é mais usado, e mais antigo,  
 Tanto é mais estranho, e blasphemado.  
 Porque se o Ceo, das gentes tão amigo,  
 Não dá á fortuna tempo limitado,  
 Bem é para causar um grande espanto,  
 Que mal tão mal olhado dure tanto.

## VII

Outro espanto maior aqui me enlêa;  
 Que com quanto fortuna tão profana  
 Com estes desconcertos senhorêa,  
 A nenhuma pessoa desengana.  
 Não ha ninguem que assente, nem que crêa  
 Este discurso vão da vida humana,  
 Por mais que philosophe, nem que entenda,  
 Que algum pouco do Mundo não pretenda.

## VIII

Diogenes pisava de Platão  
 Com seus sórdidos pés o rico estrado,  
 Mostrando outra mais alta presumpção  
 Em desprezar o fausto tão prezado.  
 Diogenes, não vês que extremos são  
 Esses que segues de mais alto estado?  
 Pois se de desprezar te prézas muito,  
 Já pretendes do Mundo fama, e fruto.

## IX

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo  
É fartar esta sede cubiçosa  
De querer dominar, e mandar tudo,  
Com fama larga, e pompa sumptuosa.  
Deixo aquelles que tomam por escudo  
De seus vicios, e vida vergonhosa,  
A nobreza de seus antecessores,  
E não cuidam de si que são peores.

## X

Aquelle deixo, a quem do somno esperta  
O grão favor do Rei que serve, e adora,  
E se mantém d'esta aura falsa, e incerta,  
Que de corações tantos é senhora.  
Deixo aquelles que estão co'a bocca aberta  
Por se encher de thesouros de hora em hora;  
Doentes d'esta falsa hydropesia,  
Que quanto mais alcança, mais queria.

## XI

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,  
A que já não ha alguém que contradiga;  
Nem de outra cousa alguma é governado,  
Que de uma opinião, e usança antiga.  
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,  
Ora a Platão divino, que me diga,  
Este das muitas terras em que andou,  
Aquelle de vencel-as, que alcançou?

## XII

Cesar dirá: Sou digno de memoria,  
Vencendo povos varios, e esforçados:  
Fui Monarca do Mundo; e larga historia  
Ficará de meus feitos sublimados.  
É verdade: mas esse mando, e gloria,  
Lograste-o muito tempo? Os conjurados  
Bruto, e Cassio dirão, que se venceste,  
Emfim, emfim, ás mãos dos teus morreste.

## XIII

Dirá Platão: Por ver o Etna, e o Nilo,  
Fui a Sicilia, a Egypto, e outras partes,  
Só por ver, e escrever em alto estylo  
Da natural sciencia em muitas artes.  
O tempo é breve, e queres consumil-o,  
Platão, todo em trabalhos; e repartes  
Tão mal de teu estudo as breves horas,  
Que, emfim, do falso Phebo o filho adoras?

## XIV

Pois quantos des que vive já apartada  
A alma d'esta prisão terrestre, e escura,  
Está em tamanhas cousas occupada,  
Que da fama que fica nada cura.  
E se o corpo terreno sintá nada  
O Cynico dirá se por ventura  
No campo onde lançado morto estava  
De si os cães, ou as aves, enxotava.



## XV

Quem tão baixa tivesse a phantasia,  
Que nunca em mores cousas a mettesse  
Que em só levar seu gado á fonte fria,  
E mugir-lhe do leite que bebesse!  
Quão bemaventurado que seria,  
Que por mais que a fortuna revolvesse,  
Nunca em si sentiria maior pena,  
Que pezar-lhe de a vida ser pequena!

## XVI

Veria erguer do Sol a róxa face,  
Veria correr sempre a clara fonte,  
Sem imaginar a agua donde nasce,  
Nem quem a luz occulta no Horizonte:  
Tangendo a fruta donde o gado paze,  
Conheceria as hervas do alto monte:  
Em Deos creeria simples, e quieto,  
Sem mais especular algum secreto.

## XVII

De um certo Trasilao se lê, e escreve,  
Entre as cousas da velha Antiguidade,  
Que perdido grão tempo o siso teve,  
Por causa de uma grave enfermidade:  
E em quanto de si fóra doudo esteve,  
Tinha por teima, e cria por verdade,  
Que eram suas, das náos que navegavam,  
Quantas no porto Pireo ancoravam.

## XVIII

Por um Senhor mui grande se teria,  
(Além da vida alegre que passava)  
Pois nas que se perdiam não perdia,  
E das que vinham salvas se alegrava.  
Não tardou muito tempo, quando um dia  
Hunerito, seu irmão, que ausente estava,  
Chegando á patria, quando o viu perdido,  
Do fraternal amor foi commovido.

## XIX

Aos Medicos o entrega, e com aviso  
O faz estar á cura refusada.  
Triste, que por tornar-lhe o antigo siso  
Lhe tira a doce vida descansada!  
As hervas Apollineas de improviso  
O tornam á saude já passada.  
Sisudo Trasilao, ao caro irmão  
Agradece a vontade, a obra não.

## XX

Porque depois de ver-se no perigo  
Do trabalho a que o siso o obrigava;  
E depois de não ver o estado antigo,  
Que a louca presumpção lhe presentava:  
Ó inimigo irmão, com côr de amigo;  
Para que me tiraste (suspirava)  
Da mais quieta vida, e livre em tudo,  
Que nunca pôde ter algum sisudo?

## XXI

Por qual Senhor algum eu me trocára,  
Ou por qual algum Rei de mais grandeza?  
Que me dava que o Mundo se acabára,  
Ou que a ordem mudasse a natureza?  
Agora me é penosa a vida cara:  
Sei que cousa é trabalho, e que tristeza.  
Torna-me a meu estado; que eu te aviso  
Que na doudice só consiste o siso.

## XXII

Vêdes aqui, Senhor, bem claramente  
Como a fortuna em todos tem poder,  
Senão só no que menos sabe, e sente,  
Em quem nenhum desejo pôde haver:  
Este se pôde rir da cega gente;  
Neste não pôde nada acontecer;  
Nem estará suspenso na balança  
Do temor máo da perfida esperança.

## XXIII

Mas se o sereno Ceo me concedera  
Qualquer quieto, humilde, e doce estado,  
Onde com minhas Musas só vivera,  
Sem ver-me em terra alhêa degradado;  
E alli outrem ninguem me conhecêra,  
Nem conhecêra eu outro mais honrado,  
Senão a vós, também, como eu, contente,  
Que bem sei que o serieis facilmente:

## XXIV

E ao longo de uma clara, e pura fonte,  
Que em borbulhas nascendo convidasse  
Ao doce passarinho, que nos conte  
Quem da cara consorte o apartasse:  
Despois, cobrindo a neve o verde monte,  
Ao gasalhado o frio nos levasse,  
Avivando o juizo ao doce estudo,  
Mais certo manjar da alma, emfim, que tudo:

## XXV

Cantára-nos aquelle que tão claro  
O fez o fogo da arvore Phebea,  
A qual elle em estylo grande, e raro,  
Louvando, o crystallino Sorga enfrêa,  
Tangéra-nos na fruta Sanazaro,  
Ora nos montes, ora por a arêa:  
Passára celebrando o Tejo ufano  
O brando, e doce Lasso Castelhana:

## XXVI

E comnosco tambem se achára aquella,  
Cuja lembrança, e cujo claro gesto,  
Na alma sómente vejo, porque nella  
Está em essencia puro, e manifesto,  
Por alta influicção de minha estrella  
Mitigando o rigor do peito honesto,  
Entretecendo rosas nos cabellos,  
De que tomasse a luz o Sol em vellos:

## XXVII

E em quanto por Verão flores colhesse,  
Ou por Inverno a fogo accommodado,  
O que de mi sentira nos dissesse,  
De puro amor o peito salteado;  
Não pedira então eu, que amor me dêsse  
Do insano Trasilao o doudo estado,  
Mas que alli me dobrasse o entendimento,  
Por ter de tanto bem conhecimento.

## XXVIII

Mas por onde me leva a phantasia?  
Porque inagino em bemaventuranças,  
Se tão longe a fortuna me desvia,  
Que inda não me consente as esperanças?  
Se um novo pensamento amor me cria,  
Onde o logar, o tempo, as esquivanças  
Do bem, me fazem tão desamparado,  
Que não pôde ser mais que imaginado?

## XXIX

Fortuna, emfim, co' o amor se conjurou  
Contra mi, porque mais me magoasse:  
Amor a um vão desejo me obrigou,  
Só para que a fortuna m' o negasse:  
O tempo a tal estado me chegou,  
E nelle quiz que a vida se acabasse;  
Se ha em mi acabar-se, o que eu não creio;  
Que até da minha vida me receio.

---

# VOLTAS

(ESCOLHIDAS)





## VOLTAS

---

### MOTIVO ALHEO

Vós, Senhora, tudo tendes,  
Senão que tendes os olhos verdes.

### VOLTAS

Dotou em vós natureza  
O summo da perfeição;  
Que o que em vós é senão,  
É em outras gentileza:  
O verde não se despreza,  
Que, agora que vós o tendes,  
São bellos os olhos verdes.

Ouro e azul é a melhor  
Côr, por que a gente se perde;  
Mas a graça d'esse verde  
Tira a graça a toda côr.  
Fica agora sendo a flor  
A côr, que nos olhos tendes,  
Porque são vossos e verdes.

---

## MOTIVO ALHEO

Perdigão perdeu a penna,  
Não ha mal que lhe não venha.

## VOLTAS

Perdigão, que o pensamento  
Subiu a um alto lugar,  
Perder a penna de voar,  
Ganha a pena do tormento:  
Não tem no ar, nem no vento,  
Azas com que se sustenha:  
Não ha mal que lhe não venha.

Quiz voar a uma alta torre,  
Mas achou-se desasado;  
E vendo-se despennado,  
De puro penado morre.  
Se a queixumes se soccorre,  
Lança no fogo mais lenha:  
Não ha mal que lhe não venha.

---

Quem ora soubesse  
Onde o Amor nasce,  
Que o semeasse!

## VOLTAS

D'Amor e seus damnos  
Me fiz lavrador;  
Semeava amor,  
E colhia enganos;  
Não vi, em meus annos,  
Homem que apanhasse  
O que semeasse.

Vi terra florída  
De lindos abrolhos,  
Lindos para os olhos,  
Duros para a vida.  
Mas a rez perdida,  
Que tal herva pasce,  
Em forte hora nasce.

Com quanto perdi,  
Trabalhava em vão:  
Se semeei grão,  
Grande dor colhi.  
Amor nunca vi  
Que muito durasse,  
Que não magoasse.

## MOTE

Irme quiero, madre,  
A aquella galera,  
Con el marinero,  
A ser marinera.

## VOLTAS PROPRIAS

Madre, si me fuere,  
Do quiera que vô,  
No lo quiero yo,  
Que el Amor lo quiere.  
Aquel niño fiero,  
Hace que me muera  
Por un marinero  
A ser marinera.

El que todo puede,  
Madre, no podrá,  
Pues el alma vá,  
Que el cuerpo se quede.  
Con el porque muero  
Voy, porque no muera;  
Que si es marinero,  
Seré marinera.

Es tirana ley  
Del niño Señor,  
Que por un amor  
Se deseche un Rey.

Pues desta manera  
Quiere,irme quiero  
Por un marinero  
A ser marinera.

Dezid, ondas, quando  
Vistes vos donzella,  
Siendo tierna y bella,  
Andar navegando?  
Mas que no se espera  
De aquel niño fiero?  
Vea yo quien quiero,  
Sea marinera.

---

MOTE

Se Helena apartar  
Do campo seus olhos,  
Nascerão abrolhos.

VOLTAS

A verdura amena,  
Gados, que pasceis,  
Sabei que a deveis  
Aos olhos de Helena.  
Os ventos serena,  
Faz flores de abrolhos  
O ar de seus olhos.



Faz serras floridas,  
Faz claras as fontes:  
Se isto faz nos montes.  
Que fará nas vidas?  
Tral-as suspendidas,  
Como hervas em mólhos,  
Na luz de seus olhos.

Os corações prende  
Com graça inhumana;  
De cada pestana  
Uma alma lhe pende.  
Amor se lhe rende,  
E posto em giolhos,  
Pasma nos seus olhos.

---

MOTE ALHEO

Verdes são os campos  
De côr de limão;  
Assi são os olhos  
Do meu coração.

VOLTAS

Campo, que te estendes  
Com verdura bella;  
Ovelhas, que nella

Vosso pasto tendes;  
De hervas vos mantendes  
Que traz o Verão;  
E eu das lembranças  
Do meu coração.

Gados, que pasceis  
Com contentamento,  
Vosso mantimento  
Não o entendeis.  
Isso que comeis,  
Não são hervas, não.  
São graça dos olhos  
Do meu coração.

---

MOTE ALHEO

Verdes são as hortas,  
Com rosas, e flores:  
Moças, que as regam,  
Matam-me d'amores.

VOLTAS

Entre estes penedos,  
Que d'aqui parecem,  
Verdes hervas crescem,  
Altos arvoredos.

Vai d'estes rochedos  
Agua, com que as flores,  
D'outras são regadas,  
Que matam de amores.

Com agua, que cai  
D'aquella espessura,  
Outra se mistura,  
Que dos olhos sai:  
Toda junta vai  
Regar brancas flores,  
Onde ha outros olhos,  
Que matam de amores.

Celestes jardins,  
As flores estrellas:  
Hortelôas d'ellas,  
São uns seraphins:  
Rosas, e jasmins,  
De diversas côres,  
Anjos, que as regam,  
Matam-me d'amores.

---

## CANTIGA VELHA

Sois formosa, e tudo tendes,  
Senão que tendes os olhos verdes.

## VOLTAS

Ninguém vos póde tirar  
Serdes tão bem assombrada;  
Mas heis-me de perdoar,  
Que os olhos não valem nada.  
Fostes mal aconselhada  
Em querer que fossem verdes,  
Trabalhae de os esconderdes.

A vossa testa é jardim,  
Aonde amor se desenfada;  
É tão branca, e bem talhada,  
Que parece de marfim.  
Assi é; e quanto a mim,  
Isso vos nasce de a terdes  
Tão perto dos olhos verdes.

Os cabellos desatados  
O mesmo sol escurecem;  
Senão que por serem ondados,  
Algum tanto desmerecem:  
Mas á fé, que se parecem  
A furto dos olhos verdes,  
Não vos peze, não, de os terdes.

As pestanas têm mostrado

Ser raios, que abraçam vidas;  
 Se não foram tão compridas,  
 Tudo o mais era pintado:  
 Ellas me tinham levado  
 A alma, sem o vós saberdes,  
 Se não foram os olhos verdes.

.....

Esse riso, que é composto  
 De quantas graças nasceram,  
 Senão que alguns me disseram,  
 Vos faz covinhas no rosto.  
 Na vontade tenho posto  
 Dar-vos a alma, se quizerdes,  
 A trôco dos olhos verdes.

Nunca se viu, nem se escreve  
 Bocca co'uma graça igual,  
 Se não fôra de coral,  
 E os dentes de côr de neve.  
 Dou-me eu a Deos, que me leve,  
 Soffrerei quanto tiverdes,  
 Não me tenhais olhos verdes.

Essa garganta merece  
 Outras palavras não minhas,  
 Senão que feita em rosquinhas  
 De alfenim, o que parece.  
 Eu sei bem quem se offerece  
 A tomar tudo o que tendes,  
 E também os olhos verdes.

Essas mãos são ferropas,  
 Só o vel-as enfeitiça;  
 Senão que são alvas, cheias,

E têm a feição roliça;  
 Com que appellais por justiça,  
 Para com ellas prenderdes  
 Quem vê vossos olhos verdes.

A vossa galantaria  
 Matará a quem fallardes:  
 Tendes uns desdens e tardes,  
 Que eu logo vos roubaria.  
 Oh dou-me a Santa Maria,  
 Sou cujo de quanto tendes,  
 E tambem d'esses olhos verdes.

---

**MOTE**

Descalça vai para a fonte  
 Leonor pela verdura;  
 Vai formosa, e não segura.

**VOLTAS**

Leva na cabeça o pote,  
 O testo nas mãos de prata,  
 Cinta de fina escarlata,  
 Sainho de chamalote:  
 Traz a vasquinha de cote,  
 Mais branca que a neve pura;  
 Vai formosa, e não segura.



Descobre a touca a garganta,  
Cabellos de ouro entrançado,  
Fita de côr de encarnado,  
Tão linda que o Mundo espanta:  
Chove nella graça tanta,  
Que dá graça á formosura;  
Vai formosa, e não segura.



ENDEIXAS



## ENDECHAS A BARBARA ESCRAVA

---

Aquella captiva,  
Que me tem captivo,  
Porque nella vivo,  
Já não quer que viva.  
Eu nunca vi rosa  
Em suaves mólhos,  
Que para meus olhos  
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,  
Nem no Ceo estrellas,  
Me parecem bellas,  
Como os meus amores.  
Rosto singular,  
Olhos socegados,  
Pretos e cansados,  
Mas não de matar.

Uma graça viva,  
Que nelles lhe mora,  
Para ser Senhora  
De quem é captiva.

Pretos os cabellos,  
Onde o povo vão,  
Perde opinião,  
Que os louros são bellos.

Pretidão de amor,  
Tão doce a figura  
Que a neve lhe jura  
Que trocará a côr.  
Léda mansidão,  
Que o siso acompanha:  
Bem parece estranha,  
Mas Barbara não.

Presença serena,  
Que a tormenta amansa:  
Nella emfim descansa  
Toda minha pena.  
Esta é a captiva,  
Que me tem captivo;  
E pois nella vivo,  
É força que viva.

---

## MOTE

**L**ume d'esta vida  
**D**eja-me esse lume  
**P**á que se presume  
**S**em o ver perdida.

## VOLTA

**C**oncedei luz tal  
**V** quem vós cegastes,  
**M**oda me tirastes  
**E**ssa só me val:  
**R**azão é querida  
**P**á vir do alto cume  
**N**orte de tal lume  
**V** alma tão perdida.

**D**esatando hide  
**E**sta treva escura  
**V**urora onde pura  
**M**oda luz reside:  
**V**y que atada a vida  
**P**á com esse lume  
**D**eixa o seu queixume  
**E**stima-se por perdida.





## ADDITAMENTO

---

CCXXXIV

Oh quanto melhor é o supremo dia  
Da mansa morte, que o do nascimento!  
Oh quanto melhor é um só momento,  
Que livre de annos tantos de agonia!

De alcançar outro bem cesse a porfia;  
Cesse todo applicado pensamento  
De tudo quanto dá contentamento,  
Pois só contenta ao corpo a terra fria.

O que do seu fez Deus seu despenseiro,  
Tem mais estreita conta que lhe dar:  
Então parece rico o ovelheiro.

Triste de quem no dia derradeiro,  
Tem o suor alheo por pagar,  
Pois a alma ha de vender por o dinheiro!

---

## CCCXXXIX

O dia, e hora em que naci moura e pereça,  
Não o queira jámais o tempo dar,  
Não torne mais ao mundo, e se tornar  
Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se escureça,  
Mostre o mundo sinaes de se acabar,  
Naçam-lhe monstros, sangue chova o ar,  
A mãe ao proprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas de ignorantes,  
As lagrimas no rosto, a côr perdida,  
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Oh gente temerosa, não te espantes,  
Que este dia deitou ao mundo a vida  
Mais desgraçada que jámais se viu!



## NOTA FINAL

A nota, que se lê no fim da pag. 173, é textualmente transcripta da edição de Faria e Sousa, porém não nos conformamos completamente com a opinião alli emittida, como já dissemos na introducção.

---

Apezar de todo o cuidado que pozemos em mais apurar esta selecção, ainda assim foram impressas algumas poesias, que, tendo o seu merecimento relativo, não nos parecem comtudo das mais primorosas, e que teriamos eliminado, se tivessesmos podido rever mais pausadamente esta publicação. Mas bem pouco seria o que teriamos a omittir.

---

# INDICE

---

|                                                                          | Pag. |
|--------------------------------------------------------------------------|------|
| AO ILL. <sup>mo</sup> E EX. <sup>mo</sup> SR. VISCONDE DE JERUMENHA..... | III  |
| AO LEITOR.....                                                           | IX   |
| INTRODUCCÃO.....                                                         | XIII |
| SONETOS.....                                                             | 1    |
| CANÇÕES.....                                                             | 33   |
| ODES.....                                                                | 55   |
| ELEGIAS.....                                                             | 77   |
| ECLOGAS.....                                                             | 123  |
| REDONDILHAS.....                                                         | 171  |
| ESTANCIAS.....                                                           | 193  |
| VOLTAS.....                                                              | 205  |
| ENDEIXAS.....                                                            | 219  |
| ADDITAMENTO.....                                                         | 224  |
| NONA FINAL.....                                                          | 226  |

---



PQ  
9196  
L9  
1876

Camões, Luiz de  
Poesias lyricas selectas

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 04 07 10 005 9